

Perigoso Desafio

Cait London

Momentos Íntimos Extra - 2 Histórias

Título Original: "The Pendragon Vírus"

Publicado originalmente em: 1990

O empresário Sam Loring tranca a porta de seu escritório e se aproxima de Dallas, os olhos brilhando de excitação. Em pânico, ela tenta recuar.

Mas, em contato com os músculos retesados, é invadida pelo calor inebriante da força dele e só consegue emitir um gemido rouco de puro prazer...

Dallas ousou desafiá-lo nos negócios e, agora, terá de enfrentar a ira do arrogante magnata. E o poder de sua masculinidade!

Digitalização: Palas Atenéia

Revisão: Palas Atenéia



CAPÍTULO I

Sam Loring sempre seguia uma regra fundamental: localizar os problemas com rapidez e chegar a seu âmago. Acomodando seu metro e noventa de altura na cadeira de metal dobrável, cruzou os braços sobre o peito e examinou a sala de conferências com o ar de um lutador que viera estudar seu oponente.

A chuva batia nas janelas com um ruído mais suave que a conversa ao seu redor. O céu plúmbeo e o ar úmido e gelado eram típicos de Seattle no princípio de dezembro e combinavam com o humor negro de Sam. Relanceando os olhos pelas trinta e poucas pessoas presentes, descobriu o rosto que figurava no folheto de propaganda. Observando-o com atenção, respirou fundo. Dallas Pendragon precisava ser tirada do jogo, do jogo dele.

Alguns poucos executivos jovens destacavam-se na sala predominantemente feminina. O fato de ser o único homem mais velho numa sala de mulheres excitadas não o incomodava nem um pouco. Sua equipe, na Brice Cleansers Company, fora atacada por um contagioso vírus empresarial e Sam tencionava erradicá-lo. O fato de as festas de Natal e Ano Novo estarem próximas não contava.

Massageou o abdome liso numa vã tentativa de diminuir a dor ameaçadora. Lembrou-se do telefonema que recebera logo de manhã e franziu a testa. Um concorrente quase lhe arrebatara um contrato bem sob seu nariz e perdera um tempo enorme tentando formular uma oferta mais atraente. Convencer o comprador custara-lhe uma hora preciosa.

Sentindo a tensão crescente, Sam Loring mexeu os ombros num movimento lento. Seu gerente de vendas ficara ansioso demais para conseguir aquele contrato para o fornecimento de sabonetes para os toaletes de uma cadeia de lojas e esquecera-se de apresentar uma importante característica do frasco automático. O erro não se repetiria, refletiu sombriamente. Chamara Johnson a sua sala às sete da manhã.

Enfiando um tablete de antiácido na boca, Sam triturou-o com os dentes. Aos quarenta e seis anos, conseguira sobreviver a um divórcio sórdido e a umas poucas batalhas corporativas. Ao longo do caminho, perdera o falar arrastado de sulista dos montes Apalaches e reconstruía uma empresa falida.

Pôs um dedo no colarinho, puxando-o numa tentativa de aliviar a pressão sobre os músculos tensos do pescoço. Estava convencido de que poderia sobreviver ao vírus Pendragon.

A imaginativa proprietária e conferencista daquela escola de combate ao stress ocupacional quase levava seus duzentos empregados administrativos a um motim. A maior parte dessa equipe era formada por profissionais leais e bem treinados. Mas, de algum modo, Dallas Pendragon conseguira agitar aquelas águas calmas como um maremoto. Era uma incendiária decidida, ele concluiu ao observar a mulher alta e esbelta que subia ao palco.

Dallas Pendragon tinha idade suficiente para ser perigosa: uns trinta e tantos anos. Percebendo-lhe a linha forte do queixo, Sam remexeu-se em sua cadeira, pouco à vontade. Toda a aparência daquela mulher denotava a profissional devotada, uma espécie que ele evitava com todo o cuidado.

Podia quase sentir a eletricidade que emanava de onde Dallas se encontrava, no meio da sala. Com um microfone portátil preso ao blazer azul-marinho com finas listrinhas brancas, ela dominava o ambiente. Sam quase sentia o perigoso vírus surgir, atacando-o.

Os cabelos sedosos, cortados na altura do ombro, balançavam enquanto ela caminhava pelo pequeno palco, preparando-se para a conferência. Era um movimento sensual e macio, como a seda roçando. Mas a cor de cobre queimado provavelmente denunciava um temperamento explosivo.

Arrumando rapidamente alguns livros, manuais e fitas gravadas sobre a mesa, ela consultou o relógio. Sam mudou de posição na cadeira, sentindo-se desconfortável ao notar a conduta altamente profissional daquela mulher.

Dallas Pendragon era uma bruxa de pernas longas, realçadas pela saia justa ao atravessar o palco para ajustar o microfone. Tinha o passo leve de uma atleta e não de uma mulher que passava o dia sentada numa cadeira de escritório. Observou-a enquanto ela fazia uma pausa ligeira, olhando pela janela para o centro comercial de Seattle. Estudou-lhe o perfil delicado enquanto Dallas massageava, com dedos finos e sem anéis, o espaço entre os olhos. Reconheceu o truque: prepare-se o melhor possível, tire um minuto para concentrar-se e depois dê o melhor de si.

Foi obrigado a reconhecer que começava a admirá-la. Era uma profissional.

Quando ela ergueu a cabeça rapidamente, os cabelos macios acariciaram-lhe o rosto, expondo a orelha delicada onde se aninhava um pequeno brilhante. Por alguma razão, Sam achou a diminuta pedra cintilante um tanto hipnótica. Os músculos de seu pescoço se retesaram num gesto instintivo de autoproteção.

A minúscula jóia era muito feminina, a curva da orelha vulnerável demais. Sam começou a bater com o lápis na mão, cada vez mais impaciente.

Com as feições iluminadas, Dallas Pendragon aproximou-se da beira do palco e falou com uma mulher que a chamara. Ouviu-a com atenção e sua boca abriu-se num sorriso. Observando-a, Sam sentiu os cabelos da nuca arrepiados. Os lábios cheios tinham a aparência de morangos maduros e quase podia senti-los abrindo-se...

Diabo, ele pensou, forçando-se a olhar pela janela para o famoso cais de Seattle, com a rua ladeada por lojas e restaurantes.

Se havia um tipo de mulher com a qual jamais gostaria de se envolver sexualmente, era aquele, aço coberto por veludo. Mulheres de carreira podiam cortar um homem ao meio e, depois, pisar sobre ele.

Sam enfiou outra pastilha de antiácido na boca. Quando queria uma mulher, gostava de rendas e muitas curvas suaves e confortantes. Mas ultimamente não encontrara nenhum tipo que houvesse sequer lhe tentado os sentidos.

Pontualmente às nove horas, Dallas Pendragon dirigiu-se para o centro do palco, brindando a classe com um sorriso franco de mil watts. As trinta mulheres calaram-se e abriram seus manuais, enquanto os poucos homens pareciam atentos.

Com o lápis, Sam traçou as letras bem-feitas da capa do *Método Pendragon para diminuição do stress profissional*. Cerrando os dentes, sublinhou o tópico que falava sobre como lidar com chefes difíceis. Queria, exigia uma força de trabalho eficiente. Mas, depois que sua equipe freqüentara o curso de Dallas Pendragon, sentia-se como sendo observado num microscópio. Os olhares curiosos e as expressões fechadas de seus empregados haviam-no deixado com os nervos à flor da pele.

Durante a última semana, havia lutado com os mais variados tipos de problemas causados pelas idéias daquela mulher. O Departamento Pessoal mandara-lhe um memorando curto e direto: "Quantidades anormais de pedidos de recomendação e atualização de registros na carteira profissional. Algo que precisemos saber?".

Se um empregado de repente queria que atualizassem seus registros, aquilo significava, quase sempre, que estava procurando outro emprego e traduzia-se em problemas. Uma pesquisa sobre eficiência revelara que eram necessários três anos, no mínimo, para treinar um bom funcionário. Se um dos dentes da engrenagem faltasse...

O lápis nas mãos de Sam quebrou-se ao meio e ele observava a usurpadora com o cenho franzido. Os criadores de problemas eram de todas as formas e tamanhos, mas sempre havia um jeito de pô-los fora de combate.

Durante a última semana, tivera esperanças de que o vírus se extinguisse sozinho. Mas Emily Franzini, sua secretária particular, pela primeira vez em onze anos não o recebera de manhã com uma xícara de café. E nem esperara, quieta, com a caneta

pronta na mão, enquanto ele examinava a correspondência. Depois, enquanto Sam refletia, tentando encontrar a fórmula adequada para finalizar uma carta, Emily sugerira, com muita polidez, que ele usasse um ditafone para economizar o tempo dos dois.

Sentindo-se desconfortável, Sam ajeitou os ombros contra as costas da cadeira. Gostava do café a sua espera quando chegava pela manhã e odiava ditar para uma máquina. Emily citara um alto percentual de gerentes que usavam aquela utilidade maravilhosa e depois o fitara com ar de superioridade.

— Estava somente fazendo uma sugestão construtiva. A srta. Pendragon diz que essa é uma das maneiras de se aliviar a tensão. Dá um sentimento maravilhoso de ser útil... Ah, sabia que está ditando há mais de uma hora sem parar? — ela perguntara, flexionando os dedos.

Sam lançou um olhar sombrio para Dallas Pendragon, que sugeria intervalos regulares no trabalho para evitar o stress. Bem, não tinha culpa de ter se envolvido no assunto que estava ditando. Gostava de Emily, mas uma vez que ele se envolvia em uma análise de mercado, com as idéias ainda frescas, gostava que fossem escritas logo. Assim, às vezes, perdia a noção do tempo.

Estremecendo, sentiu-se culpado. Trabalhava duro, mergulhando fundo nos problemas até conseguir solucioná-los. É que, às vezes, esquecia-se de que os dedos de Emily podiam doer. Se tivesse percebido... Sam remexeu-se na cadeira, sentindo-se ainda mais culpado.

No meio do ditado, vira Emily olhar ansiosamente para o bule de café e percebera que a fizera perder o intervalo do café. Para compensá-la por sua falta de atenção, perguntara como um tolo se ela não tinha alguma idéia para melhorar seu relacionamento com o staff. A veterana funcionária sugerira-lhe com toda a calma que não cumprimentasse sua equipe com um "Oi, meninas" todas as manhãs. Isso as fazia sentirem-se diminuídas, pois eram profissionais treinadas, pessoas, de acordo com a teoria de Dallas Pendragon.

Sua equipe era o sangue de sua empresa e ele não precisava de nenhuma interferência de Dallas Pendragon, Sam pensou sombriamente.

Na terça-feira, Morrison Bradley, seu amigo e executivo da Empresa Delite de Alimentos para cães e gatos, telefonara-lhe quase explodindo:

— Imagine, nada de pressão, diz a minha equipe. O representante dos empregados que administra o programa de sugestões veio me procurar com uma exigência do departamento de despachos e entregas para que se faça uma programação mensal de entregas, para evitar a pressão e o stress. Nós estamos aqui para vender comida para cães e gatos. Como os empregados esperam que ponhamos os produtos nas prateleiras dos supermercados sem um pouco de pressa? Diabo, nos velhos tempos faziam o que a gente mandava. E quando a gente mandava!

Na quarta-feira, durante um almoço de negócios, um outro diretor, Mort Radney, estava indignado:

— Minhas secretárias me tratam como uma criança ou estão ocupadas demais para falar. Meu gerente disse que reagem assim quando estou de mau humor... Mau humor — ele repetiu furioso. — Diz que elas também têm sentimentos, que são gente também.

No palco, Dallas Pendragon ajustou o microfone preso a sua lapela.

— Todos podem me ouvir? Se não puderem, levantem as mãos. Ótimo. Então, tudo está funcionando bem. Bom dia. Eu sou Dallas Pendragon — ela começou, andando pelo palco, exibindo meio palmo de pernas bem torneadas pela abertura da saia justa.

Dallas Pendragon, a criadora de casos, Sam pensou. Tinha a combinação exata para levar seus empregados de escritório a um motim em potencial. Era brilhante, inteligente e totalmente controlada. A própria imagem da executiva de sucesso, Sam reconheceu sombrio, observando como a saia justa realçava-lhe os quadris.

— Por favor, peço a todos que usem os crachás com seus nomes — ela instruiu com outro sorriso. — Ao fim do dia, estaremos nos conhecendo muito bem.

Apresentando-se como uma mãe divorciada que trabalhava e conhecia a terrível dificuldade de conciliar a educação dos filhos e as tarefas de casa com um trabalho absorvente, Dallas logo ganhou o coração de seus ouvintes, deixando Sam com a impressão de que era uma tirana. Gostava das coisas à maneira dela.

Bem, Sam gostava das coisas à maneira dele; sem os percalços de creches e funções preenchidas por dois empregados em meio período. Mulheres de carreira eram ótimas, a distância. Mas se começavam a preocupar-se com os filhos durante o horário de trabalho...

Seu olhar foi atraído pelo corpo bem-feito. Precisava tirá-la do jogo, mas com jeito. Não ficaria bem para alguém de seu tamanho jogá-la simplesmente para um lado.

Enquanto seguia as instruções para abrir o manual, Sam manteve no rosto a expressão sombria. Pagava bem seus funcionários premiando-os com bônus, férias prolongadas e licenças maternidade. Se Dallas Pendragon não fosse impedida logo, todas as empresas de Seattle se veriam arcando com custos de creches e academias de ginástica para condicionamento físico.

Na pausa para o café no meio da manhã, Sam soube que estava com a razão ao querer provar o Método Pendragon em primeira mão. Se ela não fosse sua oponente, teria admirado o raciocínio rápido e o modo como falava ao coração das mulheres que trabalhavam.

Como um apreciador das mulheres, Sam não pôde evitar a comparação com suas amigas passadas. Dallas Pendragon vestia-se com uma elegância sóbria e provavelmente usava práticas calcinhas de algodão.

Abriu caminho entre o grupo de mulheres que se comprimiam ao redor da mesa do café, ouvindo seus comentários.

— Ela está certa. Não sei por que não podemos ter uma creche no local de trabalho.

— Concordo. Uma pessoa em forma e saudável torna-se um trabalhador melhor. A dieta é importante. A empresa deveria fornecer um forno de microondas.

— Mal posso esperar para voltar ao trabalho e pôr em prática essas novas idéias. De acordo com a teoria da srta. Pendragon, é importante analisar seu chefe. Estudar as necessidades dele e as suas. Depois, tentar um compromisso... Ou, como último recurso, pensar em mudar para outro emprego no qual se adapte melhor.

Ao ouvir isso tudo, Sam agarrou o bule como se fosse parti-lo ao meio. Desde os doze anos, trabalhava como um homem para sobreviver. Conhecendo o desespero da fome genuína, pagava altos salários a bons empregados. Mas, como empregador, não gostava de compromissos. Ou de sentir-se como um monte de argila que podia ser amassado e modelado de acordo com a idéia de um empregado para o gerente ideal. E não queria ver seus funcionários procurando outros empregos, também.

Droga, gostava de seus empregados. A maioria deles estava na empresa havia anos e se sentia feliz até contrair o "vírus".

Uma loira com cabelos longos cuidadosamente arrumados e olhos muito maquiados o encarou enquanto ele atravessava a multidão. Acostumado àquele tipo de olhar, cumprimentou-a com um leve movimento de cabeça enquanto uma outra, baixinha, acidentalmente esbarrava-lhe no braço com os seios fartos.

Arrastando-se através do mar de vozes femininas e sotaques diferentes, Sam finalmente conseguiu chegar ao seu lugar, agarrando-se ao encosto da cadeira como a uma âncora de salvação. Exasperado com o excitamento que enchia a sala, sentia o estômago arder feito o fogo do inferno.

— Gostei daquela parte sobre as empresas darem alguns privilégios após cinco anos de trabalho. Um período de férias maior, como presente da firma, seria maravilhoso

— uma mulher comentou na fileira diante da dele.

— O conceito da srta. Pendragon não é formidável? — Uma gordinha sentada perto dele inclinou-se com um sorriso. — Achei muito acertada a teoria de, talvez, não estarmos no emprego certo... o parafuso quadrado num buraco redondo. Quero dizer, se a empresa nos trata como jornais velhos, por que não procurar outro lugar melhor?

Jornais velhos, Sam repetiu em silêncio, zangado. Ele enfrentava um dia duro e longo de trabalho e não exigia de seus empregados mais do que de si mesmo. Sua equipe tinha os melhores equipamentos para ajudá-los em suas funções e instituíra programas de treinamento eficientes. Queria manter seu pessoal especializado e não vê-lo procurando outros empregos. Se Dallas Pendragon mantivesse esse ritmo, logo toda a força de trabalho de Seattle estaria em constante rotação.

Quando ela subiu ao palco, os músculos do pescoço de Sam se retesaram. Com cuidado, ajustou os óculos sem aro. Esforçara-se muito para instituir um comitê de colaboração entre chefias e subalternos. A Brice dava-lhes seguro, aconselhamento para alcoólatras e festas de Natal.

Ele próprio escrevera um manual definindo os objetivos, procedimentos e conduta de seus empregados. Seus gerentes cumpriam uma política liberal, preocupando-se com os problemas de seus funcionários, com uma certa liberdade para ajudá-los a enfrentá-los.

— Não seria ótimo se a empresa tivesse programas de aconselhamento gratuito? Tenho um filho adolescente que não aceita o padrasto — uma mulher magrinha comentou ao seu lado.

— Bem, vamos lá! — Dallas exclamou com entusiasmo, erguendo o braço.

Sam observou o pulso fino e sentiu um frio arrepio de advertência correndo-lhe pela espinha. Por um breve momento, permitiu-se observar as curvas suaves sob o conjunto severo. Estreitando os olhos, acomodou-se para outra dose do vírus de Pendragon.

Um dínamo carregado escondido por saias, pronto a revolucionar todo o mundo dos negócios a fim de provar suas teorias. Na parte seguinte, ela falou sobre como analisar o chefe, reconhecendo as necessidades reais dele e as próprias. Enquanto a classe verificava com aplicação o tipo de personalidade de seus chefes, Sam estudava Dallas Pendragon.

Ela teria dado um grande treinador de futebol. Empolgando-se ao falar, conseguia manter a atenção da classe com uma piadinha rápida, enquanto deixava à vontade uma mulher tímida, conseguindo que falasse.

Desabituaado a ficar sentado por muito tempo, Sam remexeu-se na cadeira, atraindo-lhe o olhar.

— Agora, o cavalheiro ali teve a idéia certa.

Aproximando-se dele, Dallas sorriu: um mero erguer dos cantos dos lábios cheios. Sam teve uma rápida visão de olhos verdes emoldurados por enormes cílios escuros. Não confiava naqueles reflexos brilhantes e dourados. Eram olhos de bruxa.

— É hora de aumentar o nível de oxigênio em seu sangue, pessoal — ela anunciou, lendo-lhe o nome no crachá. — Sam vai nos mostrar como se exercitar. Certo, Sam? Levante-se.

Ele respirou fundo somente uma vez. Não gostava de ser tratado como um garotinho de escola. Aparentemente, Dallas esperava ver suas ordens seguidas, pois bateu-lhe de leve no ombro, erguendo uma sobancelha fina.

— Venha, Sam.

Levantando-se devagar, Sam endireitou-se em toda a sua altura, notando que Dallas Pendragon, com seus práticos sapatos baixos, mal lhe chegava no queixo. Sentiu também o delicado perfume de flores que o fazia lembrar-se dos montes Apalaches, na Geórgia, quando floresciam em maio. Ou talvez das ervilhas de cheiro na porta traseira da

cabana de sua mãe.

Dallas andou ao seu redor, observando-o como um general estudando um soldado, antes de dirigir-se à classe.

— Bem, temos aqui um homem bem alto. Acho que todos podem vê-lo bem. Agora, rode sua cabeça assim, Sam. Solte os ombros e relaxe os músculos do pescoço.

Erguendo as mãos, ela segurou-o pela nuca, logo atrás das orelhas, obrigando-o gentilmente a rodar a cabeça.

— Acha que consegue fazer sozinho, Sam? — falou num tom de provocação.

Ele apertou os dentes. A posição do corpo macio junto ao seu era uma invasão. Quando queria que uma mulher o tocasse, ele dava o primeiro passo.

— Deve tentar relaxar, Sam — ela disse com gentileza massageando-lhe os músculos tensos do pescoço e observando-o por uma fração de segundo.

Relaxar? Como um homem podia relaxar com as mãos de uma mulher tocando-o num ponto sensível? Em seu livro de regras sobre homens e mulheres, não se expunha à intimidade diante de um grupo de mulheres!

A curva suave dos seios esbarrou em seu peito enquanto ela guiava-lhe a cabeça, e Sam enrijeceu-se.

— Relaxe, Sam. Feche os olhos... — ela sussurrou, continuando o movimento. — Calma... calma...

— Posso fazê-lo sozinho — ele disse, meio aborrecido.

Estava se tornando demasiadamente consciente do perfume doce de flores, das curvas macias tocando seu corpo. De repente, sentiu o impacto do toque daquelas mãos. Já fazia algum tempo que uma mulher o tocara pela última vez e agora estava a ponto de ser obrigado a reconhecer as necessidades sexuais de seu corpo.

— Certo, então tente sozinho. — As mãos macias afastaram-se, fazendo-o sentir um arrependimento passageiro.

Mas como podia sentir-se assim com alguém que era uma ameaça para a sua empresa?, Sam tentou racionalizar.

Prosseguiu um tanto rigidamente, fazendo a série de exercícios que ela lhe ensinava. De repente, quando Dallas virou-se para pedir a sua auxiliar que trouxesse um banquinho, uma onda de cabelos brilhantes cobriu-lhe o rosto, fazendo-o sentir uma necessidade premente de tocar aqueles fios de seda. Afastá-los e acariciar o rosto de maçãs altas, sobrancelhas bem traçadas e um nariz pequeno e atrevido. Coberto de sardas.

Pouco à vontade, fitou-lhe o pescoço. Podia segurá-la com uma só mão. E seus dedos se ajustariam na leve depressão em sua base.

Enquanto isso, Dallas Pendragon avaliava-o à vontade, notando o terno azul-marinho bem cortado e a camisa azul-clara.

— Pela sua aparência, podemos dizer que está acostumado a movimentar-se agilmente e se exercita de alguma forma. Assim, sabemos que está em boas condições físicas... — Os olhos verdes deslizaram pelo abdome liso. — Basicamente.

Um pequeno assomo de ressentimento o dominou por alguns segundos. Se ela queria um preguiçoso, teria de ir procurar em outro lugar. Seu físico não era nem um pouco flácido.

— Sente-se, Sam. — Dallas puxou o banquinho mais perto. — Você será nossa cobaia para uma experiência de *biofeedback*. Isso, sente-se e fique confortável. Procure não se mover, para que o aparelho de feedback não capte o som das suas roupas.

Enquanto ela se movimentava ao redor, o seio macio roçou-lhe a manga e Sam franziu as sobrancelhas, recuando.

— Você é um bom rapaz, Sam. — Dallas Pendragon sorriu, dando-lhe um tapinha no ombro.

Depois, afastando o microfone da boca, sussurrou-lhe:

— Já que é o único homem mais velho da classe, realmente aprecio sua ajuda. Os rapazes mais jovens provavelmente não têm empregos sedentários como talvez você tenha e, portanto, não são exemplos muito bons. Sabe... menos chances de problemas cardíacos, circulatórios etc. Acho importante que as mulheres vejam que homens mais velhos, de meia-idade, se mostrem estressados, também. Obrigada.

Quando ela virou-se para a classe, Sam lançou-lhe um olhar sombrio, observando-a de costas. Estava tudo ali, as curvas nos lugares certos, a força. Pena que fosse tudo desperdiçado numa mulher com o temperamento errado. Ele não se oferecera, fora recrutado. Não gostava de ser tratado com condescendência, também. E chamado de velho. E não gostava de ser posto sob os holofotes para ser dissecado por vinte mulheres.

Quando ela apoiou a mão em seu braço, segurando-o, notou as unhas curtas e práticas, mas bem tratadas.

— Todos nós vivemos sob algum tipo de tensão. Algumas vezes, reconhecemos suas causas imediatamente, mas outras vezes precisamos procurá-las. E, para isso, podemos usar este aparelho. — Dallas ergueu a mão, exibindo um pequeno bastão. — Isto é um monitor de *biofeedback*. Ouçam o barulho que faz quando eu o puser na mão de Sam.

Quando ele pegou o monitor, seus dedos deslizaram deliberadamente pela mão macia, sentindo a pele aveludada. Imediatamente, Dallas reagiu, avaliando-o.

No mesmo instante, os amplificadores ressoaram com um alto guincho emitido pelo aparelho, que pareceu ecoar por todo o salão. Ela deu um sorriso breve, satisfeita com a demonstração.

— Ouviram isso, classe? Sam está nervoso. Agora prestem atenção ao tom, enquanto conversamos. Quando falarmos sobre coisas que causem tensão em Sam, o barulho aumentará.

Girando sobre si mesma, ela pôs a mão na cintura e ficou estudando-o atentamente por alguns segundos.

— Sam está aqui para aprender, portanto apreciará descobrir de graça quais são suas áreas particulares de tensão. Isto é muito útil num escritório. Se puderem comprar um aparelho desses, levem-no ao trabalho. Descobrirão que certas coisas, para as quais nunca deram muita atenção, são realmente estressantes. Então, poderão lidar com elas.

Sam fechou os olhos. O tom do guincho emitido pelo bastão em sua mão transformou-se num assobio agudo enquanto ele imaginava todos os seus empregados segurando uma daquelas malditas engenhocas. A classe riu, mas Dallas Pendragon só assentiu com a cabeça.

— Certo, algo está causando tensão em Sam. Você está nervoso?

Sam gostaria de esmagar aquele pequeno aparelho enganador entre seus dedos. Em vez disso, repuxou os lábios mostrando os dentes num sorriso.

— Um pouco.

— Nada mais natural — ela comentou gentilmente, batendo no braço musculoso. — Não se preocupe. Se as coisas ficarem muito ruins, eu o tirarei da berlinda.

O tom protetor o fez agarrar o aparelho com mais força, fazendo-o soar ainda mais alto. Queria jogá-lo pela janela.

— Posso aguentar — Sam afirmou entre os dentes.

— Ótimo — Dallas murmurou, batendo-lhe no ombro.

Como continuasse a fitá-lo bem nos olhos, um alto guincho ressoou pela sala. Sam respirou profundamente, desejando que o maldito aparelho quebrasse. Podia senti-la pinçando seus problemas emocionais.

Certo, confessou para si próprio de modo culpado. Era uma pessoa introvertida. Não gostava que ficassem desvendando sua mente.

— Acalme-se — Dallas sussurrou, cobrindo o microfone. — Vamos somente

conversar para que a classe possa ouvir os diferentes tons... Nada muito íntimo, prometo.
— Ela sorriu por um instante, permitindo que Sam visse o brilho dos dentes brancos.

O som tornara-se um zumbido baixo e contínuo enquanto ela o rodeava, dirigindo-se para a classe.

— Estes aparelhos são realmente ótimos. Segurem-nos enquanto vêem televisão. Para lidar com o stress, precisam reconhecê-lo primeiro. Tudo bem, Sam?

— Ótimo — ele respondeu, satisfeito que o ruído se mantivesse baixo.

— Você parece um homem que se conhece muito bem — ela começou, deixando o olhar deslizar do nariz quebrado para o queixo proeminente.

— Bastante — Sam concordou, sentindo a mão suada enquanto segurava o aparelho.

— Tem família?

— Não.

— Nem mesmo uma família em potencial? Uma noiva? Talvez futuros enteados?

Sam ouviu o zumbido ameaçador subir um pouco. Dallas percebeu e sorriu de modo condescendente.

— Estamos entre amigos aqui, Sam... tentando aprender mais sobre nós mesmos. Quer nos explicar? — ela perguntou com gentileza.

Diabos! Não, não queria explicar nada. O som tornou-se um ruído agudo, enchendo a sala. Seu trabalho era sua família. Ele agarrou o monitor, apertando-o. Certo, de vez em quando tinha uma noite insone. Na verdade, receava as festas que se aproximavam, quando seus amigos e seus funcionários estariam celebrando com suas famílias. Ele nunca conseguia ajustar-se e odiava aquele sentimento estranho.

— Ninguém — ele repetiu, enquanto o zumbido aumentava.

— Percebem como o aparelho funciona bem, classe? Por alguma razão, Sam está perturbado. Vejam, este é um dos pontos típicos de tensão. A família pode criar ou aliviar o stress. Tudo depende da forma como cada um lida com os seus problemas. Partilhá-los com alguém que se ama é uma das melhores maneiras de aliviar a tensão. A pessoa está do seu lado, é do seu time e quer ajudá-lo. Isso faz bem. Vamos esperar que Sam consiga um dia.

Dallas apoiou a mão deliberadamente no braço de Sam. O homem estava rangendo os dentes, literalmente. Um clássico fanático pelo trabalho, ela concluiu, notando os músculos fortes moverem-se sob seus dedos.

Sam Loring era do tamanho de uma montanha. Tinha um olhar duro, com olhos cinzas perscrutadores e sobrancelhas grossas. O cabelo curto, ligeiramente prateado, pouco suavizava essa imagem.

Se havia um homem que não precisasse de lições sobre como lidar com a tensão, esse era Sam. O som do *biofeedback* estava anormalmente alto. Não era para menos, Dallas pensou, apertando-lhe o braço sem perceber. Sem família e sozinho durante as festas de fim de ano...

Quando movera-lhe a cabeça no exercício de rotação, sentira a resistência a ser guiado. Como uma pessoa que gostava de tocar os outros, Dallas quase podia ler a personalidade através da ponta dos dedos. Sam era da espécie que não se curvava, orgulhoso e tremendamente necessitado de carinho.

Durante o exercício, sentira-lhe o perfume de sabonete. Ele até que não seria de todo mau, com as arestas aparadas. Quase gostava da imagem de tigre batalhador que pressentia sob o exterior rígido.

Gostara de tocá-lo, sentir os rijos músculos masculinos sob seus dedos. O cabelo castanho-escuro era bonito e brilhante, forte e rebelde como seu dono, sem dúvida.

Continuou a segurá-lo pelo braço enquanto o fazia responder a uma série de perguntas simples que pareceram perturbá-lo de uma forma inexplicável. Sam tinha uma voz profunda e rouca, que, por alguma razão, a excitava. Uma cicatriz marcava-lhe desde

a têmpora até a raiz dos cabelos, fazendo-o parecer ainda mais sério e duro.

Dallas ficou imaginando se saberia rir.

Sorriu-lhe, desejando transmitir-lhe um sentimento de amizade; no momento, podia oferecer-lhe um pouco de calor humano. Enquanto conversavam, notou o gemido agudo do monitor. Por alguma razão, Sam Loring se mostrava emotivo demais.

Penalizada com a solidão dele durante o período de festas que se aproximava, Dallas terminou a sessão rapidamente, dispensando a classe para o intervalo da tarde. Tirando o monitor da mão enorme, percebeu as cicatrizes nos nós dos dedos.

— Obrigada, Sam. Espero que esteja gostando da nossa sessão de treinamento.

— Agradeceu-lhe sorrindo, quando ele se ergueu.

Os lábios apertaram-se numa linha fina, enquanto Sam se curvava ligeiramente. As linhas entre suas sobrancelhas e ao redor da boca aprofundaram-se.

— Quero conversar com a senhorita em particular, srta. Pendragon.

Ela recuou um passo ante a ameaça que percebia nos olhos cinzentos, frios e duros.

— Tenho conselheiros disponíveis, Sam. Telefone para o escritório e marque uma hora...

— Não. Quero a senhorita — ele exigiu, num tom que lembrava o rosnado baixo e ameaçador de um cão de guarda.

Aquele toque de arrogância a fez esquecer-se do pouco de compaixão que sentira pela solidão dele. O tom ameaçador a lembrava das atitudes exigentes de seu ex-marido.

T.J. McCall não fora nem um pouco compreensivo com as pressões que se abatiam sobre ela. Um menino crescido, T.J. quase sempre estava desempregado e irritava-se com a carreira dela em ascensão. Não fazia nada para auxiliá-la com a casa ou as crianças.

Dallas realmente não aceitava aquele tom. Enrolando o fio do monitor, guardou-o na caixa e virou-se devagar, encarando-o.

— O que quer exatamente, Sam?

— Quero falar com você, o mais cedo possível. — Ele olhou ao redor para as mulheres curiosas como se observasse território inimigo.

— Então, fale. Ainda temos dez minutos para o final do intervalo — ela disse, olhando para o relógio em seu pulso. Já aguentara exigências demais de um homem.

Sam lançou-lhe um olhar zangado, de um homem que não gostava de ser obrigado a obedecer às regras de outros.

— O que tenho em mente vai levar mais do que isso — retrucou, passando a palma da mão no queixo.

Dallas não estava com disposição para lidar delicadamente com alguém que parecia duro como aço. Tivera uma semana cheia no trabalho, as crianças haviam ficado muito gripadas e, para finalizar, sua mãe voltara ao ataque. De acordo com Lisa Pendragon, o status solitário de Dallas não era natural. Toda mulher precisava de um bom homem de vez em quando para mantê-la em forma para o dia seguinte.

Fora Lisa que informara à filha, com bondade e firmeza, que T.J. não era um homem "de verdade". Quando Dallas parara de correr o suficiente para fazer um exame profundo e lento do relacionamento deles, descobrira que T.J. era uma criança mimada, mais exigente que Nikki e Billy.

Observando a linha do queixo decidido de Sam, a sombra escura da barba, suspeitou que ele não era tranquilo. Tinha uma aparência que agradaria à mãe dela, mas que não a atraía particularmente.

— Dê-me uma idéia aproximada — ela insistiu, notando que Sam não gostava que ninguém, exceto ele mesmo, lhe impusesse condições. Os músculos do pescoço tinham se contraído ainda mais sob a camisa cara.

— Diriço a Brice Cleansers, srta. Pendragon. Alguns de meus funcionários

freqüentaram suas aulas. A sugestão foi do meu Departamento Pessoal e eu concordei que a empresa pagasse a despesa. Agora me arrependo disso.

— Qual é sua queixa, exatamente?

— Causou um motim na minha equipe — Sam afirmou secamente, inclinando-se numa postura ameaçadora. — Se admitir diante deles que toda essa análise de tensão é bobagem, poderemos recomeçar nossas atividades no Ano Novo em forma outra vez.

Dallas ergueu o queixo, lembrando-se no mesmo instante dos comentários dos funcionários de Sam. Embora os pagasse muito bem, esperava que trabalhassem tão duro quanto ele. Não era incomum que chamasse alguém ou todo um setor para trabalhar na manhã de sábado a fim de solucionar algum problema de produção. Não se incomodava em pagar-lhes as horas extras, mas não levava em consideração os compromissos particulares que tivessem.

Sob as ordens de Sam, todos trabalhavam em período integral, com benefícios tais como seguro e períodos maiores de férias pagas. Mas a empresa determinava quais os meses, o que, quase sempre, entrava em conflito com a disponibilidade do restante da família.

Diversas funcionárias haviam afirmado em sua folha de comentários que estavam pensando em deixar a empresa devido à política de não admitir meio período. Com bebês e crianças pequenas, realmente precisavam trabalhar meio dia até que pudessem voltar ao período integral. Outras empresas já tinham programas de funções partilhadas, mas a Brice permanecia rígida.

Uma senhora de meia-idade, com ligeiros problemas de saúde, queixara-se de que não conseguia tempo para fazer os exercícios prescritos pelo médico e desejara que a Brice tivesse uma sala de ginástica que ela pudesse utilizar no horário de almoço.

Dallas soubera, também, que cinco anos atrás Sam decidira que era necessário remodelar os escritórios e contratara um decorador profissional. De todas as sugestões apresentadas, escolhera o estilo mais frio e masculino, com móveis ultramodernos e enormes plantas artificiais. Depois, emitira um memorando proibindo que os funcionários estragassem a nova decoração com objetos pessoais ou plantas naturais sobre suas mesas. Duas funcionárias haviam comentado a respeito do ambiente de trabalho frio, desejando ter flores ou retratos da família.

Também lembrava-se da avaliação que haviam feito sobre o patrão. No papel, todas as opiniões reunidas tinham formado a imagem de um homem exigente que não desperdiçava tempo ou atenção com problemas relativos aos sentimentos das outras pessoas. Sam Loring administrava a empresa segundo suas regras, sua idéia de lucro. Não levava em consideração nada além da produtividade. Não gastava seu tempo conversando ou levando em conta sugestões sutis.

Um funcionário, embora reconhecendo o excelente programa de carreira e prêmios da empresa, rotulara Sam de "máquina humana".

— Seu pessoal ficou muito entusiasmado com as minhas idéias, Sam. Lembro-me de alguns comentários específicos. Alguns deles já tinham discutido sobre a necessidade de terem uma creche e ficaram aliviados ao saber que eu concordava que isso os ajudaria a melhorar seu desempenho profissional.

— Ah, sei. — Ele a olhou do alto, a imagem da arrogância masculina. — Dirijo um negócio lucrativo e multimilionário, srta. Pendragon. Tenho acionistas, diretores e conselheiros a quem devo satisfações. Temos produtos de qualidade e funcionários de qualidade...

— Então, por que eles estão insatisfeitos? — Dallas o interrompeu, sentindo a raiva crescer. Lembrava-se da queixa de uma funcionária que fora qualificada como desorganizada. No entanto, era uma das mais criativas e produtivas de seu departamento.

Sempre sabia onde tudo se encontrava e, no final do dia, suas pastas estavam em perfeita ordem.

Aparentemente, a Brice queria que seus empregados fossem robôs ordeiros e sem imaginação. E o homem a sua frente era a causa disso tudo.

— Ao que eu saiba, não estão insatisfeitos — Sam retrucou, apoiando-se sobre as pernas ligeiramente abertas, numa pose típica de lutador.

— Tem prestado atenção? — Dallas arqueou as sobrancelhas, confiante em suas próprias habilidades de lutadora.

Percebeu que ele não gostara do ataque. Os músculos do pescoço contraíram-se ainda mais.

— Lógico que sim! —ele disparou, ajeitando o colarinho com um dedo. — Não sou o único empregador a ter problemas depois das suas aulas. De repente, bons funcionários começam a questionar práticas administrativas já estabelecidas. Estamos nos afogando em sugestões idiotas sobre essa bobagem de tensão.

— Então, decidiu verificar pessoalmente o problema e assistir às minhas aulas. — Dallas tombou a cabeça de lado, observando as feições sombrias de Sam. — Tive esperanças de que estivesse aqui para aprender alguma coisa...

— A senhorita está exagerando. Se continuar a ensinar essas bobagens sobre stress...

— Ah, acha que seus domínios estão ameaçados e não está aberto a novas idéias — ela contra-atacou. — Em primeiro lugar, não estou tentando causar problemas. Mas o stress preocupa a maioria das pessoas e eu estou somente tentando ajudá-las a encontrar maneiras de lidar com isso. Seu nível de tensão é tão alto que quase estourou o monitor do *biofeedback*. Mesmo assim, não aceita que o stress possa afetar o trabalho. Eu chamaria isso de idéia bitolada. — Normalmente, Dallas não desperdiçava tempo com causas perdidas, mas ressentia-se por ter se compadecido dele antes.

— Dirijo minha empresa como acho melhor — Sam murmurou entre os dentes.

— Assim como Átila, o Huno. A aula já vai recomeçar. Sugiro que volte ao seu lugar e tente aprender algo sobre como manter a mente aberta. Para seu próprio bem-estar e dos seus empregados.

Ao ver os olhos que a fitavam escurecerem-se ainda mais, e ele inclinar-se sobre ela como se preparasse outro ataque, Dallas ergueu a cabeça.

— Tem meu telefone. Pode ligar quando estiver com melhor disposição. Mas, agora, estou ocupada com essa turma e devo pedir-lhe que saia ou volte ao seu lugar. Embora eu tenha certeza de que não vai ficar. Talvez não tenha coragem para tanto.

CAPÍTULO II

— Você mal acabou de comer sua segunda fatia de bolo de chocolate, Dallas querida. Não seria melhor deixá-la assentar antes de ir fazer pipoca? — a mãe de Dallas perguntou-lhe naquela noite.

Lisa usava com frequência o quarto de hóspedes, especialmente quando sentia que a filha estava com problemas. Nessa noite, Dallas tinha apreciado o gesto, percebendo o valor de Lisa como mãe e amiga. Um encontro com Sam Loring tiraria qualquer um do sério.

Acomodada na outra ponta do sofá, vestindo um pijama de cetim vermelho, Lisa estudava o jeans velho e apertado e a camiseta desbotada da filha.

— A sua sorte é que consegue queimar as calorias mais rápido do que elas podem se alojar sobre seus ossos. Ainda mais quando você está com essa disposição de lutadora. E não adianta negar... Conheço esse olhar.

Nikki ergueu os olhos do caderno de colorir, aberto diante da televisão. Aos seis anos, já sabia reconhecer os humores da mãe.

— Vovó, a mamãe está com a mesma cara de quando o homem da loja me cobrou demais pelas balas.

Billy parou de estudar as luzes cintilantes da árvore de Natal. Aconchegou-se a Dallas, abraçando-a apertado.

— Mamãe, me pega — murmurou, sonolento.

Beijando-lhe os cabelos revoltos, Dallas puxou o garotinho robusto de quatro anos para o colo. Brincou com sua orelha e beijou o rosto corado. Nikki e Billy eram as melhores e únicas coisas que T.J. lhe dera.

Tinha vinte e nove anos quando o conhecera e estava começando uma carreira promissora como consultora de gerência de pessoal. Na época, T.J. era o homem mais fascinante que ela já vira, arrancando-a de anos de estudo sério e da rotina monótona e exaustiva do escritório. Talvez estivesse subconscientemente procurando uma válvula de escape e o alto, viril e atlético gerente do escritório era o príncipe encantado que a salvaria. Embora ele tivesse protestado porque Dallas quisera manter seu nome de solteira, T. J. fora o mais elegante noivo de um casamento de conto de fadas.

Ela não tivera tempo para desperdiçar explorando sua sensualidade antes do casamento e T. J. oferecera-lhe uma iniciação tentadora. Parte da atração que T. J. lhe despertava era que precisava dela... para ajudá-lo a manter os prazos no escritório, equilibrar o orçamento do departamento e tomar conta dele. T.J. gostara tanto que tomasse conta dele que se retirara do mundo dos negócios menos de um ano após o casamento.

Com o passar do tempo, Dallas compreendera que seu amor pelo marido não era profundo nem duradouro.

Enquanto se esforçava para salvar seu casamento da ruína, tentando não afundar na realidade de exaustão, discussões e contas não pagas, ficara grávida de Nikki. O bebê aninhado em seu ventre trouxera-lhe algo por que ansiava: a paz da maternidade.

T.J. ficara aborrecido e ultrajado. Dallas lutava com uma carreira exigente, o apartamento, um bebê e um marido infantil e, acidentalmente, tornara a engravidar. Agora percebia que aquelas últimas tentativas de agradar ao marido haviam sido feitas para diminuir sua sensação de fracasso. Então, T.J. fora embora, desistindo de seus direitos paternos com um suspiro de alívio. Sentia muito, mas não pretendia ir para a cadeia por não pagar a pensão. E, já que não tencionava voltar...

Nikki tornara-se só sua, então, assim como o bebê que ainda carregava dentro de si. Com extrema dedicação, nos primeiros meses de sua segunda gravidez, Dallas começara a reconstruir sua vida.

Queria um lar para as crianças e vasculhara os subúrbios de Seattle até achar a acolhedora casinha de dois andares. Com um pequeno jardim e uma velha e retorcida macieira, a casa tinha charme, das venezianas estreitas e altas ao telhado de madeira. Construída no início do século com cedro resistente, a casa tinha seus defeitos. Mas ela gostava de lidar com ferramentas, pintar quando tinha tempo e distrair-se com as rosas do jardim. Tinha acabado de se instalar quando Billy nascera.

Agora, envolta nos enfeites de Natal, a casa exibia uma coroa de mirto sobre o sofá, uma área que as crianças designavam como "lugar de beijar". Os cheiros dos doces das festas misturavam-se à essência pungente das pétalas e ervas secas do *pot pourri* que coloria um pote de vidro na mesinha da sala.

O rosto ainda bonito de Lisa iluminou-se quando a pequena Nikki parou de colorir e veio sentar-se no sofá, encostando-se nela. Deixando de lado a revista de modas que folheava, passou o braço pelos ombros da neta.

— Sua mãe está com aquele brilho de luta nos olhos, doçura. Já era assim na sua idade, quando bateu em Freddie Linsey por atormentar um gatinho. Ele tinha o dobro do tamanho dela, mas sua mãe estava fora de si de tanta raiva. Se ela se decidisse a lutar por um homem com a mesma disposição com que abraça suas causas, você poderia ter um novo pai.

— Mãe, não fique pondo idéias na cabeça de Nikki. Só porque acha que um homem é a solução para todos os problemas... — Dallas protestou afetuosamente. Com mais de sessenta anos, a mãe era viúva e muito ativa socialmente. Uma loira *mignon*, dançava até de madrugada e rejuvenescia com o romance. Apreciava e freqüentemente experimentava uma pequena aventura com algum homem promissor; não via razão para que a filha não fizesse o mesmo.

— Desde quando os homens tornaram-se obsoletos? Querida, há algumas coisas que não se pode fazer sozinha... — Os olhos da animada senhora brilharam. — Olhe, outro dia vi um maravilhoso conjunto de camisola e penhoar e pensei que, se você se soltasse apenas um pouco...

— Mãe, quer, por favor, esperar até que as crianças tenham ido para a cama?

— E então você me contará tudo, não é? — Lisa sorriu de maneira travessa, do outro lado do sofá.

— Mamãe — Billy murmurou. — O pai de Pauly expulsa os ursos do quarto dele.

— Bem, querido, eu também faço isso. Todas as noites. Seu quarto é à prova de ursos. — Dallas embalou o corpo pequeno e quente, beijando-lhe as pálpebras pesadas.

Beijou-lhe o rostinho macio e o garoto aninhou-se contra ela, ajeitando-se sob o cobertor. Bocejou, erguendo a mãozinha gorducha para brincar com os cabelos da mãe. Com a outra, alisava o cetim gasto do cobertor, bocejando.

— Mas o pai de Pauly faz a barba todas as manhãs. E carrega ele sobre os ombros, de cavalinho... Quero um pai de presente de Natal. — Com outro bocejo, o pequeno adormeceu.

— Ele é tão nenê — Nikki sussurrou num tom de superioridade, desaparecendo na cozinha.

— É problema de trabalho? — Lisa perguntou, sorrindo. — Certamente, não pode ser um homem. Vou ter de comprar aquele conjunto para mim mesma.

— Mãe, na verdade, o problema é tanto de trabalho quanto de homem. Um homem muito grande com um problema ainda maior.

— Hum, isso parece promissor. Estou contente por ter resolvido passar a noite aqui e não no meu apartamento — a mulher mais velha comentou. — Estou esperando. Ainda não me disse como ele é. Algo que poderia me interessar? Ou talvez você queira juntar-se a mim nas aulas de dança no ventre para exercitar aqueles músculos pouco usados.

Dallas ficou quieta, lembrando-se de cada momento de sua confrontação com Sam Loring.

— Ele é grande e durão até a medula dos ossos. Absolutamente cego aos problemas de stress dos funcionários. Não tem nenhuma idéia do que seja tomar conta de uma casa e ter uma família. Ou o que a empresa poderia fazer para diminuir o absentéismo.

— Sei... Repita aquela parte de ser grande e forte. Gostei. Vamos, conte. Aposto que é um desses jovens machistas cheio de músculos e dentes lindos. Qual a idade dele? É casado?

— Não é casado nem nada aproximado — Dallas murmurou, lembrando-se da experiência com o *biofeedback*. Como pudera ter se sentido penalizada por aquele inflexível pedaço de macho chauvinista? — Não há muito mercado esses dias para ditadores.

— E a aparência? É macho mesmo ou só um daqueles cachorrinhos que você costuma atrair?

— Não há nada de errado com Douglas — Dallas defendeu-se, endireitando os ombros.

— Bem, ele certamente não é material para o quarto de dormir. O homem é um peixe frio, se é que eu já vi algum — Lisa retrucou, acalorada, — Não acredito que algum homem tenha acendido seu desejo, nem mesmo T. J. Agora, seu pai era do tipo grande e durão. Muito excitante... Sabe o que quero dizer?

— Ora, mamãe, ele era um doce e você sabe disso. Homens como Loring vieram direto da Idade da Pedra. Só sinto pena dos seus pobre funcionários. Gostaria de poder fazer alguma coisa por eles.

— Ah! — Lisa exclamou, como se tivesse descoberto uma mina de ouro. — Talvez possa. Passe algum tempo com esse...

— Sam — Dallas informou sem entusiasmo. Não conseguia enxergar-se tentando abrir a mente fechada de Loring.

— Sam — a outra repetiu um suspiro longo e saudoso. — Isto é que é nome de homem. Gosto do som.

— Eu não passaria um minuto com aquele tirano, nem que ele fosse o último homem sobre a Terra...

— Ora, doçura! — Lisa ergueu um dedo, tombando a cabeça de lado. — Lembre-se das massas sacrificadas que precisam de você. Pense nisso como um sacrifício para o bem da Humanidade. Poderemos trabalhar na parte do homem mais tarde.

— Mãe, ele acha que stress é igual a uma lufada de ar quente.

— Tudo bem, então. Deixe-o experimentar um pouco. Faça com que veja as coisas a sua maneira. Abra esse postigos enferrujados.

— Exatamente o que está sugerindo, mãe?

Na sexta-feira, depois do horário de expediente, Sam cerrava os dentes e batia no saco de areia numa rápida seqüência de golpes. Afastou-se, satisfeito por possuir o miniginásio junto a seu escritório. Por alguns instantes, lutou contra sua própria sombra, enxugando o suor do cabelo.

Quando precisava aliviar uma frustração, exercitava-se ali. Dallas Pendragon o atormentara durante toda a semana. Ao ver que não respondia aos telefonemas de Emily, ele tomara a si a tarefa.

— A srta. Pendragon não pode atendê-lo agora, senhor — imitou em tom de falsete, tornando a esmurrar o saco.

O suor escorria-lhe pelo pescoço até a camiseta. Alguém tinha de fazer aquele combativa Joana d'Arc parar antes que transformasse lucros em prejuízo.

Olhando furioso o saco de areia, baixou a cabeça, lançando uma série de golpes rápidos. No passado, já trabalhara com mulheres muito capacitadas, reconhecendo-lhes o potencial. Mas Dallas Pendragon era uma miserável usurpadora. Desde que assumira a direção da empresa, ele traçara uma política definida que se transformara em lucros. Não

queria ninguém se intrometendo na sua criação. Dançando ao redor do saco, Sam o castigava com golpes poderosos.

Havia outra coisa em Dallas Pendragon que o torturava também, admitiu relutante. Eram as mãos macias e o perfume doce de ervilhas-de-cheiro.

Tinha ficado até o fim da aula por causa do desafio dela. Para provar-lhe que possuía estômago suficiente para aguentar qualquer coisa.

O intercomunicador do ginásio soou, transmitindo a voz de Emily em tom neutro:

— A srta. Pendragon está aqui para vê-lo. E já são cinco horas.

— Que diabos... — Sam explodiu, agarrando o saco. Apertou os lábios. Nos dois últimos dias, estivera à procura dela para marcarem uma reunião e agora ela aparecia assim para apanhá-lo despreparado. Passando a toalha ao redor do pescoço, Sam apertou o botão com o polegar, falando em tom seco.

— Emily, faça-a entrar. Depois, pode ir.

— Obrigada, senhor — a secretária respondeu de maneira dócil demais.

Sam conhecia-a muito bem. Aquele tom sempre denunciava algum truque escondido na manga, refletiu, enxugando o suor da testa com as costas da mão.

Passou a toalha pelo rosto úmido e recostou-se na mesa. Decidiu manter as faixas nas mãos. Talvez sentisse necessidade de desabafar mais um pouco depois de varrer Dallas Pendragon para fora de seus escritórios. Ela poderia tê-lo encontrado num terno limpo e elegante, mas se quisesa invadir seus domínios, teria de aguentá-lo assim mesmo. De qualquer forma, pretendia tirá-la da jogada.

— Por aqui, srta. Pendragon. — Emily abriu a porta para sua heroína e, curvando-se um pouco, sussurrou num tom que pretendia ser baixo, mas perfeitamente audível para Sam: — Nós não o alimentamos há horas. Tome cuidado.

— A srta. Pendragon disse que o senhor deixou-lhe diversos recados e achou melhor vir pessoalmente. Até segunda, Sam — ela despediu-se, sorrindo inocentemente diante do olhar furioso do patrão.

Dallas Pendragon era o nome perfeito para uma expedicionária, Sam refletiu. Vestida com um suéter tricotado marrom e calça comprida folgada, sua antagonista deixou deslizar do ombro a alça da bolsa. O vento despenteou-lhe os cabelos, jogando-os ao redor das faces rosadas num arranjo doce e feminino. A outra coisa que Sam logo notou foi a boca macia e rosada. Como morangos gelados...

Sentiu-se zangado porque ela ignorara o protocolo do mundo dos negócios e não marcara uma hora. Porque era óbvio que não conseguia parar de notar tudo sobre ela. Como as pernas longas e bem-feitas.

Dallas deu um breve sorriso, somente um retorcer de lábios que fez o estômago de Sam dar reviravoltas. O olhar atento notou a camiseta suada, as calças de malha e até os tênis.

— Alô, Sam. Achei melhor falar com você pessoalmente. Espero não estar sendo inoportuna.

Enquanto enxugava outra gota de suor do queixo, ele refletiu que muito poucas pessoas o haviam visto assim. Já experimentara a obstinação de Dallas e decidiu acabar com a cordialidade fingida. Ela era uma profissional e podia muito bem aguentar.

Parou por um segundo, saboreando o momento. Iria encontrá-la de igual para igual. Dallas Pendragon não era do tipo choroso.

— O horário é perfeito. Eu só estava desabafando, socando meu equipamento. Se quiser apreciar o próximo *round*, podemos marcar uma hora para segunda-feira.

Ela tirou um fiapo da manga com vagar e olhou ao redor, apreciando o escritório revestido de lambris.

— É época de festas, Sam. Gosto de resolver os problemas o mais cedo possível, em nome da paz e da boa vontade entre os homens.

— Por que não respondeu aos meus chamados? — ele perguntou em tom abrupto,

estudando-lhe as curvas interessantes quando Dallas virou-se para sentar-se na ampla cadeira diante da mesa. Enxugando o suor do rosto, concluiu que a cadeira parecia muito mais elegante do que quando a figura ossuda de Emily a ocupava.

— Porque achei o tom dos recados um tanto bruscos. Como um rei convocando um súdito. — Dallas tombou a cabeça, e o cabelo sedoso deslizou, descobrindo a orelha com o pequeno brilhante que tanto o seduzia.

— Em outras palavras, deixou-me cozinhando em banho-maria — Sam replicou, percebendo que, no lugar dela, teria feito a mesma coisa.

Dallas ergueu os ombros, aceitando a acusação com indiferença, dando-lhe a impressão de que poderia digerir qualquer coisa e retrucar na mesma moeda.

— Mais ou menos. O que você queria?

— Quero saber como posso me livrar de você — Sam afirmou em tom seco, mais até do que pretendia, pois o ar de frio desdém na expressão de Dallas o desafiava, levando-o a ultrapassar os limites. Ninguém o tratava assim desde que era um novato no mundo dos negócios.

— Verdade? E por quê? — Dallas observou-o como se quisesse decifrá-lo.

Oh, céus, ele tinha se esquecido de como podiam ser penetrantes aqueles olhos verdes... olhos de feiticeira.

— Você sabe que está causando um mundo de problemas, Dallas. Não só na minha empresa, mas em outras também. Como posso chegar diante do conselho de diretores e propor um plano de funções partilhadas, com funcionários em meio período? Eles ririam na minha cara e me expulsariam da empresa.

— Talvez seja melhor discutirmos um pouco nossos pontos de vista — ela ofereceu-se, observando o suor que escorria pelo pescoço musculoso até a camiseta já úmida. — Não se sente à vontade comigo, Sam? Ou está nervoso por não estar vestido com sua costureira armadura protetora?

Erguendo-se, Dallas pegou a ponta da toalha que pendia do pescoço de Sam e enxugou-lhe as têmporas.

— Olhe, estou com minha agenda realmente tomada, mas eu me esforcei para dar um jeito de vir até aqui, Sam. Porém, se você não se sente bem por estar vestido assim, posso esperar. Gostaria de resolvermos nossas pendências esta noite.

Surpreso com o gesto dela, Sam ficou imóvel sob os leves toques da toalha. Depois, afastou a cabeça e começou a soltar as faixas das mãos com os dentes.

Tomando-lhe as mãos, Dallas começou a desenrolar as tiras largas. Seus dedos eram finos e brancos, as unhas curtas e bem-feitas. Em contraste com os dele, grossos e fortes, eram muito femininos e macios.

Ao ficar assim tão próximo a ela, Sam sentiu a couraça interior que o protegia havia tantos anos um tanto abalada. Não conseguia explicar. Estava angustiado e com uma imensa necessidade da atenção dela.

Estudou-lhe o contorno suave do rosto e, então, sentiu outra vez o perfume doce das ervilhas-de-cheiro do quintal da mãe dele. Abalado, ficou imóvel. As mãos macias e eficientes haviam terminado de soltar as faixas e ele ressentiu-se por perder o contato com os dedos suaves roçando os seus.

Dallas ergueu subitamente os olhos verdes para os dele, fazendo-o sentir um choque que o percorreu da cabeça aos pés.

— Quero que venha para casa comigo, Sam. Para jantar — ela falou no mesmo tom com que o convidaria para uma reunião de diretoria.

— Tenho um compromisso — ele retrucou com voz rouca, afastando-se. Não conseguia entender por que ela o deixava nervoso. Sentia-se como se tivesse corrido dez quilômetros e não conseguisse recuperar o fôlego.

— Sei que não tem família e costuma trabalhar até tarde. — Dallas continuou, observando-o. — Mas, se tem medo de aceitar um simples convite para jantar...

Dallas Pendragon sabia como desafiá-lo, Sam concluiu com humor sombrio. Tinha mandado investigá-la e sabia que era divorciada, com dois filhos pequenos. Mas, mesmo assim, precisava perguntar, sondando-a:

— Seu marido sabe que está me convidando?

— Se tivesse um, tenho certeza de que não se importaria — ela retrucou, erguendo as sobrancelhas.

— Talvez esteja se arriscando demais. De onde eu venho, os homens tomam a iniciativa — Sam acrescentou, tentando encobrir sua reação exagerada. Se fosse o marido dela, ficaria furioso.

— Não ponha idéias erradas na cabeça, Sam. Pense nisso como um jantar de negócios. E, não se preocupe, haverá diversas pessoas lá para proteger sua reputação.

Exasperado por ela ter desdenhado sua observação com muita facilidade, como se tivesse demasiada experiência, ele virou-se, passando os dedos pelos cabelos úmidos.

— Qual a razão para tudo isso?

Dallas suspirou, relanceando os olhos pelas janelas, onde a garoa úmida refletia as luzes da cidade, que começavam a acender-se.

— Quero que veja as coisas do ponto de vista da mulher que trabalha fora. Sinta como é o outro lado. A menos que tenha receio de não aguentar. Seus funcionários o vêem como inflexível, de qualquer forma.

— Sei muito bem como é trabalhar e manter uma família. — Sam irritou-se, pois não gostava de sentir-se na defensiva, e Dallas tinha o dom incrível de atacar-lhe os nervos.

— Ah, sei. Suponho que faça isso como rotina, não? — Dallas cruzou os braços sobre o peito, com uma expressão especulativa. Movendo as pernas longas, mudou de posição e mergulhou num ataque frontal: — Deixe-me dizer-lhe como penso que seja sua vida, Sam. Tem seu próprio ginásio para manter-se em forma, mas o mantém como seu domínio particular, sem pensar em proporcionar os mesmos benefícios aos seus funcionários. Empregados também sentem necessidade de exercitar-se. Provavelmente, leva uma vida bem ordenada, livre de trabalhos caseiros, problemas com crianças e manutenção da casa etc.

Sam moveu-se, perturbado. Decidira-se a morar num apartamento de cobertura e empregara uma governanta, pois não tinha tempo nem desejo de criar um lar. Na verdade, nunca tivera nada parecido. No início de sua carreira, sempre morara em apartamentos baratos e, mais tarde, em apart-hotéis. Mudara para essa cobertura para poder dar festas e receber conhecidos de negócios; situava-se perto do escritório e tinha um cômodo privativo e trancado na garagem subterrânea para acomodar seu único amor, Bertha. Viciada em óleo e bastante gasta, o velho pick-up era seu passatempo.

— Meu estilo de vida não tem nada com o problema.

— Não? — Respirando fundo para criar coragem, Dallas procurou palavras duras que o atingissem. — A classe trabalhadora tem de fazer de tudo, desde comprar mantimentos, fazer sua própria comida, cuidar da casa e até dos consertos necessários, eventualmente. Isso depois de trabalhar o dia todo, pegar as crianças na escola ou com a babá e enfrentar o trânsito. Isso é stress, Sam. A causa principal de ataques cardíacos.

— Todo mundo tem de comer, Dallas. Como ou quando o fazem não é problema da empresa.

— Bem, logicamente, sem filhos para atrapalhar, com um ginásio privativo, possibilidade de tirar férias prolongadas quando quiser, uma secretária para ajudá-lo com os seus problemas particulares, é óbvio que você não vê nenhuma razão para proporcionar alguns desses benefícios aos seus empregados. Não é, Sam?

— Você daria um ótimo soldado camicase, Dallas — ele reconheceu com relutância, os músculos dos ombros e do pescoço contraídos até o limite. — Mas não sabe do que está falando. Trabalho bastante aqui e enfrento muitas responsabilidades.

Sofro tanta pressão, ou talvez mais até que qualquer um.

— Verdade? — Os olhos verdes deslizaram pelo corpo másculo, apreciadores, erguendo-se, depois, para fitá-lo. — O que eu vejo é um homem com uma única visão das coisas. Tem medo de experimentar o mundo real dos trabalhadores, Sam?

— Diabo, eu trabalho desde que posso me lembrar — ele sibilo entre os dentes. — Lavei minha própria roupa e fiz minha comida por muito tempo.

Dallas endireitou os ombros, obrigando-o a esforçar-se para não admirar-lhe os seios.

— É natural que fique zangado e na defensiva quando confrontado com os fatos. Talvez esteja imbuído demais em suas próprias idéias para ouvir novas opiniões... mas estou lhe pedindo para tentar. Você parece muito irritadiço no ambiente de negócios. Gostaria de lhe proporcionar uma visão do outro lado da vida... e, naturalmente, estou disposta a ouvir suas razões. Pense nisso como uma conferência de cúpula.

Uma espessa onda de cabelos roçou-lhe o queixo quando ela ergueu a cabeça e Sam cerrou os dedos para conter a necessidade de tocá-los.

— Não, não estou preocupada com os perigos de levar um estranho para a minha casa, Sam — Dallas falou com serenidade, como se tivesse adivinhado a pergunta dele. — Apesar de saber que você pode ser obstinado e impossível, sei que não é mau-caráter. Apóia um funcionário que tenha uma queixa razoável. No ano passado, pagou de seu próprio bolso as despesas médicas do filho de um funcionário. E nunca bate em ninguém com metade do seu tamanho. Eu investiguei.

Ela o estava desafiando outra vez, Sam concluiu, depois de ranger os dentes por um momento. Mas, agora, ultrapassara os limites.

— Meu carro ou o seu?

— Na verdade, eu vim de ônibus. Tinha esperança de que você me desse uma carona. Só que preciso fazer algumas compras no caminho. Posso esperar, se quiser tomar um banho e trocar de roupa. Com toda certeza, tem um banheiro privativo completo junto ao ginásio, não?

Sam ficou imóvel por um segundo, antes de endireitar-se e fitá-la do alto de sua estatura.

— Se quisermos chegar a algum acordo esta noite, Dallas, sugiro que me conceda algum espaço. Há limites — concluiu com firmeza.

— Seus limites, lógico — ela retrucou, sem se perturbar. — Suas regras do jogo.

— Eu jogo limpo. Estarei pronto logo. — Dirigindo-se para o banheiro, Sam não resistiu a lançar mais uma provocação: — A propósito, isso poderá ser divertido.

Sam dirigia seu Lincoln Continental pelas ruas úmidas e escorregadias de Seattle. No caminho para a casa de Dallas, haviam comprado alguns sacos de mantimentos e resgatado duas crianças da babá. Logo fora informado de que Nikki já estava no primeiro ano, ficando com a babá após a escola.

Sentados no assento dianteiro entre ele e a mãe, ambos o examinavam abertamente.

— Ele é um homem muito grande, mamãe — Billy deu sua opinião, finalmente.

Dallas riu, puxando o garotinho contra si. Sam ouviu a risada dela soar com verdadeira alegria. O menino de cabelos pretos aninhou-se contra ela.

— Sam é bonzinho, apesar de todo o seu tamanho. Por isso, eu o trouxe para casa. Para que pudesse conhecer você.

Sam gostou do som baixo e rico daquela voz; era como seu toque. Olhou de relance para Nikki, sentada a seu lado.

— Estas são as outras pessoas que você mencionou? — perguntou com uma interrogação no olhar.

— São preciosos, não? — Os olhos de Dallas cintilaram sobre a cabeça do

menino.

Nikki virou-se para a mãe.

— Mamãe, você foi comprar um papai para Billy? Como a vovó disse?

Por um milésimo de segundo, Sam experimentou a delícia inexplicável de ver Dallas embarçada.

— Ora, querida, nós já tínhamos conversado sobre Sam vir jantar em casa. Ele só veio nos visitar. Temos alguns negócios a tratar, certo?

— Ele é grande demais — Billy disse, os olhos sérios estudando-o dos pés à cabeça. — Vai me carregar um pouco?

— Tanto quanto você quiser — Sam respondeu, conquistado pela simpatia do garoto.

Nikki ergueu a mão para acariciar-lhe o rosto, fazendo-o perceber que não se barbeara. Sentiu o cheiro de chocolate e amaciante de roupa enquanto a mão pequenina lhe explorava o queixo e, depois, se afastava.

Subitamente, percebeu que havia muito tempo uma criança não o tocava. O pensamento o incomodou, lembrando-se da família que desejara ter quando era mais jovem. Mas, no decorrer de sua carreira, esquecera-se.

— Você está com a fisionomia fechada, Sam... As crianças são curiosas por natureza — Dallas explicou com calma, observando-o com olhos calmos e observadores. — Mas, se isso o incomoda, podemos conversar outro dia, sem elas. Isto não lhe é doloroso, não?

— Tem filhos, sr. Sam? — Billy interrompeu-os, enquanto Sam entrava com o carro pelo portão, estacionando atrás de um pequeno carro vermelho, que era a própria imagem da dona: lustroso, polido e eficiente.

— Talvez ele não goste de crianças — Nikki falou devagar, observando-o com atenção enquanto a mãe saía do carro e ajudava Billy a descer. — Minha amiga Kathy diz que alguns adultos não gostam.

— Gosto de crianças, sim, doçura. Só não tive sorte suficiente para ter alguma — Sam respondeu, subitamente espantado pelo que dissera. Sua ex-mulher não tinha querido filhos e a idéia de uma família não lhe ocorrera durante anos. Sentindo o corpo tenso, guardou o pensamento nos recessos de sua mente. Nunca desperdiçava tempo com arrependimentos e não tinha intenção de começar agora.

— Gosto do Natal — Nikki contou, enquanto deslizava pelo assento até a porta.

— Sam, por favor, poderia trazer as compras? — Dallas pediu-lhe, procurando as chaves na bolsa com uma mão, enquanto Billy agarrava-lhe a outra, olhando para Sam com olhos arregalados.

À luz fraca, Sam pôde perceber um pequeno mas bem cuidado jardim, fechado por uma cerca de madeira branca. Ao subir os degraus da ampla varanda da frente, sentiu o estômago contraído. A atmosfera familiar começava com a coroa de festas na porta dianteira e espalhava-se diante dele. Mudou os sacos de compras de posição, pouco à vontade, enquanto Dallas transformava-se num dínamo humano, levando-o até a cozinha, enquanto instruía as crianças para tirarem os casacos e os guardarem.

Ainda segurando os sacos de compras, Sam sentiu o aroma do *pot pourri*, uma mistura de pétalas, ervas, folhas e de amor aquecendo a casa. Sentiu os vestígios de algo havia muito esquecido, algo muito doloroso para ser lembrado, agitarem-se dentro de si. Desejos esquecidos, revolvendo suas lembranças como folhas mortas.

— Pode deixar os sacos sobre a pia, Sam — Dallas pediu, passando por ele em direção ao banheiro pegado à cozinha.

— Vamos ter cozido e pão francês esta noite — ele ouviu-a dizer acima do barulho de água corrente. — Em dias muito ocupados, especialmente em sextas-feiras frenéticas, gosto de planejar uma refeição lenta.

Arregaçando as mangas, ela tornou a entrar na cozinha.

— Por favor, fique à vontade, Sam. — Ao vê-lo hesitar, deu-lhe um sorriso. — Você parece tão formal. Tire o paletó e a gravata. Se quiser, tire também os sapatos. Se não se sentir confortável, minha idéia nunca dará certo.

Sam sentiu o perfume de ervilhas-de-cheiro quando Dallas passou por ele, acendendo as luzes. Dava-lhe a impressão de um beija-flor voando de flor em flor.

— Venham, crianças, já abri a água do banho. Você primeiro, Nikki.

À luz suave das lâmpadas e velas, o lar de Dallas parecia um lindo quadro, completo com a árvore de Natal com luzinhas cintilantes e os presentes envoltos em papéis festivos dispostos embaixo. Da lareira emoldurada de branco, pendiam quatro meias feitas de retalhos. Sam ficou estudando-as enquanto tirava o sobretudo. Uma mãe e duas crianças não somavam quatro meias de Natal. Não gostou das implicações da quarta meia. Dallas não era casada, mas não dissera nada sobre um namorado. Sam descobriu-se olhando sombriamente para a meia enfeitada.

Dallas passou por ele, trajando um conjunto de malha amarelo. Sorrindo, começou a desempacotar as compras com rapidez e eficiência.

— É assim todas as noites. Uma correria até quase a hora de dormir... Acho que Nikki já está pronta. Será que não se importaria de ajudar Billy a terminar o banho? Assim, teríamos mais tempo para conversar.

Quando Sam moveu-se pouco à vontade, ela piscou.

— Homens e mulheres que trabalham fora o dia todo passam por essa rotina todas as noites e sobrevivem. Mas, se acha que não consegue lidar com duas crianças de seis e quatro anos, não tem importância. O jantar sairá um pouco atrasado.

Sam franziu as sobrancelhas. Ela o fazia sentir-se incapaz das tarefas mais simples. Enrolando as mangas da camisa, observou-a com atenção. Dallas percebeu-lhe o olhar inquisidor e o devolveu.

— Será que alguma coisa em mim ou nesta noite o está incomodando? Sam, eu não gostaria que você não se sentisse bem aqui, com toda sinceridade.

— Está tudo bem — ele respondeu, um tanto brusco. O tom de Dallas o fazia sentir-se inquieto. Não estava acostumado a ver ninguém preocupar-se com seu conforto genuinamente. Quando ela usava aquele tom, sentia-se como se uma mão carinhosa afastasse todas as suas preocupações. Desistira de encontrar alguém que se importasse com ele havia muito tempo. Aquele olhar calmo era muito franco e paciente, deixando-o nervoso como o diabo. Dallas tinha um jeito característico de olhá-lo, penetrando nas profundezas nebulosas dos sentimentos dele.

— Você é alta — Sam disse de repente, espantando-se com suas próprias palavras, que pareciam ter-lhe escapado da boca por vontade própria.

Comentários pessoais não eram do seu estilo, porém Dallas o deixava fora de si.

— Você é alta e se move rapidamente — repetiu devagar.

Ótimo, ele pensou, fitando os olhos verdes espantados. Desde quando se importava com a altura de uma mulher ou o modo como se movia?

Ao vê-la umedecer os lábios e desviar os olhos num nervosismo evidente, ficou com vontade de saber que tipo de homem a faria diminuir o ritmo o tempo suficiente para experimentar aqueles lábios macios de morango. O pensamento o aqueceu, assustando-o com a visão das mãos alvas e macias de Dallas sobre sua pele morena.

— Eu preciso andar rápido. Parece nunca haver tempo suficiente quando se tem uma família — ela retrucou, sem hesitar. Destampou a panela em fogo baixo para mexer seu conteúdo borbulhante com uma colher de madeira. Debruçando-se no fogão, estudou o cozido por um instante, provando-o. — Está pronto.

O movimento fez com que as calças de malha se ajustassem aos quadris e Sam sentiu um calor sensual crescer dentro de si. Movimentou os ombros tentando relaxar os músculos subitamente tensos do pescoço. Nunca sentira tanta necessidade de tocar a pele macia de uma mulher. As palmas ardiam com a vontade de envolver... Bruscamente,

esfregou as mãos, sentindo que precisava, com urgência, do apoio de uma boa dose de uísque.

Virando-se, foi para o banheiro, já ouvindo o barulho de água e crianças rindo.

Ainda via diante de si o corpo esguio, os seios redondos e cheios, o ventre liso, as pernas longas e bem torneadas... Dallas Pendragon era uma mulher e tanto... Engoliu em seco, tentando desatar o nó em sua garganta. Diabos, tentou raciocinar, o problema era que estava havia muito tempo sem sexo. Qualquer mulher o afetaria assim.

Precisava vigiá-la, decidiu. Dallas tinha um jeito de se infiltrar nas pessoas e, depois, virar sua vida de cabeça para baixo. Como um vírus.

Entrando no banheiro cheio de vapor, Sam foi ao encontro de duas crianças sorridentes e uma variedade enorme de brinquedos. Nikki já terminara seu banho e vestira uma camisola de flanela. Naquele momento, brincava com o irmão, ainda na banheira, jogando-lhe seus brinquedos favoritos.

Apoiando-se na beirada do gabinete da pia, Sam agarrou o vidro e espuma de banho das mãos de Billy bem a tempo de evitar que o virasse todo dentro da água.

— Não acha que já pôs bastante, mocinho?

— Mamãe sempre diz que é preciso usar sabonete para ficar bem limpo — o menino respondeu sério, encarando-o. — Nós vamos adotá-lo como fizemos com o nosso gato? Baghdad não entra dentro de casa nem mesmo quando o convidamos. Mas você poderia dormir no meu quarto.

— Acho que não, Billy — Sam explicou, inclinando-se para tirar a tampa da banheira, deixando a água escoar. — Sua mãe e eu só temos alguns negócios a tratar esta noite.

Nikki apoiou a mãozinha no ombro dele, deixando-o inquieto. Desde quando uma criança não o tocava? E desde quando gostava disso? Engolindo em seco, sentiu a menina acariciar-lhe o rosto.

— Mamãe sempre embrulha Billy numa toalha quentinha e gostosa e, depois, veste-lhe o pijama.

Erguendo-se para sair da banheira, o garoto o fitou com certa expectativa.

— Sr. Sam, você é tão forte! Aposto que consegue carregar nós dois juntos.

O coração de Sam falhou por um instante, depois começou a bater devagar. Aquelas duas crianças o estavam abalando, admitiu com estranheza, enquanto enxugava Billy e o vestia. Quando terminou, as crianças precipitaram-se para fora do banheiro, deixando-o ali com a camisa um tanto úmida.

Apoiando-se na pia, Sam ficou quieto por um momento, lutando para recuperar o equilíbrio. Num gesto distraído, abriu a camisa, passando a mão no peito coberto de pêlos.

— Deve ser essa época de festas de Natal, meu velho — murmurou para si mesmo, passando a mão pelos cabelos enquanto saía do banheiro.

Ao vê-lo entrar na cozinha, Dallas ergueu os olhos dos pratos fundos onde estava servindo o cozido. Amarrotado e distraído, Sam parecia bastante atraente, concluiu, depois de refletir um pouco.

— Estava dando comida para Baghdad, nosso gato — disse em voz alta, esforçando-se para lembrar que Sam era somente uma experiência comercial e não um homem no sentido sensual. Na verdade, Baghdad, um gato de rua que vivia aparecendo ali para ser alimentado, a fazia lembrar-se de Sam: cauteloso com qualquer ato de bondade.

O cabelo dele estava um pouco despenteado e o cenho ainda mais franzido. Com o olhar apreciador, ela observou o corpo musculoso, dos ombros largos aos quadris estreitos. Talvez estivesse se sentindo assim porque não estava acostumada a ver o peito de um homem. Moreno e coberto de uma penugem escura, exposto pela camisa úmida e entreaberta, aquele pedaço de pele atraiu-lhe o olhar.

Talvez ela estivesse se sentindo especialmente vulnerável por causa da época de festas, deduziu, endireitando a cadeira de Billy, a seu lado. Deixando de lado aqueles pensamentos estranhos, convidou Sam a sentar-se.

— Não é filé *mignon* nem torta de amêndoas. Mas é uma refeição nutritiva e fácil para uma mãe que trabalha — ofereceu-lhe com um sorriso.

Ao ver que Sam continuava a olhar para o prato cheio a sua frente, Dallas estranhou, imaginando o que estaria pensando.

— Há muito tempo que não como cozido feito em casa — ele falou, em tom baixo.

Nikki ergueu a mão e o acariciou, consolando-o:

— Sr. Sam, tem que comer tudo o que estiver no prato ou mamãe não vai lhe dar bolo de chocolate. É uma delícia. Ela até enfeitou com cerejas. Com cabinhos, assim podemos comê-las com os dedos. — A menina fingiu comer as cerejas e jogar fora os cabinhos, sorrindo-lhe.

— Então, acho melhor comer meu cozido, não? — Sam devolveu-lhe o sorriso.

Dallas notou como as linhas de seu rosto se modificavam, como se não estivesse acostumado a sorrir. Sim, ele precisava de ajuda. E, se seu plano desse certo, também seus funcionários se beneficiariam. Ele até que era bem simpático quando queria, refletiu depois, quando ambos limpavam a cozinha.

Enquanto Dallas lidava com uma carga de roupas para lavar, Sam instalou-se no sofá, com Nikki no colo. A menina o acariciava no rosto e, embora parecesse um tanto inquieto, ele aceitou o gesto de afeição. Tanto ela como Billy o estudavam intrigados, numa atitude que Dallas considerou normal; não estavam acostumados com um homem em sua casa.

Exceto Douglas. Com um olhar, ela estudou as pernas compridas dele, as coxas musculosas e o peito que surgia sob a camisa entreaberta. Douglas não tinha pêlos no peito, ela descobrira um dia na praia. Era menor e, comparando-o a Sam, era... bem, mais acadêmico, concluiu. A fim de disfarçar a expressão pensativa, inclinou-se para verificar a vela que ardia continuamente, tremeluzindo vez ou outra.

— Já está na hora de irmos para a cama, sr. Sam. Pode ajudar mamãe a expulsar os ursos do quarto de Billy e nos ajeitar na cama — Nikki convidou-o, tirando-lhe das mãos o livro de contos e beijando-o.

Dallas quase derreteu-se ao ver as sobrancelhas de Sam juntarem-se, como se tivesse levado um choque repentino. Depois, tocou de leve o lugar onde a menina o havia beijado. O pobre homem não estava acostumado a qualquer tipo de afeição, Dallas pensou com tristeza ao vê-lo dar um tapinha desajeitado na criança. Não era de admirar que seus funcionários o taxassem de inflexível e insensível. Em plena época de Natal, também.

Fora idéia dela trazê-lo para casa, a fim de que experimentasse as diversas tarefas que uma mulher executiva tem de enfrentar ao voltar para casa, as exigências físicas e emocionais. Não podia se permitir ceder agora.

Billy agarrou-a pelo pescoço, enquanto Dallas o carregava para a cama, e sussurrou em seu ouvido:

— Ele não tem mãe nem filhinhos. Então ele pode ser só nosso, não? Como Baghdad?

— Falaremos disso outra hora, quando ele não estiver aqui, certo? — ela sussurrou, sentindo-se pouco à vontade ao ver Sam encostado no batente, a luz do hall delineando-lhe a silhueta.

Ele a fazia lembrar-se de um órfão, o rosto escondido nas sombras, as mãos enfiadas nos bolsos. Forçou-se a não pensar assim. Sam era o presidente de uma corporação, um patrão duro e exigente com seus empregados. Pelo que pudera ver, era tão rijo como aço, por dentro e por fora. Esfregando as mãos, Dallas decidiu que já era hora de lhe apresentar seu plano. Ou Sam o aceitaria ou ela teria perdido seu tempo com

ele. E duas grandes porções de cozido e três fatias enormes de bolo de chocolate.

— Já matou todos os ursos, Dallas? — Sam perguntou, instalando-se no sofá de flores rosa.

Por um momento, Dallas ficou observando o contraste entre a estampa delicada da forração e a flagrante masculinidade dele. Confusa por estar pensando em Sam como um homem em vez de um projeto, endireitou os ombros. Confessou a si mesma que ele tirava-lhe o controle.

— Muito bem, você esteve trabalhando na apresentação de seu plano toda a noite — Sam disse em tom firme, numa voz baixa e grave, com um leve acento sulista que ela não notara antes.

Dallas o observava com atenção, com os olhos semicerrados. Normalmente, a voz dele era seca e autoritária, como a de um sargento. Mas agora o tom parecia quase... sensual.

— Você esteve demonstrando a carga de uma mulher que trabalha fora desde que chegamos. Vá direto ao ponto, Dallas. Por que me convidou esta noite?

CAPÍTULO III

Pela primeira vez desde que concebera os detalhes do plano maluco de Lisa, Dallas começou a sentir uma ponta de dúvida. Sam ocupava a maior parte do sofá e, com o braço apoiado no encosto, parecia descontraído e muito... encantador, admitiu, com relutância.

Saindo do passado, uma onda de amargura se alojou em seu estômago. Aos vinte e nove anos, fora uma presa fácil para a sensualidade experiente de T.J. Analisando à distância, seu romance com o marido havia sido muito mais hormonal do que o grande amor que imaginara. Agora, aos trinta e nove anos, concluiu que provavelmente nunca sentiria uma paixão ardente. Era feliz com sua carreira ascendente, um lar acolhedor e o amor de seus filhos. Sentindo o corpo escorregar pelo sofá, para o lado de Sam, endireitou-se com um movimento brusco. O executivo de nariz quebrado tão bem instalado sobre suas almofadas não deveria ser tão atraente. Não queria pensar na expressão deliciada, quase infantil dele ao comer o bolo de chocolate. Nem como alimentara T.J., cedendo diante daquela mesma expressão cativante. Inquieta com a direção de seus pensamentos, achou que precisava de algo quente e confortante em suas mãos.

— Sempre tomo uma xícara de chá depois de pôr as crianças na cama. Gostaria de uma também?

— Como quiser. Estou ansioso para ouvir sua proposta, Dallas. Terminaria a noite com perfeição. Quer ajuda?

Só a idéia do corpo enorme de Sam em sua cozinha a fez sentir-se sufocar. Precisava de espaço para se recuperar. Não esperava reagir à sensualidade de Sam, ao convidá-lo. De repente, ele espreguiçou-se com prazer, a coxa rija dele roçando na dela. Dallas sentiu algo derreter-se dentro de si. A garganta ficou ressecada e uma emoção esquisita intumescceu-lhe os seios. Teve de se controlar para não deslizar a mão pelos músculos fortes daquela coxa. Bom Deus, o que estava errado com ela?

Um arrepio gelado a percorreu dos pés à cabeça. Sam não era o tipo de material romântico para ela, nem para ninguém. Era feito de concreto puro. O homem vivia para o trabalho. No seu sangue, havia lucros e perdas, não poemas e flores.

Quase pulando em pé, Dallas dirigiu-se apressadamente para a cozinha.

— Não precisa. Fique à vontade.

Endireitando os ombros, Dallas teve a estranha sensação de que Sam a tocara, as mãos quentes deslizando-lhe pelas costas.

Enquanto preparava o chá, sentia-se trêmula. Com a expressão fechada, ficou estudando o desenho de orquídeas da porcelana delicada. Sam não era nada além de um obstáculo em seu trabalho a ser transposto. Não podia deixar que seus atributos físicos a perturbassem. Muitas pessoas se beneficiariam de seu projeto, e tudo o que conseguia pensar era em sexo...

Sua experiência passada não era monumental. Dallas reservou-se um momento, olhando pela janela para a noite escura, enquanto se acalmava. Acidentalmente, percebeu um movimento na janela dos Deon, seus vizinhos do lado. Os recém-casados estavam envolvidos num abraço apaixonado, beijando-se como se precisassem mais um do outro do que de ar.

Dallas apertou os olhos fechados com firmeza e forçou-se a respirar com calma por alguns instantes. Massageando as têmporas, admitiu com relutância que, já no escritório, a visão de Sam, suado, com a camiseta úmida marcando-lhe os músculos poderosos, suas barreiras haviam começado a desmoronar. Enxugara-lhe o suor do rosto com a toalha quando o que queria mesmo era... era arrancar a blusa e apertar seu corpo contra o dele.

A cabeça latejava. Tudo aquilo era a maior idiotice que já cometera. Dallas

Pendragon representava a executiva moderna a atual, não Sheena das Selvas reagindo ao bater sensual dos tambores. Forçou-se a esquecer sua fraqueza e obrigou-se a planejar sua apresentação. Os sonhos acordados da meia-idade que se aproximava podiam esperar.

Abanando a cabeça, pressionou as têmporas. Sam Loring era um imenso desafio pessoal para ela. E alojado em algum lugar de seu cérebro, a propaganda da mãe sobre penhoar transparente e o aninhar-se na cama com um macho ardente a haviam perturbado.

Não era uma pessoa primitiva; nunca fora, T.J. Ihe havia dito. Para ela, Sam Loring não devia representar a espécie masculina. Era uma experiência, um dos executivos mais durões de Seattle. Em suas pesquisas, ficara sabendo que liderava a comunidade empresarial. Conquistá-lo para o seu programa poderia instituir novas práticas que beneficiariam centenas de trabalhadores estressados.

Mais tarde, sentada no canto oposto do sofá, Dallas desejou ter comprado mais uma poltrona, em lugar de somente almofadas espalhadas pelo chão.

Bebericava seu chá, apreciando a mistura inglesa na xícara de porcelana. O pequeno ritual era importante, ajudando-a a aliviar a tensão que ameaçava dominá-la. Sam apoiou sua xícara na mesinha ao lado e virou-se para ela.

A mão mudou de posição nas costas do sofá e Dallas sentiu, mais do que viu, o movimento dos músculos fortes do braço. Percebeu um relógio caro e moderno e o brilho dos pêlos escuros à luz das velas.

Engolindo em seco, percebeu a intimidade da cena. Pondo a xícara de lado, esticou-se para acender o abajur. A expressão dele pareceu mudar levemente, tingindo-se de humor.

— É romântico, não? — Sam comentou, a voz profunda soando um tanto divertida.

Sentindo-se um pouco culpada, Dallas percebeu que ia corar. Tentando controlar-se, agarrou o braço do sofá, amassando as rosas da estampa.

— Não é o que tenho em mente, Sam. E você sabe disso. Estritamente negócios — Dallas falou, arrependendo-se no mesmo instante por não ter ignorado a observação dele.

Recostou-se no sofá e esperou que seu nervosismo passasse. Se ao menos ele parasse de observá-la como se quisesse adivinhar seus pensamentos.

— Isso não é aconchegante? — ele murmurou, os cantos da boca dura erguendo-se num arremedo de sorriso. — As crianças estão na cama. A propósito, elas queriam me adotar. E, finalmente, só eu e você...

Dallas respirou fundo. Se havia uma pessoa em quem nunca esperaria encontrar o mínimo traço de humor, e covinhas fundas e cativantes, era Sam Loring.

— A minha proposta pode ser um pouco difícil de compreender a princípio, mas procure me ouvir.

— Sou todo ouvidos. Você não teve problema algum em se explicar até agora. Por que não fala claramente?

Dallas umedeceu os lábios e surpreendeu-se ao perceber os olhos cinzentos acompanhando o gesto. Engoliu em seco, afundando-se na proteção das almofadas do encosto. Queria sumir debaixo delas. Aquele olhar cortante e predador podia descobrir qualquer fraqueza passageira no mesmo instante.

Franziu as sobrancelhas, sentindo o nervosismo dissipar-se com a raiva. Não iria negociar sua carreira com jogos sensuais.

— Quero fazer uma aposta com você, Sam. Algo que põe minha reputação em jogo, e eu dou grande valor a isso. Seu lado da aposta não é tão difícil, só uma questão de mudar de estilo de vida por um mês. Eu me arrisco a perder muito mais.

Dallas fez uma pausa e respirou fundo, observando as feições atentas dele. Notou, então, outra qualidade que faltava a T.J. Sam ouvia. Podia não gostar de suas teorias,

mas respeitava-lhe o direito de exprimi-las. Ignorando, com desassossego, a contínua comparação entre Sam e T.J., forçou-se a continuar:

— Se eu perder a aposta, entrarei em contato pessoalmente com os seus funcionários e admitirei que minhas teorias sobre stress e tensão eram pura bobagem. Não é o que deseja que eu faça? Mas acredito que mudará de idéia depois dessa experiência, Sam.

— E, sem dúvida, tenho uma parte importante nisso, não? O que significa mudar de estilo de vida por um mês? — ele perguntou, enquanto traçava com o indicador o desenho das rosas.

— Você perderá a aposta se não conseguir, repito, se não puder seguir a rotina de uma mulher que trabalha fora durante o mês mais frenético do ano: dezembro.

Inclinando-se para pegar sua pasta ao lado do sofá, Dallas apoiou-a sobre os joelhos e abriu-a.

— Preparei uma lista. Seria interessante que a repassássemos juntos. Assim poderá entender melhor a rotina diária de uma mulher. Logicamente, levará vantagem, pois não tem os filhos quase sempre presentes.

— Qual é o truque? Minha parte na aposta é moleza — ele disse, num tom seco.

— Veremos — Dallas retrucou com suavidade, lembrando-se de como passara uma noite toda acordada quando Billy ficara doente e, depois, enfrentara doze horas de aulas. — Mas, só por hipótese, vamos dizer que você se ponha no lugar de uma das suas funcionárias e descubra como a sua rotina é extenuante.

Ignorando a leve exclamação de descrédito, Dallas preparou-se para atingir o alvo. Ou teria conseguido interessá-lo ou ele cairia na risada e iria embora..

— Nem todos estão à altura do desafio de cuidar de si mesmos dentro de um orçamento, Sam — acrescentou, num tom de desafio que fez os olhos cinzentos brilharem perigosamente.

— Continue, Dallas — ele murmurou, com um leve aceno de cabeça, erguendo uma sobrancelha. — Você já foi longe demais para parar agora. Venho tomando conta de mim mesmo há bastante tempo, mas, só por diversão, gostaria de saber exatamente quais seriam minhas obrigações nessa aposta.

Estimulada pela pequena vitória de ter conseguido interessá-lo, Dallas empenhou-se na tarefa de fisgá-lo. Percebia-o avaliando suas forças e fraquezas. Apesar de tudo, Sam dedicava toda sua atenção à proposta. Tinha a impressão de que analisava tudo duas vezes, antes de dizer alguma coisa.

— Minha teoria é de que você, como patrão, nunca experimentou o mundo real em que vivem seus subordinados — ela continuou com satisfação ao ver-lhe a expressão mudar, parecendo-se com um buldogue pronto a defender seus domínios.

Decidiu atirar-lhe um osso, com delicadeza. Ergueu os ombros e sorriu com uma expressão inocente.

— Se você perder, por alguma impossibilidade, gostaria de trabalhar em algumas propostas e apresentá-las a sua diretoria.

— Todos querem alguma coisa. Mas você entrou no jogo errado desta vez, Dallas. Mostre-me essa lista — Sam disse num tom abrupto, similar ao de Billy quando via seus brinquedos ameaçados. — Você nada sabe sobre mim ou o que posso fazer. Sou capaz de lidar com qualquer coisa que você proponha, inclusive esse seu "mundo da mulher que trabalha" — ele repetiu a frase com um desdém de autoconfiança.

Dallas não queria apresentar sua proposta a um homem zangado. Queria-o receptivo e de bom humor.

— Sei que gosta de bolo de chocolate, Sam — ela caçoou de leve, tirando partido das maneiras irritadiças dele.

— E daí, tenho um fraco por doces — ele retrucou, as feições endurecendo-se como se estivesse arrependido de ter-lhe proporcionado o mínimo conhecimento de si

mesmo. — Mas não pense que não tenho estamina para manter o estilo de vida que está me propondo. O que há de tão complicado? Para que existem as máquinas de lavar pratos, secadoras de roupa e fornos de microondas? É tudo para facilitar, desde as comidas semiprontas até os secadores de cabelo.

— Acha mesmo? Vamos dar uma olhada na lista e depois decidirá se quer apostar ou... — Dallas inclinou-se para mostrar-lhe o papel e descobriu que seu ombro quase tocara o dele. O perfume másculo misturava-se de maneira estranha ao cheiro da espuma de banho de Nikki que vinha da manga da camisa.

Seu coração acelerou-se de modo incrível e ela hesitou, tentando esquecer o perfume e concentrando-se na inquietação que crescia dentro de si. Mordendo o lábio, marcou, com relutância, um ponto para Sam. Sempre detestara os perfumes fortes que alguns homens usavam. Pareciam-lhe, de alguma forma, desonestos.

Como T.J.! Por que a presença de Sam fazia o ex-marido ressurgir das sombras de um passado sórdido?

— ... Ou terei de aguentá-la, incitando motins por toda Seattle, certo? Isto tudo está me cheirando a chantagem. — Ele irritou-se, tirando a lista das mãos dela, e inclinando-se para lê-la. Depois de um instante, piscou e desistiu. — Não consigo ler nada sem os meus óculos — explicou, tirando-os do bolso do paletó. Depois de pô-los, começou a estudar o papel a sua frente.

Dallas descobriu-se observando o nariz quebrado sob a armação severa. Ficou imaginando como teria acontecido.

Mas não tinha nada a ver com isso. Por que deveria se preocupar com o nariz quebrado ou as cicatrizes dos nós dos dedos?

Ficou observando Sam enquanto ele lia as tarefas detalhadas, percebendo que uma estátua de concreto armado seria mais receptiva àquela experiência. Esqueceu-se das covinhas; deviam ter sido miragem.

— Não há nada aí que me cause a mínima dificuldade. Pode até começar a falar com os meus empregados. — Sam jogou o papel de volta nas mãos dela e recostou-se no sofá para fitá-la.

Dallas não gostou da maneira superior como ele tratara seus esforços e achou que, talvez, ele precisasse de alguma ajuda para ver as coisas em profundidade.

— Bem, vamos examinar os itens um a um. Tenho certeza de que verá tudo de modo diferente....

— Acredite-me, só vai nos fazer perder tempo — ele suspirou, como se estivesse profundamente aborrecido.

Ante aquele menosprezo, Dallas sentiu os músculos da nuca ficarem tensos e ergueu o queixo numa atitude de desafio. Deu um leve sorriso, sem nenhum calor.

— Talvez você seja realmente inflexível. Bem que me disseram que o seu Manual do Empregado da Brice foi feito há mais de dez anos e nunca foi alterado. Com tantos progressos e modificações nos ambientes de trabalho, isso me surpreende — ela o atacou, vendo-o, com satisfação, recuar por um segundo.

— Eu o redigi pessoalmente e cumpro-o com rigor. — Os olhos cinzentos a encararam, cortantes.

— Mas nenhuma mudança em dez anos, Sam? Com tantas pesquisas sobre as conseqüências do stress e as maneiras de preveni-lo. — Dallas podia sentir que o estava perturbando com seu desafio, a cabeça bem-feita parecendo estar se enterrando nos ombros fortes, numa atitude de proteção.

Os dedos marcados se esticaram devagar e, depois, agarraram-se nas coxas com firmeza.

— Vamos verificar essa lista miserável, então. Minha senhora, vou levar sua oferta a sério. Talvez isso lhe ensine a não se meter com pessoas que sabem o que estão fazendo.

O sorriso de Sam não foi agradável e Dallas retribuiu na mesma moeda.

— Admiro sua confiança. Mas veremos o que acontece daqui a um mês. — Ela abriu a lista, apontando. — Número um: você deve se ocupar dos seus próprios negócios particulares.

— Quem diabo você acha que faz isso? — ele sibilou, entre os dentes.

— Sua secretária? — Dallas sugeriu com amabilidade, quase sorrindo ao ver a expressão irritada mudar-se para cautela enquanto examinava a lista outra vez. Sam não tinha idéia realmente do estilo de vida que ela estava lhe propondo. Mas logo teria... em detalhes. — "Nenhuma secretária se ocupará de suas coisas particulares." Isso quer dizer que você deve levar o carro ao mecânico pessoalmente, pegar suas roupas no tintureiro etc. Ah, e mais uma coisa, só as roupas que devem ser lavadas a seco podem ser mandadas para a lavanderia. Terá de lavar o resto você mesmo. Isso inclui toalhas, lençóis, camisas etc.

Sam murmurou uma praga de marinheiro cujos termos a espantaram. Mas não viu nenhuma razão para deixá-lo respirar.

— Naturalmente, deve se ocupar da limpeza da casa, banheiro, chão, arrumar camas e levar o lixo.

Quando Sam começou a examinar a lista com atenção, Dallas apontou com o dedo:

— Veja o item quatro. Não é permitido o uso de instalações de ginástica privativas. Terá de arrumar tempo para se exercitar fora da empresa. Isto não quer dizer que não possa fazê-lo em casa. Desde que consiga comprar o equipamento com o salário médio de um empregado. Vou calculá-lo depois de examinar os salários dos seus funcionários. Terá de se manter dentro do orçamento. Nisto está incluso almoços e compras. Oh, a propósito, terá de fazer suas próprias compras, sua comida e dirigir seu carro.

Sam a olhava aturdido, enquanto ela continuava a enumerar mais regras:

— No escritório, sugiro que use os intervalos para adiantar seus negócios particulares, como verificar o saldo da sua conta. Lembre-se, em nenhuma hipótese sua secretária poderá ajudá-lo. Nem mesmo para arrumar sua mesa. Ou fazer suas compras de Natal.

Ao fazer uma pausa, Dallas o fitou. Sam brindou-a com uma expressão de quem a estava achando maluca. Pobrezinho, estava começando a compreender as coisas. Sorriu, com pena da carga que ele teria de suportar. Então, sem pensar nas conseqüências, estendeu a mão e acariciou o dorso da mão forte sobre o sofá.

— Não estou pedindo muito, Sam. Lembre-se, estou apostando minha reputação. É muito pior para um profissional retratar-se do que você mudar de vida por um mês.

Sam sentiu o toque leve em sua pele. Refletindo sobre os termos reais daquela aposta, só estava consciente de uma coisa naquele momento: ansiava por aquele toque, detestando o momento em que a mão suave o deixou.

Endireitando-se no estofado, tirou os óculos e apoiou-os na mesinha ao lado, considerando o quadro todo. Sendo um especialista em analisar problemas, Sam pesou as vantagens e desvantagens. Confiante de que ganharia a aposta, considerou as outras vantagens de aceitar aquele jogo.

Observando os olhos verdes de Dallas, pensou qual seria sua tonalidade depois de fazer amor. Depois, ficou imaginando que gosto teriam os lábios cheios e sensuais.

Seu olhar deslizou pela curva suave dos seios até as pernas longas. De repente, percebeu que estava sendo desafiado em outro nível também. Sempre gostara de mulheres inteligentes, mas nunca sentira o excitamento sexual que o inquietava agora. A menos que estivesse muito enganado, Dallas poderia ser uma mulher apaixonada, alguém para se apreciar lentamente, como um bom vinho. Sorriu de leve, saboreando o momento, sua excitação crescendo enquanto considerava as possibilidades.

Dallas Pendragon devia pagar pelos problemas que causara, decidiu, distraído.

Porém, mais do que tudo, queria sentir os movimentos macios e suaves daquele corpo sensual sob o seu.

Dallas Pendragon partilharia sua cama, nem que fosse por uma vez somente. Ambos eram adultos e saberiam enfrentar a situação quando tudo terminasse. Deixou a mão deslizar pelo encosto até encontrar o ombro delicado. Gostou de senti-lo mover-se sob seus dedos como um gato ao ser acariciado.

Dallas, a mulher, o desafiara, e agora queria ouvi-la sussurrar docemente.

— Vou aceitar sua oferta, Dallas, mas gostaria de aumentar a aposta — disse Sam, notando como ela se afastava levemente dele. Gostou de perceber que não usaria sua feminilidade para ganhar vantagem no negócio. Passando pelas poucas sardas do nariz, seus olhos fixaram-se no canto da boca macia. Parecia doce, tão doce como uma torta de nozes.

A ponta da língua de Dallas umedeceu os lábios, fazendo com que o nível de adrenalina dele subisse. Ela poderia ter sucesso como profissional, mas, de algum modo, Sam pressentia que, como mulher, era muito resguardada e cautelosa em seus relacionamentos.

Havia algo antigo e muito feminino nela, um elemento que gostaria de explorar quando a despisse de suas roupas de executiva e dos sapatos práticos. Permitindo-se um grande sorriso, acrescentou:

— Estamos jogando alto, Dallas. É uma questão de ética comercial. Não quero que pense que sou fácil.

Ela esfregou a palma das mãos nas pernas num gesto rápido. Por um momento, Sam contentou-se em observar o movimento nervoso. A menos que estivesse muito enganado, Dallas tinha coxas macias como a seda.

Enquanto a observava, Sam sorriu com um pensamento que lhe veio à mente. Quando era garoto, divertia-se num canteiro de ervilhas-de-cheiro, aquecido pelo sol e acariciado pela brisa. Tinha o pressentimento de que Dallas poderia fazê-lo sentir-se da mesma maneira. Por algum tempo. Em suas experiências, as coisas boas nunca duravam muito.

— O que tem em mente? — Dallas o encarou com cautela.

Estranho, ela pensou, ao ver-lhe o sorriso largo e as covinhas mais profundas. Não tinha achado que Sam Loring fosse capaz de jogar. Mas, naquele momento, ele tinha a aparência de um gato com o rato entre as presas.

Não confiava nele. Seu olhar lhe dizia que sabia tudo sobre algo que ela não vislumbrara.

A mão forte achou-lhe a nuca aveludada e o polegar acariciou-lhe o queixo. Ela estremeceu instintivamente e os olhos cinzentos escureceram-se ainda mais.

Algo mudara entre eles e Dallas sentia-se como se estivesse deslizando por um barranco.

— Exatamente o que tem em mente?

Sam riu e aquele som a atingiu no íntimo, algo másculo, baixo, sensual, conhededor. Afastando o queixo de suas carícias, Dallas questionou a decisão de tê-lo convidado a vir a sua casa.

— Tem uma linda casa, Dallas. — Ele olhou ao redor do ambiente acolhedor e depois tornou a fitá-la. — Está completa, com o espírito de Natal, crianças e tudo o mais. No entanto, eu vivo numa cobertura com uma governanta já prevista no contrato de aluguel. Não poderia mantê-la com o salário de um empregado.

Ela assentiu devagar, observando as covinhas se aprofundarem ainda mais no rosto másculo. Sentia-se como se estivesse andando na corda bamba e a rede lá embaixo estivesse cheia de furos.

Tombando a cabeça para o lado, Sam ergueu uma sobrancelha. Ali havia uma cicatriz e um cabelo grisalho recusava-se a seguir a linha. Dallas queria traçá-la com a

ponta do dedo, alisando-a gentilmente. Mas, em vez disso, questionou-o:

— Continue, estou ouvindo.

Ele suspirou, esticando-se contra o estofado. Ergueu os braços, espreguiçou-se e deu um enorme bocejo. Esticou as pernas, cruzando-as nos tornozelos.

— Preciso refletir sobre os detalhes. — Sam passou um dedo entre as sobancelhas enquanto estudava o brilho de seus sapatos caros. — É só o esboço de uma idéia. Mas não sou o tipo que despreza uma oportunidade de melhorar a produtividade dos meus funcionários através de novas técnicas. Neste mês, enquanto estou pagando meu lado da aposta, quero que faça uma lista das mudanças básicas que beneficiariam os funcionários da Brice, no seu entender. Depois, você, só você, trabalhará nos estudos de viabilidade: custos, pessoal, normas, o que for necessário. Se puder conceber um programa funcional, trabalhando comigo, e eu perder a aposta, a Brice implantará suas mudanças. Eu a apoiarei perante a diretoria.

Ele lançou-lhe um olhar perceptivo sob as pálpebras semicerradas, avaliando sua reação.

— Sabe que posso influenciar outros executivos, Dallas. Você só se beneficiaria se aceitar meus pequenos ajustes às suas idéias originais.

Dallas o fitou com calma, apesar de vacilar ante a força da proposta dele. Em sua experiência, coisas boas demais para serem verdadeiras sempre traziam grandes problemas escondidos. Sam Loring tinha a reputação de ser um negociante esperto. Não faria uma oferta dessas sem querer algo em troca.

— E? — ela interrogou-o.

Acomodando os ombros nas almofadas, Sam bocejou outra vez. Tirou os sapatos e estudou, por um longo momento, as quatro meias de Natal penduradas na lareira. Depois seu olhar demorou-se na árvore alegremente enfeitada.

Enquanto isso, ela esperava, com o pressentimento sombrio de que a grande oferta de Sam tinha um senão ainda maior.

— Sam?

— Sim? — Ele virou-se devagar, fitando-a sob os longos cílios que chegavam a sombrear-lhe o rosto.

Por que recuar agora?, Dallas refletiu. A Brice Cleansers era um belo trofeu, se não fosse por esse pressentimento sombrio que a dominava.

— Sam, entendo que esteja desenvolvendo uma idéia que lhe ocorreu no momento e sei que é difícil analisar todos os detalhes. Mas gostaria de saber os pontos principais. Agora.

Os olhos aparentemente sonolentos dele examinaram-lhe as pernas bem torneadas, depois subiram lentamente pelo corpo até encontrarem o rosto atento.

— Bem, há só um pequeno detalhe: eu. Para avaliar a potencialidade da sua experiência, eu precisaria sentir todos os elementos de tensão da vida de um assalariado médio. Como filhos. E não poderia experimentar o sentimento de um lar no meu apartamento. É grande demais. Não conseguiria nem pagar a conta de luz com o salário médio. E não quero mandar embora a cozinheira que trabalha para mim uma vez por semana. Já tem uma certa idade e faz brioques deliciosos.

— Você está divagando, Sam. Acho que já discutimos demais e podemos pôr as cartas na mesa.

Assentindo com um ar distraído, ele fitava-lhe a boca como se a achasse tentadora.

Dallas moveu-se inquieta, sentindo borboletas voarem em seu estômago. Sam estava arquitetando algo maquiavélico.

— Bem — ele começou, olhando-a sonolento —, eu deveria viver numa casa média, digamos assim como a sua...

Erguendo a cabeça, ele olhou ao redor, depois tornou a encostá-la nas almofadas

como se fossem um travesseiro.

— Na verdade, eu gostaria de passar meu mês de dificuldades aqui, Dallas. Com você. — Ele suspirou, fechando os olhos. — Assim você poderia me vigiar, comprovar se não estou trapaceando.

Dallas caiu da corda bamba imaginária e, por um momento, sentiu-se sufocada. Viver com um homem era uma experiência que não queria repetir. T. J. tinha ficado vendo televisão enquanto ela lutava freneticamente com a lavagem de roupas, limpeza da casa e avisos de cheques sem fundo.

Sam nunca conseguiria suportar duas crianças... Como acontecia freqüentemente, quando estava nervosa ou aborrecida, Dallas sentiu que poderia devorar duas caixas de seus chocolates preferidos, bombons de cerejas ao licor.

— Você está cansado, Sam. Vamos almoçar juntos amanhã e discutir um plano mais razoável, certo?

— Está com medo? — O suave sotaque sulista voltara e os olhos abriram-se devagar para estudarem as feições delicadas.

— Imagine, sr. Loring — ela conseguiu murmurar sem firmeza.

— Sou muito caseiro. Farei minha cama e a ajudarei nas compras. Lavarei toda a roupa e bancarei a babá das crianças sempre que quiser. Acima de tudo, assim poderei experimentar o quadro completo. — Ele ergueu os ombros devagar. — Naturalmente, você decide.

— De modo algum... — Dallas disse lentamente, em voz baixa. — Olhe, Sam, admita logo. Você não quer recuar e está procurando um jeito de escapar.

De repente, os olhos sonolentos se abriram com um brilho predatório.

— Acha que não consigo, não é? Minha cara, posso fazer o que você desejar.

Enquanto Dallas refletia sobre os novos aspectos de sua aposta, Sam sorriu, mostrando as covinhas.

— Ora, vamos, Dallas. Ficarei desapontado se recuar agora... só porque você não consegue aguentar.

Os dedos fortes traçavam um caminho pela nuca macia. Dallas forçou-se a ficar quieta enquanto lhe segurava o pulso entre as mãos frias. Sob seu toque leve, o pulso dele batia tão rápido quanto o seu. A idéia de que Sam pudesse reagir a ela, excitar-se com ela, a fez sentir uma onda de choques percorrendo-lhe todo o corpo.

Engolindo em seco, tentou desfazer o nó que parecia grudado em sua garganta. Sam, sentado tão próximo, com a camisa entreaberta, o peito coberto pela penugem escura, era muito... estimulante.

— Não, Sam — ela murmurou, com voz rouca. — Como poderia explicar...

— Você pensará em alguma coisa, estou certo — ele retrucou com calma. — Confio em você.

E ela, poderia confiar em si mesma?

— Não, Sam — Dallas sussurrou com voz fraca.

Estava ouvindo as batidas de seu próprio coração... ou aqueles tambores da selva.

— É para o bem de todos — Sam insistiu, com aquele sotaque sulista, musical.

Mas Dallas descobriu que não conseguia tirar os olhos do pedaço de pele morena e peluda exposto pela camisa. Seus dedos abriram-se e fecharam sobre as coxas, querendo acariciá-lo. Ela engoliu em seco, percebendo, de repente, o quanto desejava aninhar-se ali.

Forçando-se a erguer o olhar, descobriu que ele a observava em silêncio. Os olhos cinzentos escureceram-se ainda mais, as sombras da sala alongando-se sobre os dois. Sam pegou-lhe a mão macia e a apoiou em seu próprio peito, segurando-a gentilmente. Sentindo os pêlos macios sob sua palma, Dallas baixou os olhos para as mãos unidas.

O coração dele batia devagar e pesadamente sob seu toque leve. Como uma besta adormecida esperando que a acordassem. Os sentimentos que tivera a respeito de Sam

durante a experiência do biorritmo voltaram num turbilhão; a solidão dele a conquistou. E a fez reagir.

Os dedos fortes deslizaram pelo pulso de Dallas levando-o até a boca. Por um momento, a respiração quente dele arrepiou-lhe a pele. Então, sem deixar de fitá-la, Sam apoiou os lábios na palma macia. Observando-a, esperou, os lábios duros aquecendo-lhe a pele. Pobre Sam, ela pensou, confusa pelas sensações que a percorriam. É tão solitário. Tão ansioso...

Então, os lábios exigentes moveram-se sobre a pele sensível. Dallas estremeceu com a onda de calor que a atingiu.

Apoiando a mão fina contra seu queixo, Sam começou a ofegar. Depois, estremeceu, fazendo-a consciente da vulnerabilidade dele. Devagar, traçou o contorno da boca sensual com o dedo.

— Não tenha medo — ele murmurou com voz rouca.

Dallas não conseguia mover-se, saboreando o toque quente da mão forte em seu rosto. O resto da sala desapareceu quando o rosto másculo inclinou-se sobre o seu.

Então, sentiu a boca dele sobre a sua. Um roçar doce e delicado de lábios experimentando, movendo-se...

— Oh, Sam! — ela ouviu-se suspirando sob aquele toque provocador e torturante. Fechando os olhos, permitiu-se ceder à gentileza dele.

Dallas não esperava por aquele toque gentil e carinhoso. Nunca tinha pensado em Sam daquela maneira. Ele a desejava, ela observou enquanto permitia que os lábios exigentes traçassem um caminho até sua orelha.

Sam encostou o rosto no de Dallas e respirou devagar, uma onda de calor tomando conta do corpo.

— Venha, minha doçura — ele sussurrou, puxando-a com gentileza para os seus braços fortes.

CAPÍTULO IV

Às oito horas da manhã de sábado, Dallas cochilava, ainda envolta nos lençóis estampados de rosas. Tentou ignorar os barulhos felizes, mas abafados que vinham da sala. Precisava descansar para enfrentar as modificações que Sam queria fazer em sua aposta.

Virando-se de bruços, cobriu a cabeça com o travesseiro, abafando as vozes excitadas das crianças. O doce beijo de Sam destruía uma boa noite de sono, enchendo-a de dúvidas que ela não queria explorar.

Para uma mulher que já passara da idade do romance, Dallas reconhecia os perturbadores sinais criados por aquele beijo. Se Sam Loring a tinha beijado de forma tão delicada, era porque estava planejando uma emboscada. Franzindo as sobrancelhas e acomodando-se melhor, ela gemeu.

Sam só representava problemas. De acordo com seus funcionários era fanático pelo trabalho e não possuía um resquício de sensibilidade. Com outro gemido, reconheceu que devia mantê-lo a distância. O estilo dele comparava-se ao de um tanque de guerra. Com aquele tamanho, deveria ser fácil vê-lo aproximar-se. Lembrou-se de como parecera tão másculo com o terno. Quando o tocara na aula sobre stress, pudera sentir os músculos fortes e poderosos.

Virou-se de lado e, dobrando o travesseiro sobre os ouvidos, ficou observando o céu cinzento de Seattle através das cortinas rendadas. Fechou os olhos e procurou entender por que aquele único beijo tão terno a afetara tanto.

Mal se lembrava dos beijos de T.J. e os de Douglas podiam ser comparados com os de Billy. Mas o beijo de Sam a atingira no âmago de seu coração solitário.

Zangando-se, rotulou Sam como um traíçoeiro que só queria invadir sua privacidade por pura vingança.

Tornando a gemer, desta vez bem alto, livrou-se dos lençóis e desabotoou a gola alta e franzida da camisola, pressionando os dedos contra o pescoço, pensando em como sua pulsação se acelerara depois do beijo.

Quanta bobagem, resmungou, virando-se de costas. Ali estava ela, uma divorciada, saindo dos arroubos idealistas da juventude com dois filhos. Até a noite passada, antes da aposta e do beijo, sua vida direcionava-se para uma meia-idade confortável e uma carreira satisfatória e lucrativa. Não queria Sam Loring em sua vida, pondo sua casa de pernas para o ar. Verdade, ele era uma pedra enorme em seu caminho, mas saberia reduzi-lo a pedregulhos.

Derrotar Sam Loring?, perguntou-se Dallas, pensando na expressão furiosa no rosto dele, tanto na aula como no escritório. A selvageria escondia-se logo abaixo do exterior elegante, caro e polido. Dirigia seus negócios como um tubarão farejando sangue e ela queria mantê-lo afastado de suas águas pessoais.

Dallas mordeu o lábio, procurando ignorar uma premonição de que Sam acreditava no olho por olho. Ela invadira seu território, portanto ele tinha plenos direitos sobre sua casa.

Com o rosto sombrio, tornou a olhar o céu plúmbeo. Sam Loring era enganador. Movia-se com muita rapidez para um homem de seu tamanho e tinha covinhas e um sotaque sulista doce guardados bem escondidos. Na noite anterior, tivera até a audácia de se convidar para o café da manhã.

Se não tivesse ficado tão atordoada com aquele beijo insidioso, porém tão doce, ela o teria expulsado, puxando-o pelas orelhas.

Na sala, Billy deixou escapar um grito deliciado, fazendo-a suspirar. Sentiu o cheiro de café e levantou-se num pulo. Da última vez que Nikki tentara fazer café sozinha, Dallas levava mais de uma hora para limpar a cozinha.

— Já estou acordada — ela brincou, falando num tom alto e zangado, enquanto ia até a sala, a camisola de rosinhas esbarrando em seus tornozelos.

A visão de Sam Loring, deitado de bruços sobre seu carpete, vestido com uma camiseta azul-marinho e calças jeans gastas, a fez parar na porta. Espalhado à frente dele, estava o começo de uma casinha de bonecas, e Nikki segurava as instruções para que pudesse lê-las. Ainda de pijamas, Billy deitara-se sobre as costas de Sam, acompanhando os progressos da montagem sobre o ombro forte. A mãozinha pequena agarrava um refulgente caminhão novo.

Baghdad, que aparentemente achara seguro entrar em casa com outro adulto do sexo masculino, esfregou-se nas pernas dela.

Nikki fitou a mãe com o olhar brilhante, parecendo um quadro adorável em sua camisolinha de flanela com babados.

— Ele me trouxe uma casinha de bonecas e, hoje de tarde, talvez, ou quando você disser que está bem, vamos comprar a mobília. E sabe a canção do sorriso do grupo das Sunbird Girls? Ele vai comprar todos os bolinhos açucarados Sunbird que eu puder levar. Billy ganhou um caminhão novo e Sam vai lhe fazer um quadrado de areia para brincar, se você disser que pode — a menina concluiu, com um sorriso.

— Oh, não! — Sam ouviu-a murmurar quando virou o rosto para acompanhar o sorriso de Nikki.

De pé, à luz abafada do hall, Dallas fechou os olhos, como se quisesse, somente com a força da vontade, lançá-lo de volta ao trânsito pesado de Seattle. Os punhos fechavam-se nas dobras da camisola e Sam descobriu-se despindo-a mentalmente para encontrar a pele quente, macia e sedutora.

Ele passara uma noite inquieta, tentando analisar o beijo que lhe dera e a reação doce e tímida de Dallas. Abandonando-se docilmente entre seus braços fortes, o rosto expressivo dela o fascinara. Ficara surpresa ao descobrir que estivera acariciando-o no peito largo e olhara para a própria mão como se fosse algo estranho, desligado de si mesma. Dallas Pendragon, apesar de sua aparência de executiva experiente, era intocada, pura e muito desejável. Aquele beijo custara a Sam dois chuveiros frios durante a noite. Enquanto ela queria somente minar o reino dele, mantendo os negócios acima da paixão, tudo o que Sam queria agora era seduzi-la.

A luz que entrava pela porta do quarto atrás dela delineava as pernas longas e a curva gentil dos quadris sob a camisola. Com a gola alta e as mangas bufantes presas nos pulsos, a roupa recatada era a coisa mais sensual que ele já vira. Dava-lhe a impressão de um pacote de Natal, esperando para ser aberto com cuidado, camada por camada. As mulheres de seu passado sempre usavam *négligé* de renda e calcinhas sensuais para despertar a reação que, agora, a camisola severa estava causando com tanta intensidade.

Sam sentiu-se desconfortável. Nunca em sua vida desejara tanto carregar uma mulher para a cama e ficar ali durante todo um preguiçoso fim de semana. Tinha ignorado um vírus em potencial antes, mas a capacidade dela de aumentar-lhe a temperatura era magnética.

O pensamento o espantou. Durante toda a sua vida, Sam nunca se demorara ao tomar uma companheira de cama.

— Ainda estou aqui — ele afirmou em voz baixa, observando-a.

Dallas abanou a cabeça como se quisesse clareá-la, as mechas sedosas batendo-lhe no rosto, fazendo-o lembrar-se de seu toque macio entre os dedos ásperos.

— O que está fazendo aqui tão cedo?

Com a luz matutina delineando-lhe o corpo e os lábios apertados de desgosto, Dallas era bonita. Sorrindo e apreciando demais aquele momento, Sam tinha vontade de pegá-la no colo e beijá-la até que acordasse completamente.

— Eu me levanto cedo — ele explicou, observando o olhar zangado que ela dirigia

à casa de bonecas quase montada e ao caminhão que Billy segurava com tanta força.

— E eu gosto de privacidade nas manhãs de sábado — Dallas afirmou bruscamente, passando os dedos pelos cabelos com o ar atordoado de alguém que acaba de sair de um túnel do tempo.

— Vou procurar me lembrar disso. — Sem tirar os olhos dela, Sam sentou-se, puxando no mesmo movimento Billy, o cobertor e o caminhão para o colo. Nikki ajoelhou-se ao lado dele e passou o braço ao redor dos ombros fortes.

Cercado pelo cheiro e o calor das crianças, os enfeites coloridos de Natal e uma deslocada e amuada Dallas, Sam estava totalmente feliz.

O pensamento o inquietou. Não se sentia tão bem havia muito tempo e, por um momento, preocupou-se. Mas deixou de lado tudo para observar a luta determinada de Dallas para controlar-se.

Ela engoliu em seco diversas vezes, depois cerrou as sobrancelhas e ordenou, em voz baixa, às crianças:

— Nikki, Billy... saiam. Vão... vão dar comida ao gato.

— Viu? Ela não fica nem um pouco contente se a acordamos cedo nas manhãs de sábado. Venha, Billy. Mamãe está com aquele olhar — Nikki sussurrou no ouvido de Sam de forma bastante audível.

Billy ainda lançou um olhar teimoso por cima do ombro, mas permitiu que a irmã o arrastasse para a cozinha. Logo que as crianças deixaram o aposento, Dallas sibilou:

— Vá embora, Sam. Saia. E não me telefone. Eu ligarei para você!

Erguendo-se com cuidado para não pisar nas peças da casinha ainda espalhadas pelo chão, Sam foi na direção dela. Com a expressão confusa, corada e ainda quente da cama, ela pedia para ser atormentada, provocada. Qualquer mulher que o fizesse perder tempo e esforço ao imaginar em como tirá-la da concha onde se refugiara e o melhor modo de explorar aquela sensualidade latente significava problema, sem contar com sua interferência na empresa dele. Ficou vagamente zangado consigo mesmo por se sentir tão atraído e tentado, que a olhou com superioridade, do alto dos seus quase dois metros.

— Há anos que ninguém me expulsa de um lugar, doçura.

— Fora! — ela acrescentou com veemência, enquanto dava um passo para trás e lhe apontava a porta com o dedo, como se ele fosse um animalzinho de estimação mal-educado.

Quando Sam parou diante dela, Dallas o encarou aborrecida e cruzou os braços sobre o peito.

— Não estou com disposição para você esta manhã.

— Tome seu café. Vai se sentir melhor — ele ofereceu com solicitude, sentindo o calor macio da pele dela quando afastou do rosto uma mecha de cabelo. De repente, imaginou quantos outros homens já a teriam visto assim vestida, tão recatada e tão sexy, e sentiu-se ferver de raiva. Quando a tivesse em sua casa, faria com que esquecesse todos os outros.

Dallas afastou-se do leve contato, respirando com dificuldade. Sam ficou apreciando-a enquanto ela se debatia, irritada por acordar com a presença dele já na casa. Imaginou por um instante como seria acordar ao lado dela, aconchegar-se na pele macia. Pressentia que Dallas era virtualmente inexperiente em despertar com as carícias de um amante.

— Você é grande demais, toma espaço demais e eu não o quero aqui — ela repetiu, num tom sombrio, erguendo as mãos.

— Eu poderia trazer minha mudança esta tarde, assim estaríamos com toda a aposta planejada na segunda-feira — Sam falou com suavidade, observando os lábios macios entreabrirem-se, surpresos.

Uma súbita onda de uma estranha exaltação o dominou e ele sentiu seu corpo reagir sensualmente à proximidade dela. Cedendo a um impulso, tocou-lhe a veia que

pulsava rapidamente no pescoço aveludado. Dallas golpeou-lhe o braço e Sam agarrou-lhe a mão. Era óbvio que não estava acostumada a ser beijada ou tocada por um homem.

— Você pode dizer às crianças que estão me adotando por um mês — ele disse, vendo-a corar de raiva.

Uma chave girou na fechadura e a porta abriu-se para uma sexagenária loira, tipo *mignon*, vestida com uma blusa cinza-pérola e calça combinando. A expressão de surpresa em seu rosto foi mudando à medida que observava Dallas, de camisola, com o rosto vermelho. Com vagar, correu o olhar pelas costas enormes e eretas de Sam, os lábios entreabrindo-se lentamente num sorriso conhecedor.

— Bem, bem — disse, num tom de quem já avaliara a situação e chegara às suas próprias conclusões.

— Ele não é meu — Dallas afirmou enfaticamente, puxando a mão das de Sam. — E já estava de saída.

— De quem ele é? — perguntou a senhora, aproximando-se. — Minha querida, nunca pensei que você acabaria seguindo meu conselho e trazendo para casa um homem de verdade.

— Mãe — Dallas falou, entre os dentes, esfregando o pulso como se quisesse apagar o toque dele. — Este é Sam Loring. Sam, minha mãe, Lisa.

— Encantada — Lisa respondeu, o olhar especulativo passando da filha para Sam. — É casado?

Ele gostou de Lisa imediatamente, reconhecendo-a como uma jogadora. Pegando-lhe a mão, levou-a aos lábios.

— Estou disponível — disse-lhe com um sorriso.

— Filhos? — Lisa perguntou, num tom macio, lançando para Dallas um olhar de aprovação.

Sam reconheceu a expressão e também olhou para Dallas, que observava ambos fixamente.

— Tenho esperanças de que sua filha me empreste os dela. Vou ficar morando aqui, sabe. Estamos estabelecendo quem vai fazer os serviços de casa e estaremos trabalhando juntos. Um projeto-piloto...

— Um projeto-piloto no trabalho, não aqui — Dallas interrompeu-o.

— Aqui é a primeira condição para mim — Sam retrucou com voz de seda.

— Não me venha com essa. Você já tem idade suficiente para ter vivido diversas situações como esta.

— Nunca... como esta — Sam enfatizou com olhos brilhantes. Os olhos de Lisa se arregalaram e dirigiu para a filha um sorriso aberto e satisfeito.

— Oh, céus! — exclamou num tom extasiado.

— Oh... droga! — Dallas sibilou, antes de erguer os braços num gesto de derrota e refugiar-se no quarto.

Lisa bateu nos ombros de Sam, testando os músculos fortes, e deu a volta em torno dele, avaliando-o de alto a baixo.

— Você é bem grande... — Com um aceno de mão na direção da filha, baixou a voz: — Dallas ainda não tomou café. Não se deve falar com ela enquanto não tomar ao menos duas xícaras. Você tem um bom potencial, sabe? Ela costuma escolher os magrinhos, tímidos e indecisos.

Sam sorriu, reconhecendo uma futura aliada no "crime".

— Madame, eu me sentiria orgulhoso se tomasse café com a família. Trouxe brioques recém-saídos do forno — ele ofereceu, com seu mais profundo sotaque sulista.

— Bem, bem, eu me rendo! — Lisa exclamou com voz macia, ao vê-lo preparar os cereais favoritos das crianças e servir-lhe café. Sem perder o ritmo, Sam pôs fim a uma discussão entre as crianças, segurando-as uma por vez e atirando-as para o alto até que começaram a rir e sentaram-se para comer.

— Mãe? Posso falar com você... agora? — Dallas chamou num tom zangado do quarto.

— Estou sendo convocada — Lisa sussurrou, num tom conspirador, enchendo uma xícara de café para a filha. — Você não vai embora antes que possamos conversar mais um pouco, não?

Sam achou um bule, encheu-o de café e o dispôs numa bandeja, junto com as duas xícaras já cheias. Depois, estudando o efeito, pegou um brioche, passou manteiga e o pôs num pratinho na bandeja.

— Diga-lhe que pode sair quando estiver se sentindo melhor, por favor. Pretendo passar o dia com ela e as crianças.

— É bom aqui, não, Sam? — Lisa perguntou com voz de conhecedora, relanceando-lhe um olhar.

Ele assentiu com a cabeça, percebendo, de repente, como ficara excitado durante toda a noite, só esperando pela manhã. Aquela Dallas desconhecida, desarrumada, resmungona e sonolenta não o desapontara. Embora tivesse intenção de agradá-la e apreciá-la também, seu plano de ação exigia que estivesse no comando.

Encontrou o olhar inquiridor de Lisa e encarou-a sem pestanejar.

— Isto promete ser bastante interessante — ela murmurou.

— Muito — Sam repetiu, sorrindo.

— Seja gentil, querido. É meu dever como mãe dizer isso. Mas preciso alertá-lo de que Dallas pode se tornar impossível se você a irritar. — Lisa pegou a bandeja e se dirigiu para o quarto.

Dallas estava trocando de roupa apressadamente, tirando a camisola e enfiando um jeans e uma camiseta. Quando Lisa entrou no quarto, lançou-lhe um olhar feroz, enquanto a mãe, com uma expressão inocente, apoiava a bandeja sobre uma antiga cômoda de carvalho.

— Não me venha com suas grandes idéias, mãe.

— Quem, eu?

— Tudo não passa de negócios. Ele é o patrão de quem lhe falei. Um maníaco por trabalho que precisava conhecer o mundo de uma mulher que trabalha.

— É adorável. Tem um magnetismo sexual primitivo, covinhas e um maravilhoso sotaque sulista. E todo aquele genuíno charme masculino. Naturalmente que não terei nenhuma idéia maluca. É igualzinho aos seus típicos rapazinhos... — Lisa concluiu vagamente, entregando-lhe uma xícara de café.

— Ele quer morar aqui e pôr o plano que você sugeriu em prática, na minha casa, com os meus filhos — Dallas explicou num tom sombrio, observando a mãe instalar-se na cama de colunas, sobre o acolchoado de *patchwork* rosa e malva.

Lisa ficou arrumando os travesseiros jogados e, depois, examinou os desenhos de rosas. Dallas não confiou nela nem por um instante.

— Não o encoraje.

— Oh, eu nunca faria isso, querida — Lisa respondeu, com um tom de voz inocente. — Agora, qual é o problema?

Dallas lançou um olhar para a porta fechada e baixou a voz, sussurrando:

— É tudo sua culpa. Quando propus a ele o seu plano, começou a impor condições. Quer viver aqui, conosco. É impossível. Esta manhã, ele surgiu na minha sala. Subornou Nikki e Billy e agora está lá, na minha cozinha.

Podia sentir o pânico que a dominava estrangular-lhe a voz. Sam a chamara de doçura e depois pousara os lábios sobre os dela com muito cuidado. Não sabia como se entregara àquele beijo leve e doce, aquecendo-se na segurança que ele oferecia. O pensamento era ridículo, considerando-se que Sam estava a fim de vingar-se.

— Sam Loring é muito grande, muito agressivo. Não gosto dele — disse Dallas com firmeza.

— Acho que é um encanto. Por que não experimenta o brioche? Ele mesmo passou a manteiga para você.

Dallas fitou o brioche como se fosse uma cobra venenosa viva.

— Ele é bastante doméstico, querida...

— Não tem idéia do tipo de homem que ele é — Dallas declarou com cuidado. — Viver conosco... — repetiu, avaliando com exatidão o que isso significaria. Cuidara de tudo para T.J. até sentir-se exausta e não queria repetir a experiência nunca mais. Pelo seu tamanho, Sam Loring iria comer duas vezes mais, fazer o dobro de bagunça e usar ainda mais água quente quando tomasse banho... Forçou-se a esquecer essas projeções negativas. Não queria sequer pensar em Sam dormindo e tomando banho sob seu teto.

— Você aceitou Baghdad, não? — Lisa deu de ombros, erguendo as sobrancelhas expressivas. — Você não o deseja muito?

Pega desprevenida com a imagem de Sam com o corpo molhado em sua mente, Dallas corou no mesmo instante e virou-se zangada para a mãe.

— Desejo o quê?

— Puxa, o remédio milagroso que fará a felicidade das mulheres assalariadas pelas quais está lutando tanto, minha filha. O que mais você poderia desejar? — Lisa retrucou, inocentemente.

— Ele pode não conseguir — Dallas declarou com convicção.

— Por quê?

— Mãe, Sam Loring não pertence ao mundo comum. É um czar dos negócios, delegando todas as suas necessidades a outros.

— Melhor, então. Assim, é certo que vá perder a aposta. — Lisa argumentou. — Nunca conseguirá fazer tudo o que uma mulher precisa, não? Por que está tão preocupada?

— Por que estou preocupada? — Dallas repetiu com cautela ao entrar em sua pequena cozinha e deparar-se com Sam instalado numa cadeira, lendo o jornal e tomando café. Ficou olhando para os tênis confortáveis e caros que ocupavam dois quadrados enormes do piso. Ele estava se intrometendo em sua vida e na preciosa manhã de sábado, e ela o queria fora dali.

— O que fez com os meus filhos? — perguntou, esquecendo-se do modo como planejava tirá-lo de lá com todo o tato.

Sam folheou o caderno de esportes, enfiando a cabeça ainda mais no jornal.

— Estão se vestindo. Os Seahawks estão em grande forma nesta temporada, não? — ele indagou, referindo-se ao time de futebol de Seattle.

Como não obteve nenhuma resposta, ergueu a cabeça para olhá-la.

— Algo errado?

— Por que você está aqui? — Dallas perguntou, prometendo a si mesma que faria a mãe pagar pela idéia maluca.

— Temos de planejar minha mudança neste fim de semana.

— Estou indo — Lisa despediu-se da sala. — Adorei conhecê-lo, Sam.

— Volte logo — ele respondeu, como se já fosse morador permanente da casa.

Erguendo-se da cadeira, Sam tirou os pratos do desjejum, limpou-os e pôs na máquina de lavar. Depois, passou a esponja na toalha de plástico da mesa.

— As crianças estarão prontas para sair assim que você estiver. Nikki precisa da mobília para a casinha e poderíamos aproveitar o passeio para introduzir a idéia da minha mudança.

— Mudança? — Dallas repetiu entorpecida, um arrepio de medo embaraçando-lhe o estômago. Não dividia nenhuma parte de sua rotina diária com um homem desde T.J. Sua vida era perfeitamente bem ordenada e agradável, satisfazendo-a por completo.

Sam ergueu a mão e deslizou um dedo pelo pescoço macio.

— Não vejo razão para não começarmos o mais cedo possível. Deixarei a seu

encargo como explicar às crianças. Mas sugiro o método da adoção desde que eles entendam que é somente pelo período das festas. Elas já se sentem compadecidas, pois ninguém pendurou uma meia para mim... Acham que sou carente.

— Bondade sua oferecer sugestões. — Dallas afastou-se da carícia daquele dedo. — Ainda não decidi se aceito suas condições. Você pode muito bem ficar na sua pobre cobertura e virar-se o melhor que pode.

— É solitária — ele disse baixinho atrás dela.

Diabo esperto!, Dallas pensou, com receio, ao lembrar-se da reação compadecida que tivera à solidão dele na aula. Guerrilheiros eram mestres em usar armas totalmente inesperadas e, agora mesmo, ela sentia seu coração confranger-se. Não podia permitir-se sentir qualquer simpatia por Sam Loring. Ele a usaria contra ela mesma. Podia sentir-lhe o calor do corpo passando através das roupas.

— Não quer que eu experimente a tensão real? Crianças? Compras? Trabalho de casa? Você não está com medo de mim, está, Dallas?

O macio acento sulista a inflamou. Ela virou-se devagar, erguendo os olhos para observar-lhe a expressão calma e pensativa.

— Nem por sonho, Sam. Não há nada que você possa fazer que me obrigue a desistir.

— Não mesmo? — ele perguntou, as covinhas aparecendo enquanto sorria.

Dallas notou as linhas modificando-se na pele morena. Quando sorria, esbanjando charme, podia ser perigoso.

— Não — ela respondeu com voz rouca, imaginando se ele realmente não teria algo que a fizesse desistir...

Momentaneamente distraída, seus pensamentos voltaram à tarde anterior, quando o surpreendera em seus exercícios de boxe. Com a aparência suada, viril e terrivelmente sexy, Sam, com certeza, possuía o equipamento certo... Mas para alguma outra mulher, alguém que não tivesse uma missão.

— Poderia me mudar esta noite, se as crianças estiverem de acordo. Assim, teremos todo o dia de amanhã para planejarmos as rotinas e o orçamento. O que vai dizer às crianças?

— Vamos à igreja aos domingos — ela disse, regozijando-se de poder frustrar os planos dele de intrusão.

— Tudo bem. Podemos fazer o planejamento hoje à tarde. — ele concordou, sorrindo.

Forçando-se a respirar tranquilamente, apesar da raiva crescente, Dallas o fitou com olhos ameaçadores, embora fosse um tanto difícil ameaçar um homem de quase dois metros, em plena forma, com covinhas que lhe sorriam. Só o pensamento de como o faria sofrer no escritório a impedia de expulsá-lo para o cinzento dia da época de Natal.

— Trabalharei nisso sozinha — ela murmurou entre os dentes. — Certo, negócio feito. Pode mudar-se. Mas, se sair da linha uma única vez, você cai fora daqui, Sam.

— Adoro quando banca a durona, Dallas.

Dallas instalou-se com as crianças no sofá para a conferência necessária. Sam desapareceu discretamente na cozinha, enquanto ela explicava às crianças. Nikki logo entendeu que Sam viria de visita por um mês e depois voltaria para a sua própria casa, como suas amiguinhas que vinham passar os fins de semana. Mas Billy queria adotar Sam de modo permanente.

— Ele é nosso — o garotinho argumentou.

Dallas respirou fundo e replicou com firmeza que Sam podia ser emprestado, mas devia ser devolvido depois de um mês, como os livros favoritos de Billy na biblioteca.

Quando as duas crianças haviam entendido bem e concordado com a situação, Dallas respirou aliviada. Virou-se para encontrar Sam sorrindo-lhe da porta da cozinha.

— Tudo certo — ela disse sem explicar, vendo o sorriso dele alargar-se com

satisfação.

Quando anoiteceu, Sam já tinha instalado sua própria cama no quarto de hóspedes de Dallas. Havia ido comprar a mobília para a casinha de bonecas e um caminhão menor para Billy, embora Sam mencionasse, com uma ponta de desejo, que sempre quisera um trenzinho de brinquedo. Ele podia ser bastante convincente, Dallas notou com relutância. Precisava ficar atenta com o modo como ele explorava seus pontos fracos, pois pretendia infernizar-lhe a vida por ter arruinado sua manhã de sábado.

Dallas tinha permitido, com certa relutância, que ele trouxesse a cama maior e mais larga.

— Não pense que vai poder trazer mais alguma coisa sem minha permissão — ela resmungou, quando Sam terminou de guardar a cama de hóspedes no porão. — Os vizinhos já vão falar. E aquela sua caminhonete caindo aos pedaços não vai ajudar em nada.

Sam ficou ofendido com essa afirmação. Bertha já vira melhores dias. Um Ford antigo que cruzara os Estados Unidos com ele. Amava-a e, aonde ia, Bertha ia também.

— Farei amizade com os vizinhos — ele declarou com calma demais. — Se o Lincoln ficasse estacionado a sua porta, pensariam que a estou sustentando — acrescentou, de modo afetado, observando-a absorver o sarcasmo.

Dallas fechou-se na cozinha, batendo panelas e tigelas. Quando ele perguntou se precisava de ajuda, recebeu em resposta um olhar fulminante. Assim, refugiou-se na sala para ver desenhos animados na tevê com as crianças que, imediatamente, jogaram-se em cima dele para uma breve luta.

Depois do jantar, Sam começou a tirar a mesa, enquanto Dallas continuava a lançar-lhe olhares sombrios e ameaçadores.

— Algo errado? — ele perguntou inocentemente, enquanto a lavadora de pratos começou a fazer barulhos estranhos no lugar do zumbido contínuo e normal.

Ela deu um chute na máquina e começou a passar creme nas mãos, esfregando-as de modo um tanto vivaz.

— Não tenho tempo para lidar com você esta noite, Sam. Tenho um encontro e mamãe vem ficar com as crianças. Só procure ficar fora do caminho até que possamos resolver tudo, certo?

Um sentimento tenebroso cresceu no íntimo de Sam, algo que não sentia desde o tempo que ganhava dinheiro extra lutando com as mãos nuas nas ruas escuras.

— Um encontro? Com quem? — perguntou, num tom brusco, antes de perceber sequer que estava falando.

Não lhe ocorrera, que Dallas pudesse ter um namorado.

— Sim — ela assentiu com um sorriso doce. — Eu tenho encontros, sabe. Procure não ficar muito à vista, por favor. Ah, você vai ter de manter suas mulheres fora desta casa. Esta é uma das regras primordiais. E, também, não ocupe o telefone com elas.

— Como quiser, minha querida — Sam murmurou, observando-lhe a expressão estranha. Vencera competições renhidas nos negócios, unira corporações e não iria deixar um fracote, como Lisa descrevera os interesses românticos da filha, passá-lo para trás.

— Eu me satisfarei em outros lugares — resmungou.

— Espero que não sejam muito caros — ela retrucou, com doçura. — Vai ter de se manter dentro de um orçamento, sabe? — Com isso, Dallas voltou-lhe as costas e saiu a fim de preparar-se para o seu encontro.

Quando voltou para a sala, encontrou Sam sentado numa ponta do sofá, com Nikki e Billy no colo. Beau Michaelson ocupava o outro lado pouco à vontade, enquanto o trio o examinava como se fosse um bandido a ponto de cometer um crime. A televisão mostrava desenhos de Disney e Sam perguntou com toda a calma:

— Então, o que você faz na vida, Beau?

Vendo-a entrar, Beau levantou-se, visivelmente aliviado.

— Sua mãe não pôde vir ficar com as crianças. Tem um compromisso especial — Sam resmungou, notando o cuidado especial com que ela se preparara para sair. Com um olhar longo e examinador, reparou nos cabelos recém-lavados, penteados em caracóis e na maquiagem leve.

O olhar demorou-se no vestido preto, simples e bem cortado, e nas meias pretas, com costura e pequenos laços nos calcanhares. Eram as preferidas de Dallas, que as pusera para combinar com seu humor rebelde, completando-as com sapatos elegantes de salto bem alto.

— Bem, bem — ele comentou, os olhos brilhando atrás das lentes quando a fitaram. — Ousado, mas bonito.

— É melhor irmos — Beau murmurou, dando a volta por trás de Sam com rapidez para ajudá-la a vestir o casaco.

— Estaremos neste número. — Dallas anotou o telefone do teatro na agenda telefônica. Quando apoiou o lápis, percebeu a expressão de Sam. Os olhos cinzentos mostravam-se tempestuosos e o corpo forte e musculoso, tenso como se quisesse bater em alguém. Nunca vira tal fúria primitiva no rosto de um homem e aquilo a paralisou por uma fração de segundo... até vê-lo sorrir de maneira desagradável. Tinha o ar de um cão de guarda, mostrando os dentes e esperando o momento favorável para atacar.

— Divirtam-se, crianças.

— Quem é ele? — Beau perguntou num sussurro, enquanto iam até o carro.

Virando-se para a casa alegremente decorada para o Natal, Dallas viu Sam na porta.

— Divirtam-se — ele repetiu, acenando.

— Quem é ele? — Beau insistiu, enquanto a ajudava a entrar no carro.

O assunto era muito complicado e Dallas fechou os olhos, descansando a cabeça no encosto.

— Um dos amigos de minha mãe, numa maré de azar. Só o estou ajudando por um tempo — ela mentiu, incapaz de explicar a verdade.

— Ele parece durão. Tem certeza de que é o tipo de pessoa certa para se ter em casa? — Beau comentou, ansioso.

— Posso lidar com ele — Dallas respondeu com firmeza, acreditando nisso.

No final da noite, Sam cumprimentou-os com animação quando eles regressaram. Dallas tivera a intenção de comparar o beijo de Beau ao de Sam e perdera toda a noite encorajando o rapaz tímido.

— Que tal uma cerveja, Beau? Dallas sempre toma uma gostosa xícara de chá antes de deitar, não? — perguntou com simpatia, inventariando o vestido dela e a boca intocada. O tom da voz implicava que Dallas precisava do chá *dele* para relaxar.

Beau murmurou algo sobre a hora e quase caiu dos degraus ao virar-se para sair. Quando Dallas o fitou, zangada, Sam ergueu uma sobrancelha.

— Interrompi alguma coisa? — perguntou, num tom inocente, enquanto ela passava por ele dirigindo-se para o refúgio inviolável de seu quarto.

À meia-noite, Dallas ainda trabalhava, fazendo listas de tarefas para Sam, organizando a rotina diária, com cuidados especiais para os horários do banheiro de manhã e à noite. Sentada na cama, entre blocos de notas, listas, canetas e calculadora, tentava não ouvir os sons abafados do quarto ao lado. Terminou de calcular o salário médio de um funcionário da Brice e sorriu. Logo Sam iria compreender as realidades estressantes de um assalariado.

Finalmente, às três da manhã, tornou a guardar tudo em sua pasta e acomodou-se entre os lençóis de rosas.

Com um suspiro, ouviu a casa silenciosa e aconchegou-se com o ar de quem cumpriu uma tarefa bem-feita. Já estava quase pegando no sono, quando pensou ouvir a

voz de Sam dizer com suavidade:
— Tenha bons sonhos.

CAPÍTULO V

Na tarde de domingo, depois de terem ido à igreja e almoçado, Sam estava esparramado diante da televisão e as crianças cochilavam.

Geralmente, Dallas se acomodava no sofá e ficava cochilando sob o acolchoado. Depois, passava o resto do dia divertindo-se com as crianças. Mas pensou nas assalariadas que dependiam dela, na aposta e na mudança forçada de Sam para a casa dela. Imaginou se não seria possível mandar um homem crescido de castigo para o quarto indefinidamente. Isso foi um sonho de um segundo, pois seu hóspede não era o tipo de homem que fosse a qualquer lugar contra sua vontade. Estava na casa dela para causar problemas e podia vê-los chegando em grandes e sombrias nuvens.

O homem era manipulador e insensível. Inquieta, fitou a boca dura. Se Beau, ao menos, a tivesse beijado antes que Sam aparecesse, teria uma base de comparação para aquele outro beijo doce, importuno e... avassalador.

Já era velha demais para ser chamada de doçura. Experiente demais para acreditar nas promessas feitas por um homem numa voz tão rouca e sensual. Além disso, T. J. lhe ensinara uma lição dura e devia ter aprendido.

Então, por que se derretera com o beijo de Sam como uma criança a quem dão uma bala?

Sam iria pagar por aquele beijo memorável.

— Acho que os Seahawks podem esperar — Dallas declarou secamente. — Temos algumas coisas para resolver, se você se lembra — acrescentou com impertinência, ainda vexada pelas palavras dele na noite anterior.

— Certo, se você quer conversar, vamos desligar o jogo de futebol — Sam concordou.

Usando um pulôver de linha azul, calças jeans e tênis, ele era atraente demais. O decote largo, caído para um lado, permitia ver uma porção dos pêlos escuros no peito, o que a perturbava terrivelmente. Os cabelos dele estavam despenteados e os olhos cinzentos, atrás das lentes dos óculos, diziam coisas sobre outras maneiras de passar uma preguiçosa tarde de domingo.

Acordar com a voz abafada de Sam acalmando as crianças que tomavam o desjejum, entrar no banheiro e sentir o cheiro da loção de barba dele e ver a fileira de itens masculinos ao lado de seus objetos de toalete já haviam estragado o domingo de Dallas. Ela ficara estudando o barbeador e o tubo de creme por um momento, junto com a loção cara. Agarrando-se na beirada do gabinete, fechara os olhos. Não queria se lembrar de como tinha sofrido nas mãos de T.J., que a transformara num denegrido resíduo de mulher que fora usada como provedora, mãe e parceira de cama.

Parceira de cama, repetira, com ironia. Classificado por Lisa como um preguiçoso e egoísta, T. J. fazia sexo sem nunca preencher as expectativas de Dallas.

Fora uma tola em confiar num homem que se dedicava a outros amores com frequência. Douglas, com quem tinha saído por algum tempo, havia sido uma experiência e arrependia-se de tê-lo estimulado a apaixonar-se.

Com lábios úmidos e mãos ansiosas, ele tinha interpretado a repulsa dela como timidez inocente. Depois de explicar-lhe que não poderia equiparar-se ao experiente padrão dele, Dallas pusera fim ao relacionamento. Aliviada porque Douglas tinha aceito com magnanimidade as explicações dela, havia se recompensado com uma caixa inteira de bombons de cereja. Levava anos para construir uma concha protetora ao redor de si e das crianças. E não confiava nem um pouco no olhar sensual de Sam naquela hora.

Aquela parte de si mesma, que ficara tão enojada com a paixão de Douglas, simplesmente queria atirar-se sobre o corpo rijo de Sam. Enterrando as unhas nas rosas do sofá, Dallas sabia que não precisaria manobrá-lo até a paixão; ele já a esperava cheio

de desejo ardente. Sabia também que a fome insatisfeita que a corroía por dentro a faria corresponder com o mesmo ardor. Sem a mínima repulsa pelas mãos firmes explorando seu corpo.

Dallas fitou por um instante as costas fortes e largas e repensou a questão das mãos no corpo. Não seriam as mãos macias dela explorando o corpo musculoso?

Fechou as pálpebras com força e concentrou-se na tarefa a sua frente. Sam concordara em se moldar ao teor da vida de um assalariado. Naturalmente, não conseguiria aguentar e aquele único pensamento a reconfortou. Decidiu presentear-se com duas caixas de bombons e uma torta de nozes por ganhar a aposta.

Ainda deitado no chão, Sam olhou para ela, apoiando a cabeça na mão.

— O que quer que você esteja remoendo nessa sua cabecinha, não deve ser muito agradável. Quanto mais cedo estabelecermos uma rotina, melhor será para as crianças, não acha?

Dallas acomodou-se no sofá, cuidando para deixar o maior espaço possível entre ela e aquele intruso. Ele já entrara na vida das crianças. Elas eram suas e não queria que se afeiçoassem demais ao seu hóspede temporário. E Sam não seria tão loquaz quando visse as listas enormes que preparara, pensou, já prevendo sua raiva e a retirada da aposta.

Sam mal olhou as listas que lhe entregou. Ergueu os ombros, os olhos cinzentos deslizando pelo agasalho ferrugem dela.

— Tudo bem — apenas comentou, dando uma segunda olhada no salário que ela lhe determinara.

Ao ver um músculo pulsar no rosto másculo, Dallas apertou os lábios para não sorrir.

— Quando foi a última vez que você viveu com um homem? — ele perguntou abertamente, jogando os papéis na mala dela, que ficara aberta no chão.

— Você tem fama de ser perfeccionista — Dallas retrucou, sentindo o corpo enrijecer-se em reação ao olhar intenso. — Provavelmente, mandou fazer uma investigação a meu respeito... então deve saber.

— Tem razão. Eu sei — ele reconheceu, os lábios firmes abrindo-se num sorriso amargo.

Quando ela o fitou com mais atenção, imaginando quanto saberia da verdade, Sam pegou seu bloco de anotações e começou a fazer uma lista.

— Mantimentos — explicou distraído.

— Sam — Dallas o avisou, observando a lista cada vez maior —, lembre-se de que vamos dividir os gastos e eu pagarei uma parte maior por causa das crianças.

— Nada disso, minha cara. Como mais do que vocês três juntos. Você não vai pagar minha comida. Nem você nem ninguém me sustenta, só eu. Entendeu?

Naquela noite, enquanto Lisa tomava conta das crianças, os dois foram ao supermercado, depois de convencer Bertha a abandonar sua mancha favorita de óleo na entrada da casa.

Sam entrou no supermercado com o ar de um caçador de safári, verificando os valores nutricionais, comparando os preços na calculadora e observando o açougueiro com suspeita.

Comprar mantimentos com Sam Loring era uma experiência que Dallas nunca mais queria repetir. Depois de três horas trabalhosas, finalmente conseguiu arrancá-lo de perto dos balcões de bugigangas, que o intrigavam a ponto de parecer uma criança numa loja de brinquedos.

Parecendo aborrecido, ele puxou a carteira quando o caixa deu o total.

— Metade — Dallas o lembrou, preenchendo um cheque da sua parte.

— Faremos as contas depois, querida — Sam murmurou entre os dentes, pagando o total.

Exausta depois de todas aquelas horas afastando-o das compras "realmente boas", Dallas não estava com disposição para lidar com machismo e preencheu seu cheque sem ligar. Esperava que Bertha conseguisse retornar e parar sobre a mesma mancha de óleo.

No dia seguinte, no escritório, Sam largou os papéis que examinava para massagear a nuca. Às nove da manhã, já estava ansioso pela tarde, quando Dallas começaria a entrevistar seus funcionários e examinar a política de relacionamento.

Não tinha idéia de que seus empregados estavam infelizes, Sam refletiu, batendo com a caneta na mesa. Aquilo o importunava. Sempre exigira mais de si mesmo do que dos outros e não percebera nenhum descontentamento.

Dallas era muito boa para descobrir frustrações. Como um vírus que se insinuava no organismo e o atormentava. Se visse um pouco mais de camisolas de flanelas e rosas, teria um ataque.

Também estava um pouco exausto, admitiu, olhando infeliz para a papelada ainda empilhada sobre a mesa. Não tivera tempo de se organizar nem de planejar um orçamento. Os mantimentos haviam tomado uma boa parte de seu limite semanal e o ordenado de babá devia ser pago na sexta-feira. Quando sua anfitriã insistira em ressarcir-lo no dia em que a aposta terminasse, Sam sentira o orgulho ferido. Queria tomar conta dela, entrar no seu pequeno mundo e consertar a lavadora de louças emperrada.

Essa era uma idéia nova e ele começou a revolvê-la com tanta desconfiança como se estivesse lidando com uma aranha viva. Sábado à noite, Beau escapara por pouco de ter a carinha de cachorrinho amestrado esmagada por um soco. Era visível que o frangote tinha a intenção de beijar os lábios de morango de Dallas. Sam olhou para as cicatrizes em suas mãos, pensando em como adoraria afundar com um soco a barriga mole de Beau. A boca de Dallas estava destinada a ser dele, bem como todas as suas outras partes. Nunca gostara de caçadores furtivos.

Sam jamais quisera tanto pôr sua marca de posse numa outra mulher, nem mesmo em sua ex-esposa. Mas Dallas era outra questão, e esse pensamento o deixava inquieto. Talvez fosse o período de festas ou o acolhedor calor da casa dela. Ou a falta de seu café habitual. Mas o perfume de ervilhas-de-cheiro de Dallas não ajudava, nem a maneira como o olhara no banheiro, naquela manhã. Na tarde anterior, quando estava vendo o jogo dos Seahawks, sentira que, por um momento, Dallas quisera estar em seus braços. Algum dia, estaria. As emoções conflitantes que se espelhavam tão abertamente sob as sardas eram uma injeção de encorajamento puro.

Devia tratá-la com cuidado, decidiu, revolvendo ainda mais suas emoções perturbadoras. Era óbvio que Dallas desenvolvera uma atividade e um estilo de vida próprios e ele a respeitava por isso. Esvoaçando feliz através de sua vida segura e bem estruturada, ela apresentava todas as marcas da prudência.

Depois de ter se desvencilhado de uma série de relacionamentos um tanto monótonos, Sam reconhecia aquelas marcas. As mulheres de seu passado sempre tinham ficado mais do que felizes em afundar-se em sua conta bancária. Mas Dallas ficara claramente ofendida quando ele se oferecera para pagar os mantimentos. Calculara sua parte da conta e ele notara o pequeno sorriso de felicidade quando anotara o valor no bloco.

Tirando o mesmo bloco do bolso, engoliu em seco ao ver novamente o valor que podia gastar por semana. Não daria para pagar a conta de uma rodada de drinques com um acionista. E havia também Bertha. Numa outra página, anotou "óleo".

Repondo o bloco no bolso, ficou apalpando-o. Naquela manhã, vestir as crianças e levá-las fora bem fácil. Ganhar aquela aposta seria como comer um doce.

Sam folheou a pilha de cartões de Natal de associados em negócios. Endereçados e mandados pelas secretárias, representavam uma mera cortesia em lugar do calor

genuíno a ser partilhado nas festas. Em contraste, o lar de Dallas era acolhedor, repleto de perfumes e crianças esperando por Papai Noel.

Com um leve sorriso, passou o dedo por um trenó em relevo num cartão, pensando. Pediria a Emily que escolhesse...

Entrando no escritório, Emily olhou-o e riu.

— Conforme suas próprias instruções, de acordo com as intenções para o próximo mês, não vou fazer nem servir seu café. Quer que o inclua na vaquinha do café?

— Pode deixar, eu mesmo providenciarei o meu. Tem alguma outra pergunta sobre a srta. Dallas Pendragon ou a situação?

Emily sorriu, mostrando os dentes por uma vez na vida. Logo ao chegar, Sam fora obrigado a explicar-lhe as linhas gerais da aposta e a vira rir. Ela mesma comunicara o essencial aos demais funcionários num memorando.

— Informei a todos que cooperassem o máximo com a srta. Pendragon. — Seu tom dizia claramente que ela tinha absoluta certeza de quem ganharia a aposta.

Sam teve a preocupante sensação de que Franzini instruíra cada um sobre a melhor maneira de se apresentarem nas pesquisas. Acreditava que era sempre melhor marcar as cartas para não perder uma rodada.

Ao chegar, fora cuidadoso em cumprimentar sua equipe de acordo com o método Pendragon. Certamente o leve movimento de cabeça e um bom-dia amável o fariam ganhar alguns pontos.

Sob sua aparência costumeira, Emily parecia tão satisfeita quanto um gato com uma tigela de leite.

— Só uma sugestão, sr. Loring. Vá até uma das mesinhas de café e peça uma xícara. O senhor a obterá só por hoje. Conforme entendi, todas as chamadas a respeito da família Pendragon, Nikki e Billy, devem ser passadas imediatamente para o senhor — ela continuou, sorrindo cada vez mais. — Crianças, uma casa, todas essas responsabilidades... — Emily murmurou, ao vê-lo assentir. — Isto promete ser interessante. A propósito, ligaram do estacionamento. Seu... caminhão está vazando óleo.

Ao meio-dia, Sam estava cansado, todo sujo de óleo, por ter consertado Bertha, e faminto. Gastara tudo o que possuía para o almoço em óleo. Logo mais, Dallas estaria a sua porta, investigando sua política de pessoal. E ainda não conseguira planejar o jantar.

Pensar em Dallas acalmou-lhe o estômago vazio de alguma forma, enquanto examinava as cartas preparadas para a sua assinatura.

Naquela manhã, já se esquecera por completo das maneiras rudes e dos comentários difamatórios que Dallas fizera sobre Bertha. Ao acabar de tomar banho, deixara a porta do banheiro aberta enquanto se barbeava. Queria apanhar as crianças antes que acordassem a mãe. Ela parecera exausta na noite anterior e ele achava que apreciaria os quinze minutos extras de sono.

Ainda meio adormecida, com sua camisola recatada, Dallas entrou no banheiro. Bocejou, gemendo, e abriu a água da banheira. Sam observou-a divertido enquanto ela passava a mão pelos cabelos e curvava-se para tocar os dedos dos pés. Parando em meio ao movimento, Dallas endireitou-se devagar, como se receasse ver o que estava à sua frente quando acordasse de vez.

No espelho embaçado pelo vapor, os olhos dela se arregalaram enquanto deslizavam pelas costas largas e nuas até as calças folgadas do pijama e voltavam ao rosto ensaboado. Piscou como se tentasse desalojá-lo de seu banheiro minúsculo e feminino. Como se fosse um gênio que poderia ser mandado de volta para sua garrafa.

Por um instante, pareceu a Sam sentir os dedos macios e tímidos explorando-lhe as costas. Querendo prolongar aquela sensação, apoiou o barbeador na pia e virou-se para encará-la. Dallas piscou outra vez, olhando fixamente para o peito dele e passando a língua pelos lábios.

Sem pensar, ele segurou-lhe a mão delicada, apoiando-a sobre os pêlos úmidos que pareciam fasciná-la tanto.

— Pode tocar, se quiser — ofereceu com galanteria, enquanto se curvava para tocar com os seus os lábios macios e entreabertos.

Despenteada e envolta em metros de flanela violeta-clara, Dallas parecia incrivelmente doce e feminina. Perturbado, Sam percebeu que queria tomar conta dela, aliviá-la de sua pesada carga. Aqueles pensamentos momentâneos eram antigos, fora de moda, mas ela conseguia despertar dentro dele coisas havia muito enterradas. Os lábios de morangos maduros mal haviam se erguido para os dele, quando ela recuou.

— Pare com isso, Sam Loring — sibilou por entre os dentes, corando. — Não estou incluída na aposta.

Sam sentira-se como se uma pontada de furor o rasgasse de cima abaixo. Por alguma razão, Dallas ressentia-se profundamente da presença dele.

Em seu escritório silencioso, Dallas fez uma pausa na reorganização de sua agenda e começou a brincar com o monitor de *biofeedback* enquanto pensava em Sam. Tinha de passar um mês inteiro evitando o corpo enorme em sua própria casa.

Lembrou-se do sorriso sensual dele no banheiro, quando a convidara a tocá-lo. Ao ouvir o assobio agudo do aparelho, Dallas sacudiu a cabeça. Viver na casa vizinha aos Deon era perigoso. O excesso de hormônios dos recém-casados parecia estar chegando a sua casa, influenciando-a.

Primitivo e masculino, Sam não se parecia nem um pouco com Douglas ou Beau; era mais um T.J. Ela já aprendera sua lição e não tencionava repeti-la.

Com exceção de que Sam tomara um cuidado incrível ao beijá-la com tanta gentileza, roçando seus lábios lentamente, como se quisesse despertar uma reação nela.

Despertar, ela repetiu sombriamente, esfregando as têmporas doloridas. Sam Loring invadia lares decorados para o Natal. Era óbvio que atraía sua mãe para alguma conspiração.

Dallas apertou o monitor, sem perceber o alto guincho. Quando queria, Sam representava o papel do macho sulista encantador, um personagem completo com covinhas e sotaque arrastado.

"Venha aqui, doçura", ele murmurara na outra noite, com aquele sotaque macio que poderia derreter a resistência de qualquer mulher.

Não queria reagir a nada que dissesse respeito a ele, nem mesmo ao comentário cheio de desejo sobre o trenzinho de brinquedo.

Sam era um jogador. Precisava se lembrar disso quando ele exibisse as covinhas ou expusesse o peito forte e coberto de pêlos macios no banheiro. Usava o sentimentalismo do Natal ou qualquer outro meio à mão para desarmá-la, incluindo uma fraqueza por homens grandes que gostavam de bolo de chocolate... Quem mais teria descoberto os apetites de Sam?, ficou imaginando num breve devaneio que ela forçou-se a deixar de lado.

Todo o problema era causado pela época de festas e pelas exhibições involuntárias dos recém-casados ao lado. Por alguma razão, quando se aproximava dele, ficava ofegante e tinha uma vontade quase irresistível de acariciar a penugem macia que lhe cobria parte do peito forte. Queria roçar os lábios na pele morena, sentir-lhe o gosto. De manhã cedo, no banheiro, se ele não tivesse se inclinado para ela, assustando-a naquele momento confuso, poderia ter obedecido aos seus impulsos.

A cabeça doía-lhe, provavelmente por causa dos muitos desejos reprimidos. O monitor guinchava em sua mão e Dallas jogou-o longe. Sam tinha muito o que aprender sobre jogar contra ela, pois pretendia ganhar. Se ele pensava que poderia manipulá-la com sexo, estava errado. Já era formada naquela escola frustrante e pouco excitante. Folheando a pesquisa preparada para os funcionários da Brice, Dallas sorriu com

amargura... Aquele era o jogo dela, o tempo todo. Enquanto Sam estivesse se afogando na roupa a ser lavada, na comida do jantar e lidando com as crianças, suas manhas, espirros e brinquedos, ela arrasaria com as teorias dele sobre a inutilidade de políticas anti-stress.

À tarde, ao entrevistar os empregados, Dallas ignorou os olhares furiosos de Sam quando passava por perto com frequência demais. Parecia uma águia vigiando seu território à procura de um ratinho que se aventurasse a cruzá-lo. Ela sorria com doçura e fazia um sinal de cabeça, antes de virar-se e continuar sua tarefa.

Enquanto entrevistava Virgínia, uma secretária divorciada, com três filhos, Dallas sentiu uma presença indignada atrás de si. Três novos cortes de barbeador enfeitavam o queixo rígido, o colarinho estava aberto e a gravata, sempre tão certa, apresentava-se torta. Os olhos cinzentos e sombrios que a fitavam demonstravam uma infelicidade genuína. Sujo de óleo, as mangas enroladas, Sam parecia um deus trovejante.

— Tudo bem? — ele perguntou, com suas maneiras de urso, observando com interesse a blusa branca justa e a gravata de seda estampada, que quebravam a seriedade excessiva do tailleur cinza, até os confortáveis sapatos pretos.

— Estamos indo muito bem, fantástico — Dallas respondeu, regozijando-se com a aparência terrível dele. Não conseguiria aguentar um mês. Duas semanas, no máximo. Os empregados estavam excitados e a experiência na Brice, na palma de sua mão.

Naquela manhã, quando carregara as duas crianças sonolentas e ainda resmungando para o carro, Sam tivera um período de graça. Billy não precisara ir ao banheiro outra vez e nem Nikki se esquecera de sua boneca favorita.

Sam olhou para o relógio na parede e passou a mão pelos cabelos revoltos.

— Tenho uma reunião às duas — murmurou, distraído, olhando para a calça manchada de óleo. — Preciso mandar alguém levar esta calça ao tintureiro e pegar outra limpa. Do que está rindo, Dallas?

— Nada disso — ela retrucou com voz macia. — Você deve se ocupar das suas coisas pessoais, lembra-se?

— Mas isto é negócio, Dallas. Uma questão de muito dinheiro. Entende? — Sam lançou-lhe um olhar de pura frustração.

Apreciando vê-lo aborrecido, ela apoiou-se na escrivaninha de Virgínia e cruzou os braços.

— Valentão — murmurou depois de um longo e tenso momento, enquanto a funcionária os observava, fascinada com a troca de palavras como chumbo quente sobre sua cabeça.

— No meu escritório — Sam ordenou, proferindo as palavras espaçadas, com precisão mortal, enquanto o pescoço parecia enterrar-se entre os ombros fortes.

— Quando tiver terminado com Virgínia. Estamos calculando se ela teria tempo de fazer ginástica e tomar banho durante a hora de almoço — Dallas respondeu em tom neutro, observando-o.

Sam, de mau humor, era bem capaz de fazer uma cena e ela queria lidar com o problema dos empregados com o mínimo de confusão. Sabendo que o patrão estava aborrecido, eles poderiam não cooperar com tão boa vontade.

Mas, ao mesmo tempo, não podia permitir-se o desgaste de ter Sam resmungando e ameaçando por perto. Tamborilando os dedos de leve contra o braço, Dallas deixou escapar um pequeno sorriso. Sam podia mandar em seus empregados, mas não conseguia acostumar-se com a idéia de que ela era independente...

De repente, assustou-se ao ver-se agarrada pela mão e levada à força até o escritório dele. Fechando a porta com um chute, Sam trancou-a e, pegando-a no colo, sentou-a sobre a mesa.

A mão de Dallas ergueu-se e voou pelo espaço que os separava antes que pudesse medir as conseqüências. O golpe no rosto dele fez a palma arder.

— Como ousa?

— Você realmente consegue me perturbar, Dallas Pendragon. Desta vez, você pediu isso — ele murmurou antes de debruçar-se sobre ela.

Dallas teve uma rápida visão das sobrancelhas pretas e grossas e dos olhos tempestuosos aproximando-se, enquanto braços fortes a rodeavam, erguendo-a. A boca exigente colou-se à sua, enquanto uma mão forte a segurava pela nuca, obrigando-a a um beijo longo e apaixonado. Cercada pelo calor e força de Sam, Dallas mal sentiu os pés tocarem o chão.

Tentou protestar. Tentou ignorar quanto seu corpo traidor amava o calor aconchegante da força dele, como se encaixava nos músculos rijos.

Com dedos hábeis, Sam massageava-lhe os cabelos, acalmando-a enquanto a respiração irregular lhe aquecia o rosto delicado; a outra mão deslizava para segurá-la pelos quadris, puxando-a contra si.

Os lábios firmes moviam-se sobre os dela, famintos. Dallas sentia-se ceder à súplica daqueles carinhos e queria aliviar a solidão que percebia atormentá-lo. Sam sofria com um vácuo frio, carregava-o dentro de si e o escondia do mundo com bastante êxito.

Mas ela sabia agora o quanto ele precisava do seu conforto. Dallas absorvia-lhe a dor, tomando-a para si e aliviando-a. Sam precisava de cuidados gentis e ela sabia, por instinto, como ajudá-lo.

Correu os dedos pelos cabelos curtos, segurando-lhe o rosto. Com meiguice, ergueu os lábios e colou-os de novo aos dele.

O beijo de Sam era uma pura possessão, um homem reclamando seus direitos por sua mulher.

Uma onda de felicidade a percorreu quando ouviu o gemido profundo e rouco, como um som desesperado que suplicasse ao corpo delicado que se unisse ao dele.

Aquele foi o último pensamento racional de que Dallas se lembrava enquanto a língua exigente explorava-lhe os lábios, pedindo mais. Sam, apesar de toda sua selvageria, esperava a reação dela. Estava expondo-lhe sua alma e pedindo muito pouco em troca.

Dallas começou a beijá-lo de leve, passando os braços em torno do corpo forte. Acariciava-lhe a nuca alisando os cabelos encaracolados que nasciam ali. Estava tão absorvida que nem sequer notou a imobilidade dele nem a pressão gentil da boca firme. Mal sentiu os braços fortes envolverem-na, puxando-a, enquanto Sam se apoiava na mesa e a acomodava entre as coxas musculosas.

Sam encostou o rosto no dela, descendo até o pescoço, e Dallas suspirou, cercada pelo calor que a dominava.

Seus lábios se encontraram, em toques leves e macios, até que ela, numa carícia tímida, passou a língua pela boca firme sobre a sua. Numa reação apaixonada, sentiu-o invadi-la, a língua dele, exigente, saboreando-a, provocando, obrigando-a a responder àquela doce tentação.

As mãos fortes a acariciavam de leve, infiltrando-se sob o casaco para tocar os seios firmes. Uma onda de calor a invadiu, fazendo-a sentir-se aliviada quando ele começou a despi-la com movimentos gentis, os dedos hábeis tocando a pele macia da cintura.

Sem perceber, ela também tinha tirado a gravata dele e desabotoado a camisa, acariciando os pêlos macios que tanto a atraíam.

As mãos ásperas deslizavam pelo seu corpo, lentamente, explorando-a com doçura, fazendo-a sentir-se protegida, desejada. Ela estremeceu, entregando-se àquele sentimento alucinante, enquanto os dedos gentis encontravam seus seios, livrando-a da barreira do prático sutiã de algodão, as bocas ávidas fundindo-se num beijo sedutor.

Um gemido profundo brotou-lhe da garganta quando as mãos mágicas começaram a atormentar os mamilos, enrijecendo-os. A boca firme e exigente deslizou pelo rosto, o

pescoço e o colo, traçando um caminho de beijos gentis e apaixonados, até apossar-se do bico intumescido. Dallas ofegava e ondas de calor a percorriam.

Entregando-se completamente ao prazer, começou a acariciá-lo, as mãos delicadas deslizando pelas costas largas, pelo ventre rijo, deliciando-se ao perceber que os músculos duros estremeciam ao seu leve toque.

— Doçura... — Sam murmurou, com voz rouca e perturbada, procurando a boca macia, roçando o peito forte contra os seios sensíveis.

O suspiro de puro prazer que lhe escapou da garganta ao sentir o corpo aveludado contra o seu levou Dallas à loucura. Suas unhas se enterraram nas costas largas, puxando o corpo másculo mais para si.

As mãos fortes e seguras deslizaram-lhe pelas coxas, infiltrando-se quentes e gentis por sob a saia. Com movimentos lentos, Sam soltou as meias, acariciando a pele fina e macia. Os dedos firmes deslizaram sob o elástico da calcinha de algodão. Dallas suspirou de prazer enquanto ele a acariciava, explorando sua intimidade, atormentando os pontos sensíveis. Cada vez mais ansiosa, ela arqueou o corpo, desesperada para que aquele toque gentil preenchesse o vácuo dentro de si. Surpresa, percebeu que seu corpo movia-se ousadamente, ao encontro do roçar delicado dos dedos firmes.

Sentiu o ar faltar-lhe dos pulmões quando eles se moveram, explorando-a. Agoniada, mordeu-lhe o ombro, percebendo que Sam prendia a respiração ao sentir sua boca macia e quente.

Quando ele a deitou sobre o tapete espesso atrás da mesa, Dallas mal percebeu, aconchegando-se ao corpo forte, acariciando-o, beijando o mamilo chato, mordiscando-o, deliciada com a reação dele.

Sam gemeu, num murmúrio rouco e áspero de prazer, os braços rígidos em torno dela, os dedos trêmulos.

Sorrindo, Dallas aninhou-se sobre o peito musculoso. Por um instante, a lembrança de ser presa, à força, sob um corpo suado de homem que a ensinara, com insultos, qual o lugar da mulher passou-lhe pela mente. Mas logo apagou-se, assim como a realidade que os cercava, quando os dedos hábeis e carinhosos de Sam a encontraram. Ela o beijava, mordida, agarrava-se ao corpo sensual. Um fogo líquido corria-lhe nas veias e o prazer a envolvia num turbilhão crescente. A boca exigente dele era uma âncora firme sobre a dela, nessa sua primeira viagem pelos mares do prazer, até que uma inesperada onda de calor a dominou, erguendo-a, levando-a ao êxtase. Deslizando as palmas macias pelo corpo másculo, deliciou-se com a rigidez proeminente. O movimento inquieto dos quadris contra seu ventre a surpreendeu, provocou uma segunda onda de prazer que a jogou, palpitante, sobre ele. Sam tremia, a respiração irregular, o rosto quente contra o dela. Escorregando para o lado, Dallas sentia-se febril, largada, como se seus ossos se houvessem derretido. Precisou de toda sua força de vontade para erguer a mão e acariciar o rosto magro e áspero. Atordoada com suas próprias sensações, sabia que ele precisava dela.

Sam precisava de carinho. Pobre Sam.

Com mãos gentis, ele a puxou para si, acariciando-a, observando-a como se fosse única. Os olhos cinzentos, enevoados, prometiam coisas que não conseguia discernir. Muito particulares, íntimas, com passagens escuras e quentes que a excitaram, deixando-a ofegante.

Quando aqueles olhos perturbadores moveram-se do rosto para os seios macios, Dallas quis cobrir-se. Mas Sam a aconchegou contra seu corpo rijo, protegendo-a do frio. Aquilo a fez pensar em galanteria e posse.

Ele a embalava docemente, o rosto delicado dela apoiado em seu peito forte. As mãos deslizaram pelo corpo aveludado, até os quadris, puxando-a contra si, até fazê-la sentir sua potente masculinidade.

Observando a reação dela, Sam moveu-se.

— Oh, céus! — Dallas murmurou com lábios sensíveis e inchados. — Oh... — Tornou a repetir, percebendo o carpete sob suas costas e o olhar exigente e ansioso de Sam percorrer seu corpo.

Com um movimento rápido, livrou-se dos braços que a envolviam e ergueu-se, cobrindo-se com a camisa dele.

Quando Sam deu um passo na direção dela, os olhos de Dallas baixaram-se involuntariamente e se arregalaram.

— Se disser "Oh, céus" mais uma vez, doçura... — ele murmurou, enquanto Dallas se virava de costas, fugindo da rija evidência de sua primeira incursão na paixão.

Ela estremeceu ao tomar consciência de que beijara e até mordera Sam selvagememente, atacando-o com incontida volúpia.

Estremeceu novamente, enrolando-se mais na camisa dele, sentindo o cheiro do corpo másculo. A camisa a fez lembrar-se de como tinha... Fechou os olhos com força, tentando apagar a imagem do peito nu e suado e das pequenas marcas vermelhas nos ombros largos deixadas por seus dentes e unhas. E da boca sensual que tanto beijara.

— Oh! — gemeu baixinho, lutando contra a compreensão de que nunca antes havia se permitido... — Oh! — tornou a gemer, frustrada. Se jamais em sua vida quisesse conhecer a paixão, não seria agora. Justamente quando tudo estava tão bem definido. E, com toda certeza, não queria experimentar nada íntimo com Sam.

O calor do corpo dele aqueceu-lhe as costas, penetrando em sua pele como tinha querido penetrar na dele.

— Foi uma linda série de gemidos — Sam murmurou baixinho atrás dela. — Olhe, vista isso — ordenou, ajudando-a a pôr o sutiã e a blusa.

Embora se sentisse grata, Dallas tremeu e evitou seu olhar. Ressentia-se da destreza das mãos fortes que a ajudavam a vestir-se. Ressentia-se ainda mais por causa dos carinhos experientes de Sam e de sua reação ingênua à habilidade dele. E, por tremer tanto, não conseguia abotoar sua blusa, obrigando-o a ajudá-la.

Afastou o olhar do pescoço dele, que tinha um corte do barbeador e uma marca vermelha dos dentes dela.

— Bem — Dallas começou, esperando que a voz rouca e emotiva não denunciasse toda sua emoção. — Isto foi... agradável. Mas agora que terminamos...

— Não é o fim do mundo — Sam disse com calma, enquanto terminava de abotoar a blusa.

Evitando os olhos cinzentos, Dallas ficou observando as mãos morenas e marcadas de cicatrizes que terminavam a tarefa.

Não pareciam as mãos gentis de um amante, porém, mesmo assim, ele a tocara com toda a leveza e reverência. Os dedos fortes tremiam ligeiramente, deixando-a saborear o conhecimento de que ele também fora afetado. Por ela.

Não a tocara como um corpo a ser usado, mas como se fosse feita de seda fina e renda transparente e temesse magoá-la.

— Ambos sobreviveremos. Não dê muita importância a isso — Sam sussurrou com gentileza, quando abotoou um botão errado. Com dedos desajeitados, corrigiu o erro.

A delicadeza dele fez com que as lágrimas que Dallas estivera retendo com todas as forças comesçassem a escorrer-lhe pelo rosto. Horrorizada, viu-as umedecer as costas das mãos fortes e trêmulas também. E então, os braços dele a envolveram como um porto seguro.

— Pronto, doçura, acalme-se — Sam sussurrou com voz embargada, embalando-a de modo quase desajeitado, como se nunca tivesse consolado alguém. Ou tivesse sido consolado.

— Você me paga por isso — Dallas prometeu com voz trêmula, incapaz de afastar-se do calor dele. Duvidava que suas pernas a sustentassem um passo sequer.

— Eu? — Sam parou de acariciar as costas delicadas. — Acho que está culpando

a pessoa errada. Você é como um vírus que causa febre...

Respirando profundamente, Dallas afastou-se um passo, sem esconder a frustração que a dominava. Tinha ficado a salvo, escondida e segura em seu mundo protegido e bem estruturado e, de repente, Sam aparecera, derrubando com facilidade as barreiras protetoras.

— Você vai me pagar por isso — ela o ameaçou de novo.

— Acha que já não estou pagando? — ele perguntou, baixando os olhos para seu próprio corpo.

Dallas recusou-se a seguir-lhe o olhar, mantendo os olhos fixos nas feições rígidas e sombrias. A mão tremia traiçoeiramente, querendo acariciar as rugas daquele rosto.

— Nunca mais tente nada assim. O truque não vai adiantar — ela sussurrou por entre os dentes cerrados.

— Se acha que planejei... — Os olhos cinzentos acenderam-se, furiosos.

— Não mesmo? — Dallas perguntou com calma, passando a mão trêmula pelos cabelos, enquanto todos os insultos de T.J. voltavam-lhe à mente para assombrá-la.

— Não diga mais nada, Dallas. Se for esperta, vai se arrumar ali no banheiro e cair fora daqui. Agora. Senão... — Ele olhou significativamente para a mesa.

Quando os olhos verdes se arregalaram, ele jogou o paletó e a echarpe nas mãos dela, como se fossem a evidência principal de um crime.

Percebendo a expressão sombria, Dallas tomou a decisão mais sábia e foi até o banheiro com toda a dignidade que pôde. Com a mão na maçaneta, virou-se ligeiramente.

— Covarde! — ela o provocou.

— Ao diabo que sou! — ele retrucou.

— É, sim. — ela gritou, enquanto a porta se fechava atrás dela.

CAPÍTULO VI

Uma hora mais tarde, Sam trapaceou as regras da aposta, sem se importar. Socou e dançou ao redor do saco de areia até que a exaustão física diluísse o desejo intenso por Dallas Pendragon.

— Dallas é um vírus que está me atacando — disse, entre os dentes, enquanto reunia todas as suas reservas para lutar contra ela e contra si mesmo.

Certo, era um homem experiente o bastante para não bancar o bobo.

Dallas Pendragon não tinha consciência de sua sensualidade latente. Não sabia o que mãos suaves e suspiros surpresos, ainda mais doces, faziam com um homem que mantinha suas emoções sob rédea curta.

Precisava de proteção contra os homens que quisessem se aproveitar dela.

Diabo! Ele mesmo pretendia ser um desses homens.

Ao pensar em homens no plural, socou o saco com mais raiva ainda.

"Então, por que estou tão preocupado com ela? É uma mulher adulta com o equipamento apropriado...", Sam refletiu, lançando uma série de socos rápidos, sentindo-se zangado, frustrado e sexualmente carente. Sentia o corpo todo doer e imaginava se algum dia voltaria a ser o mesmo. Na primeira oportunidade que tivesse, depois de terminada essa confusão, tiraria uma semana de férias e aceitaria o convite de Delilah Philburn para sua casa de veraneio e sua cama. Sentia-se enganado pelo seu próprio corpo, traído pela abstinência sexual. Era evidente que não estava tão acabado como pensava.

Sempre evitara com teimosa dedicação as mocinhas doces e inocentes, sabendo que eram verdadeiras minas explosivas envoltas em renda.

Começou a praguejar, alternando as frases com socos. Experimentara a pele sedosa e macia de Dallas, envolvera-se nos aromas de ervilhas cheirosas e das montanhas Apalaches. Quando ela suspirava, o som o lembrava de tudo o que sempre quisera.

Podia ainda sentir o corpo macio estremecer, movendo-se e aquecendo-se contra o dele. Queria fazê-la sua, tomar parte do mundo de Dallas. Deixar que aquele calor que emanava dela o fizesse sentir-se querido pela primeira vez na vida. Ela ficara atônita com a paixão e ele tinha desejado confortá-la, envolvê-la em seus braços e dizer-lhe que estava tudo bem.

Mas não estava. Nada estava bem.

Zangado com Dallas e frustrado pela manhã infernal, Sam jamais pretendia que a cena atrás da mesa acontecesse. E Dallas correspondera intensamente, diabo!

Ofegante, Sam afastou-se do saco. Dallas podia penetrar em seu íntimo e fazê-lo em pedaços se não tivesse cuidado. Havia algo dentro de si há muito esquecido e vulnerável demais para ser exposto ao vírus perigoso. Por que ela o atingia tanto?

Baixando a cabeça, socou o saco como se fosse seu pior demônio. Sob sua inteligência de executiva, Dallas era doce. Sentindo-se culpado por notar algo que ela mesma não sabia, por ter causado aquilo, percebeu que teria de vigiar-se. Porque pagaria os pecados do inferno se ela descobrisse quanta força tinha.

O punho atingiu o saco como se fosse o rosto de Beau. Quando a comunidade comercial soubesse da experiência, como tinha certeza de que logo aconteceria por intermédio de Franzini, teria as mãos cheias de problemas para protegê-la. Ou a ambos.

Como ele poderia sequer supor que seus funcionários de escritório estavam sob tensão?

Às cinco e meia daquela tarde, Dallas estendeu as mãos sobre os dados da Brice que se espalhavam em sua mesa. Sem dúvida, demonstravam a necessidade premente

de funções partilhadas em meio período, uma creche, um dia comercial, isto é, um dia de folga paga, para que os empregados pudessem se ocupar de seus negócios pessoais, um programa de condicionamento físico e, por fim, uma licença prolongada depois de cinco anos de casa. Ligou o computador e começou a delinear as linhas gerais de cada programa.

Sua mãe prometera verificar os progressos de Sam nessa noite. Aquilo a deixava livre para adiantar os planos sobre relacionamento gerência/empregados para Sam. Tinha três semanas para provar que suas teorias estavam certas, que empregados menos tensos significavam menos absenteísmo e maior produtividade, mantendo a rotatividade mínima.

Quinze por cento das funcionárias haviam se candidatado ao programa de meio período. Haviam se oferecido para trabalhar num projeto-piloto, que fora fácil de planejar. O dia de folga comercial também era só uma questão de programação; mas a creche e o programa de condicionamento físico exigiam estimativas de custos. Necessitava da assessoria de um arquiteto para as reformas adequadas; a creche exigiria pessoal treinado e móveis especiais.

Lembrou-se do comentário de um empregado: "O sr. Loring quer uma organização bem lubrificada e, honestamente, o pagamento é bom. O problema é que não somos todos como ele, fanáticos por trabalho vinte e quatro horas por dia. Temos famílias e outros compromissos, enquanto a Brice representa tudo para ele".

Que pena, Dallas refletiu por um momento. Como um pai adotivo temporário, Sam adaptara-se às vidas de Nikki e Billy perfeitamente. Como suposto marido, Sam alternava momentos definidos e ternos de confusão com uma firme determinação de conseguir seu intento.

Como homem, era experiente demais, o tipo que preferia loiras sofisticadas e cheias de classe.

Então, por que a beijara? Dallas levou o dedo aos lábios, traçando seu contorno, lembrando-se do gosto da boca dele

Mas não permitiria que aqueles beijos minassem seu trabalho, sabendo que tudo era um truque para vencê-la.

Se, ao menos, ele não tivesse aquele olhar tão carente de carinho...

Dallas estremeceu com aquele pensamento e começou a datilografar. De acordo com os boatos do mundo dos negócios, Sam era durão.

— Deve ser por causa da época de festas — murmurou, acrescentando: — Quando isso tudo acabar, vou me premiar com uma caixa inteira de bombons de cereja ao licor.

Começou a digitar os dados no computador e absorveu-se nos planos. Às oito e meia, massageou a nuca dolorida e tentou não pensar em Sam, não lembrar da boca firme e exigente. O pior de tudo fora a maneira vergonhosa como ele quase lhe arrancara as roupas.

Era lógico que ele planejara tudo, tentando pô-la contra a parede.

Quando o telefone tocou, às dez horas, Dallas acabara de desligar o computador. Atendeu, distraída, os olhos ardendo, o corpo pesado de fadiga.

— Dallas? — A voz profunda de Sam soou do outro lado da linha. — Você está bem?

— Por que não estaria? — ela retrucou, irritada com aquela invasão de seus domínios.

Ouviu-o respirar fundo, como se tentasse controlar-se.

— Venha para casa — ordenou abruptamente, desligando em seguida.

Dallas começou a xingá-lo mentalmente, depois ficou imóvel, repassando tudo o que poderia ter acontecido para que ele a chamasse assim. Quando ligara para casa mais cedo, as crianças estavam excitadas, morrendo de rir, pois a lavadora soltava bolhas de

sabão. Deveriam estar dormindo agora, a menos que Sam não tivesse sido bem-sucedido na "caça aos ursos".

Saindo do escritório como uma bala, Dallas cruzou o tráfego da cidade velozmente. Por fim, brecou com um guinchar de pneus, parando o carro a milímetros do pára-lama enferrujado de Bertha.

As luzes de Natal piscavam na árvore e a casa parecia acolhedora como sempre, exceto por Sam na soleira da porta, com um satisfeito Baghdad seguro numa mão.

Apressando-se para entrar, Dallas esperou ouvir choro ou crianças desesperadas.

— O que aconteceu? — perguntou, enquanto tirava o casaco e chutava os sapatos para longe.

Sem esperar pela resposta, precipitou-se ao quarto das crianças para encontrá-las dormindo sossegadas, sem traços de sustos ou lágrimas. Beijando os rostinhos quentes, voltou para a sala.

De pé, com as mãos nos quadris, Sam a olhava zangado. De meias, jeans e camiseta, o cabelo despenteado e a barba despontando no queixo, Sam estava extremamente sexy...

Ignorando uma mancha vermelha desbotada na camiseta, Dallas perguntou irritada por que a tinha chamado, procurando não pensar na atração que a levava ao tapete atrás da mesa do escritório dele.

Sam a olhou fixamente por um minuto, depois virou-se e foi para a cozinha, obrigando-a a segui-lo. Um cheiro de queimado misturou-se ao perfume dele quando abriu a porta. A pasta de Sam estava aberta sobre a mesa da cozinha, os papéis espalhados e, ao lado, havia uma pilha de livros de receitas cheios de marcas. Trabalhando na pia, o corpo forte estava tenso sob a camiseta. Os músculos das costas retesavam-se enquanto ele enchia um prato de comida e o punha no microondas. As marcas vermelhas no pescoço, bem visíveis ainda, a perturbaram.

— O jantar esfriou — ele disse num tom zangado. — Eu a esperava de volta às seis.

Aquele tom estranho, mistura de raiva, frustração e preocupação a surpreendeu. Já o ouvira antes, de Lisa. Pôs essa idéia inquietante de lado. Sabia que Sam só estava interessado em atrapalhar seus planos.

— Eu tinha trabalho a fazer. Algo errado com Nikki ou Billy? — Dallas perguntou novamente, querendo certificar-se dos motivos dele.

— Nada. Por que haveria? — Sam murmurou num tom seco. — Gastei quase uma hora para fazer o jantar. De qualquer forma, as crianças gostaram dos meus hambúrgueres especiais. É melhor que você não tenha jantado — finalizou, olhando-a como se a acusasse de algum crime.

— Você me tirou do trabalho por causa disso? — Dallas relanceou os olhos pelos ombros largos e respirou fundo. Quase se matara no trânsito por causa de um executivo que fizera um hambúrguer. Já se prendera a um homem uma vez e nunca se esqueceria do que passara. — Vamos discutir isso depois que eu trocar de roupa.

— Tem um minuto.

Sam começou a pôr um lugar na mesa para ela e a visão estranha de um homem em sua cozinha, preparando seu jantar em lugar de exigi-lo, tocou-lhe os sentimentos.

Quando voltou, sentou-se diante de um enorme sanduíche e de um prato de batatas *sauté*. Enquanto se decidia se entrava ou não numa discussão sobre emergências, ele colocou com todo cuidado uma xícara de chá ao lado dela.

— Aqui está. Você teve um dia duro — murmurou, como se estivesse ressentido por causa disso. — Onde esteve a tarde toda? — perguntou, bebendo cerveja na garrafa.

— No escritório. Trabalhando nas propostas. O que você queimou? — Dallas perguntou, sem se explicar muito. Embora apreciasse o esforço dele, lutando contra os ursos, máquinas de lavar e jantar, isso não lhe dava direito algum sobre o tempo dela.

— Meio quilo de carne. E então, como vai seu plano de invasão? Algum ponto que gostaria de discutir? — Os dedos dele brincavam inquietos com a ponta da toalha.

Deixando de lado a idéia de que Sam precisava de atenção, ela indignou-se, pois era bem do estilo dele tentar antecipar suas ações para sabotá-las.

— Ainda não estou pronta para uma apresentação. O jantar estava ótimo. Obrigada — agradeceu, confiando em suas boas maneiras quando tudo o que queria era uma feia discussão.

— De nada — ele murmurou, num tom formal, deslizando um dedo pelas costas da mão macia e delicada. — Você está bem? Parece cansada.

A pergunta, feita no mais profundo sotaque sulista, levou-a de volta aos acontecimentos daquela tarde. Tinha se descontrolado, dando demais de si mesma. Já fizera isso uma vez e acabara com cicatrizes que a marcariam pelo resto da vida.

Puxando a mão, afastou-se daquela carícia perturbadora e ergueu-se para tirar a mesa, com um floreio que disfarçava o quanto aquele pequeno gesto a atingia. Enquanto raspava os pratos, Dallas percebeu que estava reagindo de modo exagerado.

— Está tudo bem. Tenho muito trabalho, sabe? As aulas e o seu projeto.

Atrás dela, Sam inclinou-se e sussurrou em tom ameaçador, próximo a sua orelha:

— Da próxima vez que ficar trabalhando até tarde, é bom que seja no seu escritório mesmo. Telefone-me quando sair de lá e avise-me se tiver de parar no caminho.

Aquilo soou como se ele fosse capaz de convocar a Polícia Montada, a Cavalaria e os Boinas-Verdes para revirar Seattle à procura dela. De repente, Dallas esqueceu o cansaço e a preocupação, virando-se para encará-lo, desafiante.

— Se você tem algum problema com o meu modo de vida, vai ter de engoli-lo.

Sam apoiou as mãos na pia, uma de cada lado dela, prendendo-a entre os braços musculosos, e baixou a cabeça sobre a rosto delicado.

— Lisa e as crianças ficaram preocupadas.

Dallas notou as rugas nos cantos dos olhos e a linha firme dos lábios. Sob a pele morena, onde já despontava a barba escura, um músculo contraiu-se no queixo de granito. Ela mesma não se sentia exatamente com disposição para ser gentil.

— Não se intrometa, Sam. Não presto contas dos meus atos a ninguém, há muito tempo. Minha mãe e as crianças sabem que, às vezes, isso acontece...

— Não sou sua mãe. Nem seu filho — ele disse, num tom exageradamente calmo. — Avise-me.

— Sam, se está procurando encrenca, estou com bastante disposição — ela retrucou do mesmo modo, erguendo o queixo. — Afaste-se.

— Aposto como não precisa dizer isso a Beau — ele a desafiou, como um garoto malcriado, olhando-a furioso.

— Não tem mais nada para fazer? — Dallas perguntou, com doçura, imaginando se poderia pôr as mãos ao redor do pescoço forte e esganá-lo aos poucos. — Lavar? Varrer o chão? Limpar o banheiro? Juntar os brinquedos?

— Já fiz isso tudo — Sam informou-a num tom suave, diferente, fitando a boca macia. — O que quer para o jantar amanhã?

— Qualquer coisa — ela murmurou, lembrando-se dos lábios firmes sobre os seus, do gosto... Com um gesto brusco, empurrou-o com o ombro e, para sua surpresa, ele afastou-se. — Vou tomar outra xícara de chá. No meu quarto, sozinha.

— Ótimo. Faz bem.

Sem confiar naquela súbita trégua, Dallas refugiou-se no santuário do seu quarto, entre suas revistas favoritas, envolvendo-se nos lençóis de rosas.

Quando Lisa ligou, pouco depois das onze, apagou a luz e acendeu sua vela aromática preferida. As ligações da mãe eram surpreendentes, no horário perfeito das noites insones. Podia ouvir Sam rodar pela casa, aparentemente fazendo alguma coisa. Depois, os degraus do porão rangeram sob seu peso.

— Sam é tão bonzinho... Ele já foi dormir? — Lisa indagou, do outro lado da linha.

Enquanto conversavam, Dallas observava a chama vacilante da vela. Seu perfume e sua aura se espalhavam pelo quarto acolhedor, tornando o ambiente suave e calmo, em contraste com o dia ocupado e tenso que tivera. Especialmente depois que descobrira como Sam sabia esquentar um tapete.

Concentrando-se na vela, tentou ignorar o barulho de coisas sendo arrastadas e motores que relutavam em funcionar.

— Não, está brincando com as ferramentas de papai.

— Lógico, querida. Tinha certeza de que ele as acharia. Homens de verdade sempre adoram essas coisas. São como brinquedos. Nada os deixa mais felizes do que martelar um pouco... Bem, talvez uma voltinha na cama. Essas ferramentas... Eu não podia desfazer-me delas e saber que você as guardou me faz sentir muito bem. Como vai o trabalho na Brice?

A serra elétrica zumbiu bem debaixo dela e Dallas respirou fundo.

— Vou ter de trabalhar até mais tarde no escritório, mãe. E talvez no fim de semana também. Com Sybil e Lettie me substituindo nas aulas sobre stress, terei pouco tempo... — Outro barulho mais agudo substituiu a serra, parando em seguida. — Mãe, agora não consigo falar. Ligo para você amanhã, está bem?

Ao ouvir outro motor ronronar, ela gemeu e tampou os ouvidos com o travesseiro.

Na sexta-feira de manhã, Sam enfrentava a diretoria na espaçosa sala de reuniões da Brice.

— Admito que ultrapassei um pouco os limites sem consultar a diretoria. Dallas Pendragon não está fazendo nada além de investigar causas de tensão nas nossas técnicas de gerência. Não conseguirá descobrir muitas. E, quando seu projeto estiver concluído, a Brice ainda sobreviverá. Coisas dessa natureza geralmente consomem muito tempo para serem discutidas antes de um primeiro relatório.

Passando o olhar pelas expressões fechadas dos homens ao redor da mesa, Sam cumprimentou com um aceno de cabeça Edward Swearingen, a quem respeitava profundamente a despeito de algumas diferenças de opiniões. Aos sessenta e seis anos, Edward era corpulento, alto, mas se movia com a leveza de um bailarino. Uma de suas teorias básicas sobre a vida era de que todo homem precisava de uma boa mulher. E logo demonstrara ser a favor do programa para a diminuição do stress.

Jerry Keys recostou-se em sua cadeira e cruzou as mãos sobre o estômago rotundo.

— Dallas Pendragon está fazendo perguntas demais, tem um arquiteto revirando tudo e põs tudo de pernas para o ar. Está deixando o Departamento Pessoal louco, querendo saber sobre os métodos de testes, antecedentes dos empregados e coisas assim. Que diabo esse seu "perfil familiar" tem a ver com o trabalho?

Movendo-se inquieto, Sam baixou os olhos para as cicatrizes em suas mãos. Vira algumas entrevistas dos funcionários e ficara atônito com os resultados. Trabalhava mais do que qualquer um deles e nunca pedia nada que não exigisse também de si mesmo. Mas expressões feias e pesadas como "esgotado", "exausto" e "pressões no ambiente de trabalho estão afetando a vida pessoal" erguiam-se como pedras tumulares.

As entrevistas de Dallas haviam desenterrado uma torrente de reclamações. Sam apertou os dentes, sentindo os músculos do pescoço tensos, como se fosse levar um soco. Não tinha idéia do nível de descontentamento entre seu pessoal.

— Essa mulher é dinamite pura, Sam — Francis Tome tomou a palavra, batendo com o lápis na mesa. — Tem um faro para as mínimas coisas que possam afetar um funcionário. Precisamos acabar com ela antes que cause um estrago maior. Já ouvi essa baboseira sobre stress antes. Neste ano fiscal, não podemos nos permitir sair por aí financiando programas custosos para beneficiar os empregados.

A idéia de que fora mencionado nas pesquisas como sendo uma das principais causas de tensão fez o estômago de Sam contrair-se. Será que o viam mesmo como uma máquina de concreto movida a gráficos de produtividade?

— Dallas Pendragon tem algumas idéias muito boas — Edward Swearingen observou. — Conheço sua mãe há anos e sei que Dallas é uma jovem muito inteligente e empreendedora. Suas idéias podem ser válidas e merecer nossa atenção.

Recostando-se em sua poltrona na cabeceira da mesa de carvalho polido, Sam pensou em Mullens, o arquiteto que ela contratara para fazer as estimativas, e teve vontade de esmagá-lo com um soco. Um surfista envelhecido, com jeans apertados, era o queridinho das mulheres e atraía a atenção de todas as secretárias. Dallas não parecia se importar quando ele se aproximava demais ou quando suas cabeças quase se tocavam curvadas sobre o mesmo papel.

Uma vez, surpreendera-a rindo enquanto Mullens sussurrava algo em seu ouvido. Tinha se aproximado e Dallas erguera a cabeça, dando-lhe um sorriso.

— Algum problema, Sam? — ela perguntara.

Lógico que ele tinha problemas. Um homem não espera uma mulher todas as noites, lava suas roupas íntimas de algodão nem cuida dos filhos dela sem ter Grandes Problemas.

Os recém-casados na casa vizinha o estavam deixando louco, com vontade de mastigar aço.

Precisava ligar para Delilah e arranjar uma babá. Quando um vírus invade seu organismo, um homem precisa tomar medidas urgentes para eliminá-lo.

Talvez só precisasse ouvir os pequenos gemidos que Dallas soltava do fundo de sua garganta quando acariciava a pele aveludada. Deus, eram sons doces, ansiosos e encorajadores.

— ... e todos sabemos que está vivendo com Dallas Pendragon, Sam. Mas negócios são negócios — Ben Thompson afirmou, batendo com a mão na mesa.

— O que é isso? — Sam perguntou, abandonando a imagem da pele alva de Dallas e voltando à sala de reuniões. Sentia-se culpado como se tivesse exposto a mulher que amava aos olhos ávidos daqueles homens. Para disfarçar seu mal-estar, olhou severamente para Thompson. O homem mais jovem moveu-se inquieto, ajeitando a gravata.

— Que história é essa? Nunca soubemos que Sam deixasse sua vida particular interferir na empresa.

Emily subitamente começou a servir água e tornar a encher as xícaras de café, com um sorriso frio na expressão sóbria, que o fez sentir-se como se os índios cercassem seu acampamento para um ataque mortal. Ou seriam as aves de rapina espreitando a presa moribunda?

Num tom seco, foi obrigado a explicar a aposta rapidamente, ignorando o olhar especulativo da secretária.

— Que armadilha infernal! — Ike Ramsey comentou.

— Essa é boa! — um outro disse, rindo.

— Não espanta que você esteja com uma aparência tão abatida ultimamente, Sam. Exausto como o diabo.

Emily, sem querer, derramou café na mão do homem, que gritou. Com um falso pedido de desculpas, ela limitou-se a limpar a mesa.

Quando Sam ergueu-se e tirou o paletó, começando a enrolar as mangas da camisa, os diretores se aprumaram, os sorrisos morrendo em seus rostos. Voltando as costas, ele fitou a névoa e a garoa que envolviam o edifício da Brice, sem ligar para os súbitos comentários abafados atrás de si.

Virando-se lentamente, Sam fitou cada membro com um olhar duro.

— A Brice sempre deu guarida a idéias inovadoras. Pensem em mim como um projeto-piloto — ordenou-lhes.

Max Dragonski bateu seu charuto no cinzeiro, fixando os olhos na camisa de Sam.

— Assuntos particulares e da empresa são coisas diferentes. Concordo com os outros. Não me sinto bem quando se misturam.

Confiando nos instintos que sempre o haviam servido tão bem, Sam tornou a olhar pela janela, delineando uma idéia em silêncio. Depois, virou-se, passando a mão pelo queixo. Sabia exatamente como usar sua estatura e o olhar para dominar seus opositores.

Não permitiria que ninguém menosprezasse Dallas.

Observando-os, pôs as mãos na mesa, apoiando-se.

— Apreciaria a cooperação de todos nesse assunto. Emily, gostaria que marcasse uma data conveniente a todos e consultasse a srta. Pendragon para saber se ela está disponível. Cavalheiros, estão convidados a conhecê-la. Tenho certeza de que ela ficará feliz em responder a qualquer pergunta. Sugiro que se mantenham nos assuntos de negócios. — Depois de uma pausa, ignorando o sorriso satisfeito de Emily, concluiu: — Qualquer um que tenha algum problema quanto ao meu atual lugar de residência, terei satisfação de encontrá-lo em meu ginásio particular depois da reunião.

Emily surgiu novamente pela porta entreaberta e sorriu, mostrando os dentes.

— Sr. Loring, por coincidência a srta. Pendragon está aqui fora. Tenho certeza de que não se importaria em esclarecer qualquer dúvida da diretoria agora.

Conhecendo a persistência de sua secretária, Sam assentiu com um gesto de cabeça.

— Senhores — disse, um momento depois, enquanto Dallas, vestida com um tailleur azul-marinho entrava —, esta é a nossa srta. Pendragon.

Observando-a com atenção, ele notou a breve expressão de desagrado que lhe passou pelo rosto. Ela não queria ser de ninguém. Esse pensamento o irritou. Nunca quisera tanto possuir uma mulher, envolver-se em seu calor, protegê-la. Agora, que a desejava tanto, magoava-o saber que Dallas o queria tanto quanto a um cachorro cheio de pulgas.

Enquanto lhe apresentava os membros da diretoria, Sam lançou-lhe um breve olhar. Dallas o fitou com o cenho franzido e, depois, olhou significativamente para a camisa dele. Não entendia por que todos estavam tão fascinados por aquela camisa.

— Sam — ela disse, num tom de advertência, o olhar penetrante, a boca apertada.

— Os cavalheiros gostariam de lhe fazer algumas perguntas. Poderia responder-lhes agora?

— Sam — Dallas repetiu quase como uma ordem, tornando a olhar para o ombro forte.

— Ah, srta. Pendragon. Sobre essa questão da creche... — um dos diretores começou.

— O investimento que a empresa teria de fazer — ela explicou — não seria grande e retornaria com a diminuição das faltas, quando uma criança fica doente. A mãe trabalharia mais tranqüila, e produziria mais, pois poderia ir ver a criança durante o intervalo do café e na hora do almoço.

Tornando a olhar para o ombro de Sam, Dallas fez com que ele se sentasse e, andando ao redor da mesa com seus passos largos e ágeis, dominou com habilidade a reunião e combinou outra para uma apresentação formal do plano.

Observando-a responder à bateria de perguntas sem se atrapalhar, Sam percebeu que ela era uma boa debatedora, sabendo quando era hora de ser objetiva ou lançar um desafio. Distraído, ficou imaginando se Dallas estaria usando as calcinhas de violetas ou aquelas com o dia da semana estampado.

— A senhorita não está achando que vai conseguir privilégios especiais por causa de seu relacionamento com Sam, não é? — Brent Pennington, um dos membros mais jovens, perguntou. — Ele nunca permitiu que coisa alguma interferisse na política da

empresa antes...

— Brent... — Sam voltou à realidade, batendo com os dedos cerrados na mesa, advertindo-o.

Dallas deu um rápido sorriso para ele, impedindo-o de massacrar aquele fedelho. Continuou a entrevista, expondo suas teorias e prometendo dados estatísticos. Depois, sem se demorar, desculpou-se e saiu, deixando a diretoria à vontade para discutir sem a sua presença.

— Ela é muito inteligente. Pensa rápido, também — Swearingen a elogiou ao deixar a sala, mais tarde. Sorriu para Sam, olhando para a camisa cheia de vincos. — É melhor agarrá-la logo. Se eu fosse alguns anos mais jovem...

— Sam, acho que está se saindo muito bem — Emily observou, quando todos haviam partido. — Só que deve aprender a usar amaciante quando lavar a roupa.

Distraído, perturbado pela profundidade de seus sentimentos de proteção em relação a Dallas, ele a fitou espantado.

— Que diabo tem uma lavagem de roupas com uma reunião de negócios?

Emily puxou um pano rosa das costas de Sam e deixou-o cair com um sorriso sobre os papéis diante dele.

— O amaciante não deixa que as roupas grudem. — Apontando para a frente bastante amassada da camisa, acrescentou: — Tire as roupas da secadora o mais rápido possível e dobre-as ou pendure-as. Não se preocupe com Pennington. Eu controlo a mesa telefônica e, até que ele aprenda a se comportar, acho que as ligações dele vão demorar algum tempo para serem completadas. Segunda-feira vou lhe trazer algumas receitas boas, fáceis e baratas. Lembre-se, lave toda a roupa e faça a maior parte das compras no fim de semana. Reserve a noite de domingo para relaxar... Tenha um bom fim de semana.

Sam mal a ouviu sair ao pegar as práticas calcinhas de algodão, amassando-as dentro da mão. Com a estampa "Segunda-feira", eram aquelas que ela usara quando estivera na sala dele. Enfiou-as no bolso da calça, junto com um minúsculo caminhar de Billy, e rezou para poder economizar o suficiente a fim de contratar uma babá.

Na outra sexta-feira, Sam sentia-se tenso como um elástico esticado, pronto a romper-se entre seus deveres no escritório e em casa. Se tivesse de admitir a verdade, teria de confessar que preferia os serviços de casa, pois permitiam-lhe aquecer-se na acolhedora alegria do lar dos Pendragon.

Mal tinha se instalado para estudar alguns relatórios, a voz aguda e urgente de Emily o interrompeu ao interfone:

— Billy está doente. A babá não conseguiu falar com a srta. Pendragon. No escritório dela, informaram que está numa viagem de duas horas para dar uma aula e não pode ser contactada.

— Eu irei. Cancele todos os meus compromissos — Sam ordenou, lembrando-se dos olhos chorosos do menino naquela manhã.

— Morrison e Forbes devem vir à uma, para a conferência. Não vão querer falar com ninguém mais além de você.

— Aqueles... — Sam cerrou os dentes e começou a jogar os papéis na pasta. — Emily, o garoto está doente. Telefone assim que verificar o que está acontecendo — ele disse-lhe, ao passar apressado a caminho do estacionamento.

Estava preocupado demais com Billy para notar o sorriso suave e satisfeito de sua secretária.

O menino estava quente e mole nos braços dele, quando o carregou para casa. A babá tinha dito que a febre já baixara e que não seria necessário levá-lo ao médico. Sam duvidava de sua competência, mas o garoto só queria ficar no colo, aninhando-se em seu ombro.

Depois de uma hora, Sam conseguira vestir-lhe o pijama de Super-Homem, dar-lhe

um suco de laranja e sentar-se no sofá. Segurando o menininho, o cobertor, dois caminhõezinhos e Baghddad no colo, Sam nunca se sentira tão desamparado em toda a sua vida. Já passara por momentos difíceis, mas sabia que nunca se preocupara tanto como agora, enquanto segurava a criança doente.

— Quero macarrão e queijo — Billy murmurou.

— Ainda não é hora do almoço, Billy. O que acha...

— Quero macarrão e queijo — o menino insistiu.

O telefone tocou e Sam estendeu a mão para atendê-lo, abafando uma praga. O garoto estava doente. Será que o resto do mundo não entendia que ele não conseguiria lidar com a criança, macarrões e o que quer que a pessoa do outro lado da linha quisesse.

— Como está Billy? — Emily perguntou, num tom sussurrado.

— Olhe, Emily, estou muito ocupado aqui. Ai! — Sam soltou as garras de Baghddad de sua coxa.

— Sr. Loring? Lisa Pendragon ligou. — Emily disfarçou um som que poderia ser uma risadinha. — Vai pegar Nikki e levá-la para casa. Parece que a menina não está se sentindo bem.

Sabendo que a ajuda estava a caminho, ele soltou um suspiro de alívio.

— Ma... macarrão... agora — Billy murmurou, sentando-se em seguida e, curvando-se, esvaziou o estômago sobre os pés de Sam.

— Ligo mais tarde. Acho que posso aguentar até que Lisa chegue — Sam disse, segurando o menino com todo o cuidado com uma mão, enquanto estendia os pés e fazia uma careta.

— Sam! Não desligue! — A voz imperiosa de Emily o impediu de largar o fone.

— O que é?

— Lisa Pendragon também disse que precisa pegar um avião em seguida. Vai só deixar Nikki aí. Sabe que você consegue cuidar das crianças doentes com competência.

Sam sentiu-se mal também. Agora sabia como se sentia o Zorro, o Cavaleiro Solitário, sem Tonto. Ou o capitão do Titanic.

— Tudo bem — ele concordou fracamente e desligou. Depois de limpar o menino e a si mesmo, Sam o instalou outra vez no sofá. Enquanto fazia outro suco de laranja, Lisa chegou com Nikki, beijou-o no rosto e partiu em seu carro esporte vermelho.

Quando conseguiu instalar a menina confortavelmente do outro lado do sofá, Nikki o estava observando com olhos enormes e assustados.

— Quero mamãe. Quero macarrão e queijo — Billy exigia num tom magoadado, como se Sam estivesse negligenciando seus deveres.

À uma hora, Sam estava exausto. Parecia que um tornado havia passado pela casa, e o telefone tocou de novo.

— Como estão as crianças, sr. Loring? — Emily perguntou.

— Dormindo — ele sussurrou, tirando duas bonecas e três pequenos carrinhos do sofá. — O que há?

— Morrison e Forbes estão no seu escritório agora. Concordaram com uma conferência por telefone. Será que consegue?

Erguendo os olhos para o céu, Sam concordou. Sentado no chão, com a pasta aberta diante de si, conduziu toda uma negociação de um contrato em sussurros.

Durante algum tempo, entre duas e três horas, depois de dar suco a Nikki e contar história a Billy, conseguiu cochilar estendido no chão. Estava preocupado e... exausto.

O telefone tocou e ele o agarrou no mesmo instante.

— Sam? — Dallas perguntou com voz doce. — Acabei de receber o recado, mas Emily disse que você tinha tudo sob controle. Sinto muito não ter estado aí, mas estarei de volta o mais rápido possível. Obrigada.

— As crianças estão bem agora. Já melhoraram. Os dois estão dormindo e a febre

passou. Como a babá disse, é uma coisa passageira.

— Tenho uma amiga que me socorre em ocasiões como esta. Se precisa voltar ao escritório, posso chamá-la.

— Nem sonhando. Tudo está sob controle — Sam sussurrou, olhando ao redor. Se se apressasse, poderia limpar e arrumar tudo antes que ela chegasse e fazer com que o dia todo parecesse como um passeio no parque.

Uns dez minutos depois, quando estava começando a cochilar outra vez, alguém bateu na porta. Era Emily, com alguns papéis que precisavam ser assinados naquele dia.

Sam rabiscou sua assinatura e limpou uma migalha de biscoito. Antes que pudesse pedir-lhe ajuda para limpar, ela desvaneceu-se com um sorriso.

Depois de duas horas de trabalho frenético, Sam conseguiu limpar a casa, lavar toda aquela roupa suja e dar sanduíches de manteiga de amendoim para as crianças, depois de ler uma história.

Quando Dallas chegou, abrindo a porta de mansinho, Sam cochilava no chão. Ao curvar-se sobre ele e alisar-lhe os cabelos, Sam piscou.

— Pobrezinho — ela disse na voz doce e baixa que ele adorava ouvir.

Piscou outra vez, tentando parecer como se toda aquela experiência fosse algo com que estivesse habituado. Mas perdera o dia todo de trabalho e tinha relatórios para estudar a respeito de um contrato que adiara para a manhã seguinte.

— Oi, mamãe — Billy disse alegremente. — Fiquei doente, mas Sam tomou conta de mim e agora estou ótimo. Quer brincar, Sam? — Ele pisou sobre o corpo estendido dele para abraçar a mãe.

— Mamãe! — Nikki exclamou, evidentemente já recuperada. — O que está errado com Sam? Por que está deitado aí no carpete olhando para o teto desse jeito?

CAPÍTULO VII

Na segunda-feira de manhã, Sam jogou a pasta sobre a mesa, cansado e irritado. Dallas passara quase todo o fim de semana trabalhando, no escritório ou em seu quarto. Pela primeira vez em seus dez anos na Brice, infringia diversas regras que ele mesmo impusera. Fora obrigado a usar calças jeans e um pulôver, pois todos os seus ternos estavam manchados do óleo de Bertha. Passou a mão pelos cabelos, sentindo-os compridos demais. Não tinha dinheiro para o tintureiro ou o barbeiro. Para piorar as coisas, Nikki esquecera sua boneca favorita e Billy tivera de ir outra vez ao banheiro, e o zíper emperrara, fazendo-o chegar tarde.

Estendeu as pernas para ver se as meias estavam aparecendo. Além de manchadas, não conseguira achar os pares certos.

Por sorte, Dallas devia estar acumulando suas roupas sujas, pois duvidava que conseguiria lavá-las sem um desequilíbrio hormonal. Só de pensar nas calcinhas bordadas, não conseguira examinar um relatório de marketing para janeiro.

Esfregando a mão no queixo, Sam admitiu para si mesmo que bancar o pai adotivo e dono de casa não era tão fácil como parecera à primeira vista.

Nunca quisera ter filhos, mas sentiria falta de Nikki e Billy. Seus Natais passados pareciam agora frios sem o amor e o excitamento das crianças. Além do mais, as crianças só queriam estar ao lado dele.

Nunca em sua vida alguém o quisera por si mesmo. Sempre havia algo a dar em troca: trabalho, dinheiro ou presentes. E ele dera e tomara, sem remorsos ou ligações duradouras.

Esfregou as mãos tentando espantar o frio que parecia se infiltrar em sua vida. Viver com Dallas não era fácil. Seu perfume pairava sobre toda a casa e o som de sua risada tornava a respiração difícil. As lembranças daqueles pequenos gemidos ansiosos, da expressão excitada e sensual, do corpo macio erguendo-se ao encontro de suas carícias não o deixavam dormir.

Na sua idade, não queria mais compromissos, muito menos um relacionamento, ainda mais com a mulher que era sua inimiga nos negócios, propondo idéias malucas sobre stress.

Mas seriam mesmo malucas? Ficou pensando na tensão que sentia tentando conciliar sua nova vida em casa com o trabalho. Nunca percebera o descontentamento de seus funcionários antes. Estivera sempre muito ocupado, tentando manter a Brice no topo, preocupado com a produção. Naturalmente, ele se importava, mas nunca tivera a mínima idéia...

Assim como Dallas nunca percebera a própria sensualidade. Era o sonho vivo de qualquer homem: uma dama em público e ardente na cama.

Não podia sequer pensar se ela iria se entregar àquele arremedo de surfista, Mullens. Ou se o delicado Beau experimentaria aqueles lábios macios.

Olhou pela janela, para a neblina envolvente, e as luzes dos enfeites piscando o fizeram lembrar que o Natal seria naquela semana. As crianças estavam excitadas e ele tinha os bolsos vazios.

Por alguma razão na qual não queria pensar naquele momento, desejava dar a Dallas algo especial, como uma parte de si mesmo.

Quando, em sua vida, quisera dividir-se com alguém? Quando se deixara envolver pelo calor de um lar verdadeiro, sentir crianças aninhando-se contra ele, depois de uma ótima caçada de ursos...

Sentiu o cheiro de café, uma extravagância que não podia se permitir, e virou-se para ver Emily entrando com uma xícara cheirosa e fumegante.

— Obrigado — murmurou com humildade, deliciando-se com o aroma e

envolvendo a xícara nas mãos.

Enquanto ele saboreava o café, a secretária apoiou na mesa uma pasta com um monte de papéis de diferentes formatos.

— São receitas mandadas pelas outras funcionárias. Estão adorando sua experiência como mãe provisória, sabe. Uma delas disse que você está ficando quase humano. Ainda mais quando está sonhando com a srta. Pendragon. Aham que deveria convidá-la para sair, talvez um jantar admirando a vista da baía.

— Com quê? — Sam argumentou, enquanto saboreava pequenos goles de café.

— Isso limita as pessoas, não? — ela perguntou, animada. — Não se esqueça, estamos esperando seu presente para a festa do escritório e o donativo para a caridade, assim como de todo mundo. Não posso preencher seu cheque, mas posso pedir ao Departamento de Contabilidade para preparar os bônus de Natal, se quiser. Oh, e a srta. Pendragon estará aqui às dez. Precisa de sua aprovação em algumas questões para que possa prosseguir. O sr. Mullens, aquele homem adorável, virá junto.

Emily percebeu a expressão de Sam e piscou. Antes de sair da sala, acrescentou:

— Lisa telefonou. Ela e Edward Swearingen tem saído juntos e vão levar as crianças para o chalé dele no Passo Snoqualmie no fim de semana, para andar de trenó e assar marshmallow. A srta. Pendragon e você terão de se arranjar sozinhos.

Sozinhos. Ao ouvir aquilo, Sam quase engasgou. Dallas seria só dele. Sem as crianças, sem Lisa. Não entendia por que se sentia tão leve.

Entre ligações e ditados de cartas, ficou fazendo planos... jantar à luz de velas comendo Crab Louie, a famosa salada de frutos do mar de Seattle. Ou talvez a levasse para dançar à beira-mar. Aí, lembrou-se da soma em sua carteira e ficou imaginando se Emily não conhecia alguma receita romântica e barata.

Quando Dallas chegou, foi logo abrindo sobre a mesa dele a planta do primeiro andar.

— Este seria o melhor lugar para o creche, pois os pais poderiam deixar as crianças ao chegar e apanhá-las na saída com facilidade. E aqui faríamos as instalações para o ginásio e os chuveiros. Naturalmente, se preferir outro local, poderemos fazer estimativas, não, Cari?

Ela ergueu a vista para descobrir os dois homens encarando-se como gatos de rua arrepiados, enfrentando-se por causa de direitos territoriais. Com seu suéter de esqui e o jeans amassado, Sam era muito mais atraente do que o elegante Cari Mullens.

— Ah... Cari, você se importaria de continuar com o trabalho lá embaixo sozinho?

— Dallas o segurou pelo braço, percebendo Sam retesar-se ao seu lado.

— Claro que não, querida — o arquiteto murmurou, lançando um olhar duro para o rival ao sair.

— Claro, querida — Sam arremedou com os dentes cerrados observando o vestido de seda chemisier, azulão com listrinhas brancas. — Ele é mesmo bom?

Algo despertou dentro dela ao ver os olhos de Sam demorando-se sobre sua boca. Parecia tão sombrio que não resistiu a provocá-lo um pouco:

— Bom em quê?

— Já lhe mostro — ele retrucou, naquele arrastado falar sulista, tirando os óculos e segurando-a.

Dallas recuou e, por um momento, ficaram se olhando. Sam parecia tão delicioso, másculo, sexy, pecaminoso. Havia algo primitivo nele, como se a quisesse mais do que tudo na vida. Baixando as pálpebras, ela sentiu o rosto quente.

— Você está chorando, Senhora Executiva do Ano. — Sam sorria com ternura, obrigando-a a erguer o queixo.

Ao sentir os lábios firmes sobre seu rosto, Dallas não conseguiu resistir.

— Está usando sua calcinha marcada Segunda-feira, srta. Pendragon? — ele a provocou, no seu sotaque mais sexy.

O intercomunicador soou e Sam apertou o botão, claramente irritado com a interrupção.

— O que há?

— Ligação de Nikki e Billy na linha dois — Emily disse com voz doce.

Fitando os olhos preocupados de Dallas, ele atendeu.

— Alô, seus bárbaros caçadores de ursos — falou, enquanto observava o olhar preocupado de Dallas. — Sei, Nikki. Tem razão, sua boneca precisa de um berço maior, um que balance. Certo, Billy, iremos ao shopping ver o Papai Noel. Sim, tenho um presente para sua mãe.

Sorrindo, Sam segurou a mão dela, acariciando-a com o polegar enquanto ouvia as crianças com atenção.

Dallas ficou imóvel, absorvendo a força e a gentileza da mesma mão que dirigia a poderosa Brice e vestia com todo o cuidado as bonecas de Nikki. De repente, o polegar parou e ele franziu as sobrancelhas.

— Obrigado — Sam disse baixinho, com voz embargada. — Será a mais bonita que já tive. Quando formos para casa, vamos parar no caminho e tomarmos sorvete para celebrar, está bem? Querem falar com sua mãe? Ela está bem aqui...

O grande e duro Sam Loring passou-lhe o fone, deixando-se cair numa cadeira, olhando para o vazio. Depois de saber que a babá queria uma esponja nova de presente de Natal, Dallas despediu-se das crianças e desligou.

— Sam, o que aconteceu?

Ele a olhou por um momento, sem expressão, deixando-a ver um suspeito brilho em seus cílios antes de baixar a cabeça para as plantas. Percebendo-o tão tenso, Dallas começou a massagear os músculos do ombro e do pescoço. A mão forte segurou a sua e levou-a aos lábios, beijando a palma macia com devoção, parecendo completamente desamparado.

— Billy acabou de me chamar de papai — Sam conseguiu dizer por fim, respirando fundo. — Papai. E os dois estão fazendo uma meia de Natal para mim. Deus, tenho quarenta e seis anos e...

— Não deixe que isso o abale, grandalhão — Dallas brincou, alisando-lhe os cabelos com carinho. Avisara as crianças diversas vezes que não o chamassem assim, mas, aparentemente, Billy deixara-se levar pela excitação do momento.

Dallas acariciava-lhe os cabelos curtos, apreciando a novidade de poder consolar alguém que, quase sempre, parecia tão duro e frio. Mas ele parecia tão vulnerável que ela se assustou, pois temia envolver-se de novo com Sam.

Pegou a bolsa enorme que usava e tirou de dentro um saquinho de papel e uma garrafa térmica, pondo-os sobre a mesa.

— Trouxe um presente para você. Pela maneira como está comendo no jantar, sei que não tem almoçado. Pensei que isso poderia ajudar.

Por um momento, Sam olhou para o sanduíche farto e sentiu o cheiro saboroso da sopa de frutos do mar exalando da garrafa, com expressão atônita. Depois, engoliu em seco.

— É bondade sua — disse, com toda a cerimônia. Engoliu em seco outra vez, concluindo com voz rouca: — Acho que faz mais de quinze anos que não como de marmitta. Obrigado.

Ele parecia tão emocionado que Dallas não pôde evitar de curvar-se e beijar o rosto forte. Depois, a boca firme voltou-se encontrando seus lábios macios, provando-os, acariciando-os.

Atraída por aqueles movimentos delicados, Dallas descobriu-se apoiada contra o corpo másculo.

— Senti sua falta, doçura — Sam murmurou com os lábios em seu rosto, puxando-a para o colo. — Venha cá.

— Não mexa comigo, Sam. Não estou disposta a nada. — Ela apoiou a mão no peito musculoso, observando a expressão terna no rosto sempre tão frio. Com um dedo, acariciou de leve um corte novo da lâmina de barbear.

— E o que a faz pensar que eu estou? — Ele sorriu, beijando-lhe a ponta do dedo.

— Você não é o que quero — ela objetou fracamente, imaginando por que se sentia tão segura em seus braços, por que aqueles olhos eram tão ternos.

— Não sinto algo tão forte por ninguém há anos — Sam confessou quase para si mesmo.

— Então, não sinta por mim — Dallas retrucou, erguendo os lábios para os dele.

Quando a língua exigente acariciou-a de leve nos cantos da boca, ela esqueceu-se de resistir, entregando-se, puxando-o para si, precisando do calor e da força dele a envolvê-la.

Colando seu corpo ao dele, esqueceu-se de tudo, sentindo os tambores selvagens dentro de si, provocados pelos lábios másculos e tão ternos. Explorou-os, sentindo a respiração dele acelerar-se, a boca firme estremecendo com seu beijo, o perfume envolvente fazendo-a pensar em promessas ternas e quentes noites sulistas enfeitadas por magnólias.

Adorava o modo como ele reagia, o calor corando-lhe o rosto, os olhos cinzentos mais profundos e misteriosos, as mãos tremendo em sua cintura. Queria senti-las sobre sua pele macia, acariciando, explorando-a, excitando-a.

Deliciada como nunca se sentira antes, Dallas abriu os botões da camisa manchada e amassada, mas limpa, e acariciou o peito maravilhoso. Envolvendo-o entre os braços delicados, puxou-o para si, beijando-o.

Ofegando, Sam a apertou, as mãos enormes aquecendo-a, deslizando pelas costas, os quadris, as pernas. Moviam-se devagar, enquanto os tambores dentro dela batiam frenéticos.

— Sam, querido — Dallas murmurou com voz rouca, movendo-se e aconchegando-se no colo confortável.

— Ai! — ele gemeu e, erguendo-a com facilidade, tirou de um bolso um carrinho e um vestido de boneca, apoiando-se com cuidado na mesa. Depois, sorriu com o ar de um garoto diante de um sorvete duplo de chocolate e perguntou: — Onde estávamos?

Dallas lutou contra o calor que corria em suas veias. Com os cabelos despenteados pelos dedos dela, os olhos escuros, pecaminosos e satisfeitos, Sam era viril demais, atraente demais...

O lábio dele estava cortado e ela o fitou, espantada.

Mantendo-se imóvel sob o corpo leve, Sam a observava com muita atenção.

— Você me mordeu, doçura — ele murmurou, num tom rouco e profundo que a fez lembrar-se de um cobertor sob as estrelas, perto de um lago, flores perfumadas e o som de grilos. — E chamou-me de Sam querido. Fez maravilhas para o meu ego.

— Eu? — Dallas conseguiu dizer com voz estrangulada, os olhos arregalados, tentando igualar-se em humor a ele.

— Você — Sam beijou a boca sensível. Depois, sorriu, olhando para seu próprio peito nu e as roupas perfeitamente arrumadas dela, murmurando com seu sotaque sulista mais sensual: — Desculpe tirar vantagem desse jeito. Mas não pude me controlar.

Durante toda a semana, Dallas lutou com estimativas de custos, planejamento, falta de sono devido ao barulho das ferramentas de Sam no porão e... aquele beijo tão doce.

Acordava durante a noite, enrolada nos lençóis, frustrada com a promessa vazia de seus sonhos, quando o tambor selvagem dentro de si ressoava por todo o corpo.

Todas as manhãs, Sam fazia o café vestindo somente a calça larga de pijama, cheia de manchas coloridas. Fazia-a pensar como seria fácil soltar o nó frouxo na

cintura...

Mesmo com seus repetidos avisos, Nikki e Billy às vezes chamavam aquele usurpador de papai, fazendo com que Sam reagisse de um modo adorável.

Assim como quando ela lhe entregava seu almoço. Ele o segurava com apreciação e cuidado, como se fosse um presente valioso.

Na sexta-feira, Dallas marcou um encontro com Beau. Precisava desesperadamente de um beijo para comparar com o de Sam. Quando saíram, Sam aparentava bom humor, batendo nas costas de Beau, recomendando que se divertissem e avisando que não os esperaria acordado.

Sem precisar pensar no sono das crianças, Sam passou a noite martelando, serrando e lixando, mantendo-a acordada para refletir por que os beijos de T.J. nunca a haviam levado a desejar arrancar-lhe as roupas.

Puxando os lençóis sobre a cabeça, tentou ignorar a perturbadora criatura no seu porão. Não podia confiar nele. Estava só esperando uma oportunidade para estragar seus planos, para aproveitar-se da atração que ela sentia. Depois, espalharia ao mundo seu fracasso como profissional e como mulher.

Ela era um fracasso na cama. T.J. lhe dissera isso milhares de vezes. Por que não se mantivera a salvo? Por que aceitara o plano maluco de Lisa, deixando que a raposa entrasse no galinheiro?

A serra soava estridente no porão. Ele estava fazendo de propósito. Não a deixava dormir, pois, com os sentidos embotados pela falta de sono, não conseguiria apresentar um plano decente.

Mas não a impediria de apresentar a melhor proposta que o mundo comercial de Seattle jamais vira. Sentando-se na cama, Dallas acendeu a luz e pegou sua pasta, mergulhando no trabalho.

No sábado de manhã. Dallas acordou com o barulho do martelo no porão. Arrastou-se para o chuveiro, enfiou uma calça de brim e uma camiseta e foi para o escritório. Se aproveitasse bem o fim de semana, conseguiria adiantar os planos e poderia aproveitar melhor o Natal com sua família.

Mas, durante o dia, freqüentemente surpreendia-se pensando em Sam. Era difícil encontrar um homem tão despido de vaidades, ao contrário de T.J. Seu pescoço parecia afundar no corpo forte quando estava zangado. Suas mãos enormes e cheias de cicatrizes eram gentis quando vestiam as bonecas de Nikki, quentes e seguras quando a acariciavam...

Dallas estremeceu e fechou os olhos. Era tudo culpa dessa época de festas ou, talvez, da meia-idade chegando. No meio da tarde, uma de suas assistentes, Sybil, apareceu para ajudar, com uma garrafa térmica de chá, mencionando vagamente algo sobre rum.

Às cinco horas, Dallas desligou o computador. Exausta, admitiu que não fizera progressos na última hora. Como executiva, reconhecia o problema e sabia que teria de solucioná-lo.

Enquanto dirigia pelas ruas úmidas e geladas, imaginou um jeito de livrar-se da presença de Sam. Modificaria as exigências da aposta quanto ao modo de vida dele, permitindo que voltasse para a sua cobertura. Sam, obviamente, não perderia a oportunidade de livrar-se de todo aquele trabalho e ela teria espaço para silenciar o tambor selvagem que batia dentro de seu corpo quando via aquelas covinhas e ouvia-o falar arrastado e sensual.

Sentindo-se confiante pela primeira vez naquelas semanas, subiu os degraus e abriu a porta exultante.

Sentado no meio da sala, cercado de papéis de presente, Sam a olhou, zangado. Os cabelos estavam cheios de serragem. Vestia uma camiseta velha, com um furo que deixava à mostra um mamilo cercado de pêlos escuros, um shorts largo e meias

desparelhadas e manchadas.

Enquanto o observava, o cheiro de espaguete e alho misturado com folha de pinheiro envolveu-a.

— Você disse que avisaria quando saísse do escritório. Eu ia limpar tudo e fazer o jantar. Macarrão. Bárbara, da Contabilidade, me deu a receita do molho — ele resmungou, tentando livrar os dedos da fita adesiva.

Dallas concordou distraída, procurando ignorar as batidas de seu coração. Notou a coroa de mirto bem sobre a cabeça dele e desejou seguir o costume que permitia beijar quem estivesse ali.

— É Natal. Suma daqui — Sam resmungou como um urso irritado, esfregando o rosto no ombro para tirar um minúsculo Papai Noel de papel.

Ele merecia um pouco de irritação por ficar se intrometendo na tela do computador durante toda a tarde. Assim, Dallas chutou longe os sapatos baixos, jogou o paletó numa almofada e acomodou-se no sofá, espreguiçando-se languidamente, sentindo-se aquecida e confortável.

— Nikki vai adorar esse bercinho — ela apreciou o brinquedo, decorado com corações. Ao lado, havia uma caixa de madeira, com um fecho de couro e o nome de Billy gravado. — Billy está precisando de uma caixa de brinquedos.

— É uma caixa para coisas especiais. Tem compartimentos e gavetas para brinquedos pequenos. Todo menino precisa de uma — Sam informou-a. — Pensei ter dito para você ir embora. Volte para o escritório e telefone para mim depois. Dirija com cuidado, as ruas estão escorregadias.

— Não está querendo me dar ordens, não é? — ela caçoou, observando a expressão severa e as sobrelanceiras grossas e cerradas. — Você é um prisioneiro da fita adesiva. Só estou imaginando se o grande executivo Sam Loring sente cócegas.

— Não sei o que está acontecendo com você. — Os olhos cinzentos a fitaram, tempestuosos. — Mas, se me tocar, Dallas Pendragon, não serei responsável.

— Está cansado de tanto serrar e martelar a noite toda? — Dallas ajoelhou-se ao lado dele, olhando-o como se fosse seu presente especial de Natal.

— Cansado o bastante para saber que estamos sozinhos nesta casa pela primeira vez. Cansado o bastante para saber que, se não controlar esses seus impulsos de me atormentar, posso fazer algo imprudente. E tenho sido um perfeito cavalheiro até agora — ele murmurou, achando a ponta da fita adesiva com os dentes e soltando-a. — Tenho o corpo dolorido como prova.

— Oh, sim? — Dallas perguntou, intoxicada com o sufocante poder erótico que nunca experimentara. A idéia de ter Sam, desamparado e sensual, ao alcance de seus dedos, subia-lhe à cabeça como um coquetel de rum.

Exceto por esta tarde, no chá, nunca tomava nada com rum. Uma vez, depois de um único drinque, dançara flamenco sobre uma mesa. Com as luzes da árvore piscando atrás deles, pôs os braços ao redor do pescoço forte, enquanto ele a observava com cautela.

— O que está pretendendo?

— Confie em mim — ela murmurou, erguendo os olhos para a coroa de mirto.

Tocando os lábios firmes com os seus, Dallas apoiou o corpo contra os músculos fortes, desequilibrando-o e fazendo-o cair de costas sobre os papéis farfalhantes.

— Não sou assim fácil — ele protestou.

Mas Dallas só ouvia o pulsar situado dentro de si e cobriu-o com o corpo delicado. Nunca sentira tanto desejo de que a tocassem. A meia-idade era como um buraco profundo, frio e escuro a sua frente. Queria uma lembrança que a aquecesse naquele abismo. Queria o calor de Sam insinuando-se em seu corpo.

O relacionamento com T. J. destruíra seus sonhos, os beijos de Douglas não a afetavam e Beau nem sequer sabia beijar. Mas Sam sabia como fazê-la sentir-se

desejada, como uma mulher muito sensual e desejável.

Quando ele partisse, enfrentaria a dor. Mais tarde. Mas, por ora...

Beijou-o no canto da boca, sentindo a barba crescida provocar uma nova onda de desejo dentro de si. Acariciou o rosto magro, confortando-o. Queria aliviar a solidão e o sofrimento dele, compartilhando-os. Devagar, traçava as feições másculas com a ponta dos dedos, seguindo aquela trilha com os lábios.

Sam conseguira livrar as mãos e a tocava, segurando-a, movendo-a embaixo dele, mantendo o peso de seu corpo afastado. Acariciou-lhe o rosto suave com dedos trêmulos, afastando os cabelos sedosos da testa.

— Não provoque o cozinheiro — ele murmurou baixinho, fitando-a com ternura.

Mantendo seus olhos nos dele, Dallas deixou seus dedos deslizarem, explorando o corpo musculoso, até encontrarem o furo da camiseta. Quando começou a brincar com o pequeno mamilo protuberante, Sam enrijeceu-se sobre ela.

— Você está pedindo por isso, doçura — ameaçou-a com aquele sotaque arrastado de sulista, reforçado pelas covinhas.

— Oh, Sam — ela murmurou ao senti-lo afastar-se. — Oh, Sam — repetiu com voz incerta quando ele a ergueu e a carregou para o quarto.

CAPÍTULO VIII

— Sam... — Dallas murmurou outra vez, quando ele a depositou gentilmente na cama.

Envolto nas sombras do quarto, Sam ficou parado por um longo momento, fitando-a, com as mãos na cintura. Depois, abanou a cabeça e saiu, fechando a porta atrás de si.

Sozinha no escuro, Dallas sentia as lágrimas escorrerem pelo rosto, sem, contudo, aliviarem a dor e a frustração que dominavam seu corpo. Ouviu o chuveiro abrir-se e precisou reunir todas as suas forças para tirar a roupa e vestir a camisola de flanela.

Gelada, enfiou-se entre os lençóis com estampas de botões de rosas e, encolhendo-se de lado, cobriu-se bem com o acolchoado numa tentativa vã de aquecer-se. Sentia-se velha e indesejada. Entre sua carreira agitada e as crianças, conseguira esquecer. Mas sabia por que Sam a deixara sozinha. "Você não é capaz de satisfazer um homem, sua tola", — a voz de T. J. murmurou vinda do passado distante.

De repente, a porta se abriu e a silhueta forte de Sam delineou-se contra a luz do hall, alta e ameaçadora.

Vestido somente com o habitual short, ele entrou, equilibrando uma bandeja com um bule de chá e uma xícara.

— Você está precisando disso — disse baixinho, fechando a porta e cruzando a escuridão.

Apoiou a bandeja na mesinha-de-cabeceira, serviu o chá e entregou-lhe a xícara fumegante.

Dallas bebericou o chá devagar, virando a cabeça para esconder as lágrimas.

— Vá mais para lá — Sam ordenou mansamente, erguendo as cobertas para enfiar-se na cama ao lado dela.

— Fora! — ela gaguejou, com voz incerta, tentando não soluçar. Não o queria envolvido em sua dor secreta, descobrindo sua fraqueza e suas cicatrizes. — Vá embora.

— Nem sonhando, Dallas Pendragon. — A voz profunda era como mel, enquanto ele passava o braço forte ao redor dos ombros delicados e a puxava para si. — Você é um vírus. Quando me mudei para cá, achei que conseguiria lhe dar um pouco do seu próprio veneno. Mas você se infiltrou sob a minha pele e está me deixando louco. Talvez eu esteja precisando de uma vacina para tirá-la de dentro de mim. Se conseguir.

Dallas tentou afastar-se da tentação do corpo quente e forte, sabendo que não suportaria outra rejeição como a do ex-marido. Mas o braço forte a conservou junto a si. Desesperada, imaginou que ele quebraria suas defesas e descobriria tudo, saberia como era incapaz e fria.

Sam, percebendo a tensão que a dominava, procurou acalmá-la, embalando-a e roçando os dedos do pé contra os dela, gelados.

— Gostoso, não? Dois "coroas" aninhados numa cama de colunas, aproveitando que as crianças estão com a avó — ele disse bem-humorado, naquele falar arrastado e melodioso. — Você até está usando uma camisola de flanela.

— Fora — ela repetiu sem convicção, ao sentir os dedos firmes acariciando-a, sabendo que, se ele se fosse, afundaria na solidão fria e miserável.

— Quietinha — Sam murmurou em seu ouvido, tirando-lhe a xícara das mãos. — Está se sentindo melhor? Ou ainda está sob os efeitos do rum?

— Rum? — Dallas tentou fingir-se indignada.

— Querida, senti o cheiro. — Ele a beijou de leve. — E sua mãe me avisou que você fica totalmente desinibida quando toma um simples gole. Agora, quero saber como age sem ele...

Começou a desabotoar a camisola e baixou a cabeça para que os lábios firmes provassem a pele aveludada.

— Sabe o que está fazendo, doçura?

Dallas engoliu em seco, tremendo com o esforço que fazia para resistir à tentação de tocá-lo também. Chegara a hora da verdade e teria de enfrentar as consequências mais tarde.

— Sim, eu sei — sussurrou, ansiosa, sabendo que não conseguiria esconder sua incapacidade.

A boca exigente encontrou os seios macios, beijando-os, apoderando-se dos mamilos, torturando-os com carícias sutis, enquanto as mãos continuavam a desabotoar a camisola até o fim.

— Você me quer, doçura? — a voz profunda e rouca perguntou.

— Sim — ela murmurou, hesitante.

Nunca quisera tanto um homem. Sam a fazia sentir-se doce, graciosa e desejável.

Quando o corpo forte cobriu o seu, Dallas começou a tremer ao descobrir que estava nu. O calor que emanava de Sam a fazia ansiar por mais. Desejava tocá-lo, roçar seu corpo contra o dele, erguer os quadris contra a rigidez...

Cerrando os punhos, resistia à vontade de acariciá-lo: não queria expor sua incapacidade. Os lábios ardentes, os dedos hábeis em sua pele macia a tocavam como fogo, fazendo-a sentir o calor correndo em suas veias, os tambores selvagens batendo frenéticos dentro de si...

Será que eram seus os gemidos que ouvia? E a respiração ofegante e febril tão próxima?

Sam beijou-a no lóbulo sensível da orelha, depois marcou seu rosto com uma trilha de beijos até encontrar a boca macia. As mãos ásperas deslizavam pelo corpo aveludado, como se quisesse imprimi-lo em sua memória.

Dallas fitou o rosto tenso, sentindo o corpo forte estremecer de desejo sobre o seu. Também estava trêmula e ansiosa, mas quando as formas rígidas se comprimiram contra suas coxas, ficou ainda mais excitada e assustada. Sentiu-se contrair, a invasão delicada mas insistente trazendo de volta lembranças assustadoras.

— Faz muito tempo, Sam... Não posso...

Sam beijou o rosto corado, enquanto as mãos deslizavam pelo corpo macio até as pernas longas, obrigando-a, com delicadeza, a abri-las, aprofundando a intimidade.

— Você está tremendo, querida — ele murmurou, fitando-a através das sombras.

— Fora... — ela ordenou com voz fraca, lutando contra as emoções.

— Fora você... — Sam brincou, pousando os lábios sobre os dela num beijo de adoração.

— Eu... eu tenho medo — Dallas sussurrou, o desejo e o peso do corpo forte assustando-a, dissipando a paixão com a lembrança da dor invadindo-a. Desesperada, movia o corpo, tentando recuar e gemendo.

— Dallas, pelo amor de Deus, o que está acontecendo? — Sam perguntou com voz rouca, contendo-se. Com o polegar, enxugou uma lágrima no rosto assustado.

— Sam, eu... você... isto é um erro. — Dallas tremia com a contradição que a dividia, querendo o calor dos braços fortes e temendo as consequências.

— Ao diabo que é! — ele murmurou, afastando-se um pouco.

Quando percebeu que ele se movia como se fosse deixá-la, Dallas viu que havia chegado o momento da decisão: ou deixava-o ir e ficava ali sozinha ou partilhava o calor da paixão com aquele homem gentil e adorável.

Já estivera sozinha, gelada e encolhida enquanto a chuva caía por trás das cortinas de renda. Depois... Bem, depois que Sam descobrisse suas falhas, estaria sozinha outra vez.

Decidindo-se, arqueou os quadris, roçando-os contra o corpo rijo.

— Olhe, Dallas, não brinque comigo. Estou tentando lhe dar um tempo... — Ele ofegou ao sentir as mãos delicadas deslizarem pelo seu peito. — Posso entender... — A

voz morreu-lhe na garganta quando as pernas macias entrelaçaram-se nas suas.

O gemido rouco de paixão mal controlada a excitou, levando-a a acariciar a nuca suada, entrelaçando os dedos nos cabelos grossos. Sam era maravilhoso, másculo, mas gentil, cuidadoso, doce, amoroso e delicioso. Sabia agora que ele nunca a machucaria.

— Venha... — ela puxou o rosto tenso contra o seu. — Venha cá... — repetiu quando seus lábios se tocaram, deslizando as mãos pelas costas largas a fim de puxá-lo para si.

— Dallas... — Sam protestou por causa do medo óbvio que ela demonstrara.

Aquela consideração a fez querê-lo ainda mais. Queria abrir-se para ele, dar-lhe o calor que precisava. Sentia o desejo crescer novamente dentro de si e começou a acariciá-lo, explorando-o, deslizando as mãos pelo corpo forte, até que o tocou em sua masculinidade.

Sam quase saltou em seus braços, tentando controlar-se, enquanto a fitava com um sorriso travesso.

— Cuidado, Dallas Pendragon. Esta não é uma experiência comum para mim também.

— Não? — ela perguntou, repetindo a carícia só para sentir o coração dele disparar contra seu rosto.

— Droga, não. Estive me poupando — ele murmurou roucamente, colando o corpo ao dela, buscando-a, penetrando-a de leve. Ofegante, tentava controlar-se, as mãos agarradas aos travesseiros, o rosto corado.

Dallas acariciava os pêlos do peito forte, torturando os pequenos mamilos, deslizando pelo estômago, para as costas, até os quadris, pressionando-o contra si.

Enquanto Sam permanecia imóvel, ela abraçou-o, erguendo as pernas e prendendo-o contra si. Beijou com sofreguidão os lábios firmes, acariciou a nuca sensível, mordeu de leve os ombros largos.

Moveu os quadris, sentindo-o penetrá-la cada vez mais profundamente, preenchendo o vazio dentro de si. Subitamente, foi dominada por ondas quentes de prazer, que a envolveram num redemoinho de paixão. Surpresa com a intensidade do que sentia, Dallas agarrou-se a Sam, sabendo que ali estaria a salvo.

Dallas respirava de leve, temendo mover-se, envolta no prazer imenso do amor dele. Sam a beijava por todo o corpo, voltando aos bicos dos seios, apreciando-a e excitando-a.

Ela começou a beijá-lo também, sentindo o corpo forte contra seus seios, tomando-o cada vez mais dentro de seu corpo.

Gritou de prazer quando ele a apertou contra si, penetrando-a profundamente, ambos envoltos no redemoinho de paixão que os levou ao êxtase, deslizando por um arco-íris macio e infinito.

Mais tarde, Dallas acordou com a cabeça de Sam descansando sobre seu peito, satisfeito e contente com o calor que os envolvia. Acariciando os cabelos revoltos, ela guardou em sua memória aquele momento precioso.

Erguendo-se nos cotovelos, Sam acariciou o rosto delicado, deslizando a mão pela pele aveludada, num gesto dominador.

Dallas encolheu-se, inquieta, esperando que ele falasse, não querendo ouvir as críticas devastadoras. Não era isso o que T. J. sempre fazia? Imóvel, esperava que ele se afastasse, agora que vira suas incapacidades. Queria que ele ficasse e suas faces queimavam ao lembrar-se do modo desavergonhado como agira.

— Foi muito bom para começar — ele murmurou, os dedos firmes acariciando os mamilos intumescidos. — Venha cá, doçura — Sam chamou, enquanto a mão forte acariciava a pele fina e delicada do interior das coxas. — Deixe-me ouvir aqueles pequenos gemidos famintos que você deu quando fizemos...

— Não... — Ela fingiu resistir por um momento.

— Então, que tal um gritinho deliciado? Ou murmurar meu nome como nunca ouvi antes? — ele perguntou, antes de cobrir a boca macia com a sua.

Muito mais tarde, Dallas aninhou-se contra o corpo delicioso e forte, reconhecendo o prazer que sentira. Sorrindo, acariciou os cabelos curtos que se apoiavam contra seu corpo, lembrando-se de que provocara alguns deliciosos sons nele também.

De madrugada, Sam acordou e mexeu-se com cuidado para não perturbar o corpo macio que se aninhava em seu peito. Virando a cabeça, sentiu o perfume dos cabelos sedosos, o doce aroma de ervilhas-de-cheiro, agora impregnado até em sua própria pele.

Uma mecha de cabelos dourados roçou em sua barba, fazendo com que cerrasse as sobrancelhas. Será que havia tirado vantagem da solidão e de uma momentânea fraqueza dela causada pelo rum? Nunca fizera isso antes. Sempre se envolvera somente com mulheres que sabiam muito bem o que esperar. Mas Dallas não era assim. Percebera desde o princípio como era natural e doce.

Notou um leve movimento ao seu lado e a mudança no ritmo da respiração. Esperou mais um momento e viu os olhos verdes e misteriosos se abrirem, cheios de medo e dor primitiva.

— Gostaria de saber quem fez isso com você — ele perguntou, num tom que deixava transparecer a ira.

Mas, ao ver a teimosia transparecer na linha daqueles lábios tão doces, percebeu que Dallas não iria falar. A expressão em seus olhos e a postura distante diziam-lhe que ela não queria uma repetição do que houvera entre eles. Teria de ser de granito para não percebê-lo.

— Isso não pode acontecer de novo, Sam.

Ao ouvir a voz fraca, ele sentiu o vazio que o dominava e teve de controlar-se para não agarrá-la, abraçá-la e beijá-la até convencê-la a fazer amor novamente. A mão forte cerrou-se amassando os botões de rosa do lençol.

Alguém já o amara antes?

— Como quiser — Sam murmurou por entre os dentes. Sentindo-se magoado e zangado, fez o que sabia melhor, atacar. — Chame quando estiver disposta outra vez.

Ao ver o corpo macio enrijecer-se como se tivesse levado um soco, ele sentiu o estômago contrair-se dolorosamente.

— Sam, sinto muito — ela murmurou, virando-se e puxando o lençol entre ambos. — Foi minha culpa. Não acontecerá de novo.

— Teve um momento de fraqueza, não? — ele zangou-se, quando o que realmente queria era envolvê-la em seus braços, apagar o passado e nunca mais deixá-la ir-se.

— Algo assim — Dallas murmurou, olhando para a chuva que batia na janela.

O que ela estaria lembrando?

Por que se importava tanto? Possuía-a também, não? Por que não juntava seu orgulho e saía dali logo? Por que queria ficar com Dallas o mais que pudesse?

Na véspera de Natal, de tarde, Sam escondeu-se em seu escritório. Parecia que todas as secretárias, que agora o olhavam com uma nova luz, queriam pegá-lo embaixo de uma coroa de mirtos e reviver a tradição que permitia beijar quem ali estivesse.

Dallas dominava-lhe o pensamento como uma obsessão. Naquela manhã mesmo, quase deixara passar um detalhe importante num contrato para uma nova fusão de empresas porque estava lembrando-se dos lábios macios e doces sobre os seus.

Naquelas curtas três semanas, a família Pendragon dominara-o por completo. Sabia exatamente como Billy esfregava os olhos quando estava com sono, como Nikki agia quando decidia ser teimosa ou quando Dallas precisava de uma xícara de chá. E

quando decidia cortar uma relação. Ele queria envolver-se por completo, sentir o calor de Dallas e de seus filhos também. Mas ela o afastava com toda a determinação de alguém que já fora muito ferida.

Lembrou-se da expressão suave dos olhos dela depois de terem feito amor, do corpo macio aninhado contra o seu... e também que a lembrança, boa ou má, de outro homem partilhara a cama com eles. Já levava muitos golpes na vida, mas não conseguia aguentar a idéia de que Dallas o comparara com outro. Para alguém que nunca quisera envolver-se, ele estava gastando um tempo formidável pensando em meios de prender Dallas.

Dali a uma semana, deveria mudar-se. Só de pensar em voltar a sua cobertura moderna, toda de vidro e aço, sentia-se enregelar. Sem a família Pendragon, sabia exatamente como iria se sentir: como o monte Rainier, que via a distância. Solitário e coberto de gelo.

A risada de Dallas ecoou do lado de fora do escritório, despertando-o de seus pensamentos. Tinha mantido distância, sem querer forçar uma situação que não compreendia direito. Mas havia algumas coisas que não conseguia evitar. Simplesmente tinha de fazê-las. Como agora, que Dallas estava bem debaixo da coroa de mirtos de Natal. Daqui em diante, pretendia usar cada coroa sempre que Dallas estivesse debaixo dela.

Dallas virou-se, sentindo uma presença atrás de si. Alguém alto, quente e impaciente apoiou uma mão em seu ombro.

Tentou disfarçar um sorriso, pois, embora estivesse com um medo terrível de se magoar novamente, sua feminilidade ficava à flor da pele quando Sam começava a agir como um cavalheiro sulista cortejando sua dama. Sentiu uma tristeza pungente ao pensar na vida que a esperava, sem ele.

— Você está debaixo da coroa de mirtos, doçura — Sam sussurrou, pegando-a nos braços, enquanto os olhos escureciam-se, fitando a boca macia.

Dallas ainda ouviu a exclamação espantada de Emily antes de corresponder ao beijo doce, os lábios firmes roçando contra os seus. Sentia o coração dele bater forte sob sua mão, enquanto o rosto magro encostava-se a sua face corada.

— Não tenha nenhuma idéia errada, srta. Pendragon. Isto é só um gesto de alegria natalina — ele disse, com voz rouca, antes de puxá-la para si com os braços fortes e trêmulos.

— Formidável! — Emily comentou, enquanto Dallas esquecia todo o resto, entregando-se ao beijo. — Alguém mais se prontifica?

— Agora é minha vez — Debbie Bynbroski afirmou. Dallas notou como os lábios de Sam ressentiram-se por ter de deixá-la. Uma alegria selvagem e primitiva a dominou ao ver o olhar sombrio que ele dirigiu a Emily, enquanto a cabeça enterrava-se nos ombros, num gesto de autoproteção.

— Ajude-me. Faça alguma coisa — Sam sussurrou pelo canto da boca ao ver todas as mulheres do escritório aproximarem-se.

— É Natal, e foi você quem começou — Dallas retrucou, sentando-se sobre uma mesa e cruzando os braços, divertida. Pela primeira vez desde que Sam a deixara, furioso, sentia o coração leve. Percebia que ele também fora afetado por aquela noite de amor. — E não pediu por favor.

— Por favor?! — Sam resmungou entre os dentes, olhando-a, ameaçador.

— Nada disso. Você está por sua conta! — Dallas sorriu e despediu-se. — Vejo você mais tarde. Senhoras, formem a fila pela direita.

— Estou chamando a contabilidade, o empacotamento e o despacho. — Emily apertava os botões do intercomunicador com um sorriso vingativo. — Ele está nos devendo isso há bastante tempo.

— Quantas mulheres no total? — Dallas sorriu ainda mais ao ver uma mãe de sete

filhos puxar Sam para si e beijá-lo.

— Ele vai ficar bem — disse Emily, distraída. — Coitado, sempre tão concentrado nos negócios que nunca percebia os problemas dos outros ao seu redor. Agora, está despertando. Você lhe fez bem.

Dallas voltou para casa cedo. Queria que aquela véspera de Natal fosse muito especial, uma recordação que perdurasse quando Sam estivesse de volta aos seus domínios de aço e vidro. Embora não fosse magnífica em outras prendas femininas, poderia dar-lhe um pouco da alegria e do amor de uma festa de Natal para lembrar. Ficara satisfeita em preparar o cenário, desde o *pot pourri* perfumado à lasanha no forno e o bolo de chocolate com recheio duplo e cobertura, enfeitado de cerejas ao maraschino, que ele adorava.

Recostada nas rosas do sofá, estava saboreando seu chá favorito enquanto punha filme na máquina de fotografia. Queria registrar as expressões das crianças ao abrirem seus presentes.

E uma recordação para apreciar quando Sam os tivesse deixado.

Seus pensamentos dançavam como a luz vacilante das velas na sala escura. Ela não o amava. Não podia amá-lo. Sam, dono de casa e pai adotivo, era uma miragem.

Ele meramente aceitara um desafio e, quando tivesse cumprido a aposta, voltaria a sua vida cômoda e ao Lincoln sem o mínimo remorso. Dallas sentiu a dor crescer dentro de si e as lágrimas queimarem-lhe as pálpebras.

O ronco do motor de Bertha e a buzina a despertaram de seu devaneio. Fungando, apressou-se a enxugar os olhos com as costas da mão. Ouviu Nikki e Billy rirem como loucos e passos na entrada. A porta abriu-se para revelar Sam carregando uma criança debaixo de cada braço.

— Minha senhora, será que não perdeu dois caçadores de ursos? — Ele pôs as crianças no chão e o riso morreu em seu rosto enquanto absorvia devagar o cenário de Natal. — Cheguei em casa — disse baixinho, seus olhos brilhando com uma luz especial.

— Quando poderemos abrir nossos presentes? — os pequenos perguntaram, ansiosos.

— Depois da ceia, vamos à igreja. Quando voltarmos, será a hora dos presentes. Fiz bolo de chocolate. — Dallas respondeu, distraída, concentrando-se nos movimentos deliberados de Sam.

Ele fechou a porta com cuidado atrás de si, ostentando o ar de um homem que se refugia do mundo e de seus problemas. O ar de um homem chegando ao seu lar.

Depois, tirou o sobretudo e aproximou-se dela devagar, fitando-a como se estivessem sozinhos.

Com os cabelos despenteados pelo vento e o rosto moreno corado pelo frio, Sam Loring era absoluta e incrivelmente todo dela. Precisava dela.

Não, não precisava, Dallas repreendeu-se em silêncio. Sam só queria saber de seus negócios e mulheres sem filhos, que sabiam quando parar de amar. Não queria se envolver com ninguém. Não podia amá-lo. Oh, não...

Enquanto as crianças inspecionavam os pacotes sob a árvore à procura de novos, Sam ajoelhou-se ao lado dela, pegou a mão macia e levou-a aos lábios, acariciando-a.

— Estou sofrendo de rachaduras nos lábios e a culpa é toda sua — ele sorriu, mostrando as covinhas irresistíveis.

— Teve um dia duro no escritório, querido? — Dallas murmurou, brincando. Gostava quando ele exibia aquela imagem de gato de rua abandonado.

— Quando posso ganhar meu presente? — Sam perguntou, encostando o rosto em sua mão. — Como um beijo sem que o pessoal do escritório ou as crianças estejam olhando. Acho que mereço.

— Já o compensei. Fiz lasanha e bolo. — Ela acariciou-o de leve, lembrando-se do modo galante como Sam aceitara a brincadeira sob a coroa de mirto, ganhando o coração

de suas funcionárias ao deixar cair a fachada rígida de patrão.

— Não era bem isso que eu tinha em mente.

Billy aproximou-se, abraçando Sam.

— Nós temos um segredo, não é, Sam?

— Mamãe e eu temos um segredo também. — Nikki gritou, pulando nas costas dele. — Você não sabe o que é, porque é muito pequeno e conta tudo.

— Não conto.

— Conta, sim.

Mais tarde, foram à igreja e Sam sentou-se ao lado de Dallas, com o braço apoiado no banco atrás dela. Parecia um pai orgulhoso quando as crianças cantaram no coro. Eram uma família reunida para o Natal, amando-se e alegrando-se com a comemoração do nascimento da criança que mudara o mundo.

Quando abriram os presentes, já em casa, a mão forte segurava a dela. A boneca nova de Nikki cabia direitinho no berço feito por Sam e os olhos da menina brilharam ao olhar para ele. Não tão sutil, Billy correu para o quarto em busca de suas coisas especiais para guardar na caixa.

Sam abriu com cuidado a loção após-barba que as crianças haviam lhe dado. Depois, apoiou-a na mesa e ergueu-se.

— Volto já.

Dallas estava balançando o berço de Nikki com um pé, enquanto ajudava Billy a escolher somente aquilo que fosse mesmo especial para guardar na caixa.

— Dallas — Sam chamou baixinho atrás dela.

Quando ela virou-se, ele apoiou a sua frente um bauzinho de carvalho polido e brilhante. Dentro, bem lavado e dobrado, havia um acolchoado de *patchwork*: os retalhos de flanela e algodão em cores pastel, unidos por um lindo bordado. Ajoelhando-se, Dallas passou a mão pela madeira lisa e desdobrou a manta. Do lado de dentro, havia uma rosa pálida aplicada com pedaços de flanela.

— Oh, Sam! É lindo! — Dallas murmurou com voz embargada.

— Eu fiz para você. — Ele olhou para o lado, parecendo embaraçado, encolhendo os ombros num gesto já familiar.

Dallas ergueu-se, sem conseguir resistir, e ficou na ponta dos pés para beijar os lábios firmes. Ele lhe dera uma parte de si mesmo, algo que poderia apreciar sozinha, entre seus solitários botões de rosa de algodão. Ambos estavam comovidos e aquele seria um momento a ser recordado.

Deslizando a mão pelo acolchoado, ela brincou:

— Você sabe até bordar.

— Foi alguém muito especial que o fez — Sam resmungou, assumindo uma postura defensiva.

— Alguém especial? — Dallas repetiu, sentindo-se um tanto magoada. Não poderia aconchegar-se sob uma manta criada por um amor do passado.

— Vovó Dunnaway. — Sam olhou para o lado. — Ela me escondeu dos guardas do Juizado de Menores, depois que minha mãe fugiu. Deixou que eu ficasse morando com ela depois. Era uma mulher das montanhas, que fumava cigarros de palha. Surrou-me mais vezes do que posso lembrar-me. Rachei dois montes de lenha sem precisarmos e ela me fez essa manta.

Sam tinha revelado um pouco de seu passado e Dallas guardou aquilo para si, como um presente muito especial.

As crianças estavam entretidas com os brinquedos novos, inconscientes dos olhares trocados pelos adultos. Dallas murmurou:

— Tenho um presente guardado para você.

— Mal posso esperar. — Sam segurou-a, puxando-a para si.

— Nada disso. — Ela resistiu contra a vontade de abraçá-lo também. — Venham,

crianças. Vamos pegar o presente de Sam.

Minutos depois, Nikki e Billy lhe entregavam uma caixa enorme, enfeitada com um alegre laço vermelho.

Sam a segurou com mãos trêmulas, parecendo emocionado demais para um homem que fizera da empresa sua vida.

Parecia tão vulnerável, precisando tanto de carinho, que Dallas sentou-se no braço do sofá, acariciando os músculos tensos dos ombros fortes.

— Vamos lá, Sam Loring, abra-a.

Ele desatou a fita com cuidado, abrindo a caixa. Quando descobriu um trenzinho de brinquedo, ficou ainda mais trêmulo.

— É só uma lembrança para dizer o quanto gostamos da sua ajuda na caça aos ursos e no trabalho de casa — Dallas murmurou, alisando os cabelos curtos.

— Sou péssimo cozinheiro. Confesso que cuidar de uma casa é mais difícil do que parece. — A voz estava incerta e o grande e duro Sam Loring estava emocionado com o presente.

— Gostou, Sam? — Billy perguntou. — Não é o trem mais legal que você já viu?

— O melhor — Sam murmurou, com um brilho nos olhos. Logo os dois estavam de bruços no chão, montando os trilhos e pontes, fazendo o trenzinho correr por túneis e estações.

— Que bobagem — Nikki disse com delicado desdém, enquanto embalava sua boneca. — Coisa de garotos.

Mais tarde, Dallas adormeceu no sofá, ouvindo o apito alegre da locomotiva. Acordou com Sam puxando-a para seu colo e envolvendo-a na manta.

— O que está fazendo, sr. Sam? — murmurou, sonolenta, confortada pelo calor e força dele envolvendo-a na noite de Natal.

— Segurando minha menina. — Sam beijou-a, aconchegando-a contra si. — Durma de novo. Dallas, obrigado pelo trem, por esta noite, pela ida à igreja. Não me sentia assim... Bem, foi maravilhoso.

Porque Sam precisava dela, Dallas abraçou-o, passando a mão pelo cabelo sobre o colarinho.

— Amanhã, quando cortar o cabelo de Billy, vou cortar o seu também. Não precisa temer. Não vou marcá-lo para o resto da vida — ela murmurou, voltando a dormir.

— Talvez já tenha marcado — ele disse para si mesmo. — Acho que remédio nenhum vai acabar com esse vírus que me dominou.

E ele ficou ali, fitando a luz bruxuleante das velas, enquanto a segurava firmemente contra si, como seu mais precioso tesouro.

CAPÍTULO IX

— Fique quieto — Dallas ordenou, enquanto penteava e aparava os cabelos grossos, tombando a cabeça de Sam para um lado.

As crianças estavam brincando com os presentes que Papai Noel lhes deixara nas meias e Sam saboreava cada toque das mãos macias que cheiravam como os cravos que pusera no bolo. Nunca passara por nada parecido com o calor envolvente daquela família cheia do espírito de Natal.

Dallas tinha um olhar estranho mas satisfeito, como se precisasse cuidar dos outros: das crianças, dele mesmo. Mas também demonstrava um certo medo que só o tempo poderia apagar.

Fechando os olhos, Sam permitiu-se sonhar. Dallas precisava dele, da proteção dele. Aquele era um sentimento estranho e caloroso que iluminava todos os cantos escuros de sua vida. Com um sorriso, refletiu que Dallas não sabia exatamente quanto precisava dele em todas as áreas de sua vida, incluindo a sexual. Ficara chocada e embaraçada com suas próprias necessidades. Agora, exercia um controle ferrenho sobre si, mas, por uma vez, abandonara-se com ele. Era só uma questão de tempo até que a fizesse ver as coisas a seu modo.

Sentindo-se tão contente quanto um gato tomando sol ao lado de uma tigela de leite, Sam ficou imaginando se, no próximo Natal, lhe seria permitido substituir o presépio de plástico sobre a lareira por um entalhado a mão.

— Sei que está com pouco dinheiro, Sam — Dallas falou, acordando-o de seus sonhos, enquanto tirava uns fiapos de cabelo de seu queixo. — Posso lhe emprestar algum ou pagar sozinha as compras desta semana. Depois, você me paga.

— Não — ele respondeu em tom seco. Precisava ensinar-lhe as regras pelas quais vivia. — Nunca precisei que mulher alguma me sustentasse.

— Só estava oferecendo um empréstimo — Dallas murmurou, com uma expressão de dor no rosto delicado.

Só a idéia de discutir sua péssima situação financeira com a mulher que desejava o tirava do sério. Queria protegê-la e cuidar dela para o resto da vida e ela vinha oferecer-lhe dinheiro...

Pelas suas regras, ele dava as cartas em qualquer relação. Nunca quisera envolvimento nem deixara que ninguém partilhasse seus problemas. Permitir que Dallas visse em seu íntimo não era fácil. Bem como admitir as dificuldades de uma mulher que trabalhasse fora.

Mas não queria estragar um dia cuja lembrança o aqueceria no futuro. Portanto, remexeu-se inquieto na cadeira e admitiu:

— Está certo. Não estou habituado com ninguém sabendo das minhas contas.

— Nossas contas, Sam — ela o corrigiu, com um sorriso, os olhos verdes brilhando. — Sabe, mais cedo ou mais tarde, vai ter de admitir que tomar conta de uma casa e de crianças e trabalhar não é fácil. Confesse — Dallas continuou, alisando com a ponta dos dedos os pêlos rebeldes das sobrancelhas grossas. — Eu ganhei. Reconheça em voz alta.

— Não me force... Bem, talvez... — Ele gostou das carícias dela, querendo que aqueles dedos cheirando a cravo o envolvessem para sempre. Aquilo o assustou. Nunca se sentira assim antes, com ninguém.

Ao ver o sorriso largo que iluminava as feições suaves, subitamente sentiu a cabeça leve.

— Está bem. Você ganhou. Dei uma olhada nas suas propostas e não me parecem descabidas. Começaremos a trabalhar nelas no Ano Novo. Agora, pare de rir e acabe o trabalho — ele cedeu, devolvendo-lhe o sorriso amplo.

No dia seguinte ao Natal, Sam voltou ao trabalho. Costumava aproveitar aqueles dias calmos, sem interrupções de telefonemas, para pôr em ordem a papelada atrasada.

Saía cedo de casa, deixando Dallas adormecida na cama que gostaria de partilhar. Ocupado somente por uma equipe mínima durante os feriados, o escritório parecia frio e sem alegria. Emily estava visitando os netos e o deixara à mercê de uma substituta que precisava usar um ditafone.

Ao meio-dia, desistiu de trabalhar e mergulhou em seus pensamentos. Sentia-se como aqueles pacotes que as pessoas levavam nas mãos naqueles dias: presentes a serem devolvidos, que, depois de experimentados, voltavam às prateleiras.

Todos os seus impulsos lhe diziam para ir para casa brincar com Billy e o trem elétrico, ouvir o som melódico do riso de Dallas, brincar com as bonecas de Nikki, envolver-se no calor de sua família adotiva.

O problema era que a adoção terminaria em cinco dias e ficou imaginando quem o substituiria. Por certo, não aquele idiota do Beau, nem ninguém mais, se ele pudesse impedir.

Nunca antes tinha experimentado o calor acolhedor de um lar, com crianças e uma mulher que o esperava e o olhava com olhos encantados, verdes e sonhadores. Agora, o novo ano sem a família Pendragon pairava à sua frente como um abismo escuro e frio.

Espantou aqueles pensamentos e tomou a sopa quente que Dallas lhe fizera. Depois, resolveu concentrar-se nos planos e relatórios que ela lhe entregara e que sempre tinham ficado em segundo lugar, depois de seus esforços para cozinhar e cuidar da casa.

Estavam ótimos, feitos de um modo mais que profissional, apoiados em dados, estatísticas e projeções de custos. Poderiam, com um mínimo de esforço, ser incluídos na política de pessoal da Brice.

Depois de folheá-los, jogou-os de lado. O vírus Pendragon invadira sua vida, alterara seus pontos de vista e objetivos, intrometera-se no seu estilo de vida sem liames, infiltrara-se sob sua concha protetora. Era muito tarde para uma injeção imunizante.

Ao se dirigir para casa, à tardinha, Sam tinha o pressentimento de que ela teria desaparecido na névoa fria. Mas logo a viu, as luzes brilhando nas janelas através da garoa. Entrou, sentindo o aroma de carne assada e torta de maçãs e lar. Os olhos de Dallas brilharam ao vê-lo e Billy gritou, dando-lhe boas-vindas com alegria.

Subitamente, um frio intenso dominou-lhe as entranhas. Em poucos dias, seria expulso daquele paraíso, de volta à sua fortaleza de aço e vidro. Procurando esquecer o futuro, agarrou Billy e jogou-o para o ar, como o menino adorava.

Nos dias seguintes, Sam escondeu seu orgulho e seu coração. Procurava absorver cada gesto, cada expressão, cada perfume de Dallas, enquanto sonhava que ela se aproximava, com os braços abertos, prontos para abraçá-lo, pedindo-lhe que ficasse.

Será que ela estava sofrendo como ele? Será que sentiria sua falta? Ou seria pura imaginação sua sentir que as mãos macias tremiam ao tocar as dele? E que o olhar verde se demorava sobre ele, sonhador?

No último dia do ano, Sam jogou todas as suas coisas dentro de Bertha e mudou-se, fazendo promessas que pretendia cumprir: viria sempre visitar as crianças. Olhou para Dallas, cujas mãos agarravam-se ao parapeito do terraço, e ela desviou o olhar. Sem dúvida, estava satisfeita de vê-lo fora de sua vida. Abraçou as crianças e deu um sorriso forçado para a mãe, incapaz de falar. Erguendo os ombros, fechou a jaqueta contra o frio e entrou em Bertha, afastando-se.

Naquela noite, véspera de Ano Novo, sentindo-se vazio e gelado em seu castelo envidraçado, Sam apoiou as botas na mesa sobre os papéis que tencionara estudar. Pegou uma garrafa de uísque e ficou bebendo para espantar a solidão, olhando o trenzinho deslizar pelos trilhos.

Fechou os olhos e ficou sonhando com Dallas, as mãos leves acariciando-o, seu

perfume, sua casinha acolhedora, as crianças.

O sonho tinha acabado. Experimentara coisas que nunca quisera e agora sentia-se no inferno. Não podia livrar-se das lembranças.

Queria o corpo macio junto ao seu. Queria cuidar dela e protegê-la. Fora obrigado a deixá-la antes que a magoasse. Ela não era o tipo de pessoa que saberia aceitar um até logo, depois de se envolver.

Dallas tinha tanto medo de um relacionamento, de um compromisso quanto ele. Sam digeriu o pensamento com um gole que lhe queimou a garganta.

Ao longo do seu passado, tornara-se um homem duro, que não saberia lidar com alguém tão terno quanto Dallas. E ela não podia ser magoada outra vez.

Sentindo-se gelado, tomou mais uísque e ficou olhando seu trenzinho.

À meia-noite, Dallas enchia-se de bombons de cereja e licor e chorava. Aninhada na cama de colunas, coberta com o acolchoado de Sam, ela pegou outra caixa de bombons. Pensou em Sam, feliz em sua vida sem problemas na cobertura de luxo e novas lágrimas escorreram-lhe pelo rosto.

Aos trinta e nove anos, com sua vida já encaminhada, não deveria ter se deixado conquistar pelas covinhas, o falar arrastado sulista e, sobretudo, por aquele jeito de gato abandonado.

Então, ele entrara em Bertha e fora embora, como T.J. Bem, com exceção daquele olhar tristonho, como um gato que é jogado para fora na chuva.

Enxugou as lágrimas, lembrando-se de que Sam teria de admitir que seus planos eram perfeitos. Conseguira sucesso, mas perdera o homem que amava. Gostava de cuidar dele. De ver a expressão do rosto suavizar-se quando o trenzinho passava por ele apitando.

Soltou um gemido ao ouvir o telefone tocar. Queria ficar sozinha para afogar suas mágoas no licor do chocolate.

— Alô. Quem é?

— Você está chorando? — a voz arrastada de Sam soou do outro lado.

— Não. Só um pouco resfriada. Por que está ligando?

— Gostaria de saber o que está usando, por favor — ele pediu, de um modo muito educado e cavalheiresco.

— Direi se você me disser primeiro.

Ouviu-o respirar profundamente do outro lado e, depois, um longo silêncio. Finalmente, ele respondeu:

— Botas.

— Uma camisola.

— Aquela de flanela com rosinhas? — ele perguntou com voz rouca.

— É.

— Oh, céus, foi o que pensei — ele gemeu e desligou, fazendo-a sentir-se ainda mais gelada e velha.

Quando o telefone tornou a tocar, depois de alguns segundos, Dallas o atendeu com raiva. Será que ele não podia deixá-la em paz, para se afogar em chocolates?

— Desista, Sam Loring. Você perdeu e sabe disso. Não me importo que esteja usando só botas. Deixe-me em paz.

— Querida? — A voz doce de Lisa ecoou do outro lado. — Só queria desejar-lhe feliz Ano Novo.

— Oh, mãe! — Dallas gemeu, ouvindo o barulho de música e copos.

— Edward e eu estamos numa festa. Pelo jeito, você está numa péssima noite. Estou ouvindo o barulho dos papéis de bombons. Sam está realmente só de botas? Por que não estão juntos?

— Ele pegou seu trenzinho de brinquedo e partiu na primeira oportunidade. Feito

T.J.

— Querida, não o compare nunca a T.J. Deu alguma indicação que o queria?

— Mãe... — Dallas gemeu, pensando como poderia esquecer o calor daqueles braços fortes.

— Ele a abalou, não? — Lisa riu suavemente. — É um menino solitário e doce sob aqueles músculos adoráveis. Tenha um feliz Ano Novo, querida. Amanhã, telefone de novo.

No dia dois de janeiro, Sam a espreitava sentado à escrivaninha como um leão atrás de um cordeiro, enquanto ela expunha seus projetos.

— É uma bela soma em dólares — ele comentou abruptamente, quando Dallas terminou de explicar o orçamento para a creche.

— Pense nisso como um investimento para diminuir o número de faltas. As mães se sentirão mais seguras e poderão se concentrar mais no trabalho, sabendo que suas crianças estão perto, bem cuidadas por pessoas competentes.

Os olhos cinzentos a fitavam como se pudessem ler-lhe as emoções. Veriam o exterior gelado ou as chamas que a consumiam cada vez que se recordava do dia em que haviam feito amor?

— Como vão as crianças? — Sam perguntou, enquanto folheava, distraído, a pilha de relatórios que ela tirara da pasta. — Nikki melhorou do estômago?

— Estão ótimas. — Dallas queria perguntar sobre ele, mas a armadura de terno cinza escondia o homem gentil que morara na casa dela. — Como vai Bertha?

— Com um pequeno problema no câmbio — Sam respondeu com gelo na voz. — Vamos ver o resto dos projetos. Logo mais, terei outro compromisso.

— Estou percebendo que não está muito receptivo às mudanças. Devo dizer-lhe que espero ser paga pelo meu trabalho, se você desistir.

— Mudança não é o problema. Confesso que ser dona de casa e trabalhar não é fácil. Mas a Brice não pode sair por aí, jogando dinheiro fora. Trabalharemos juntos e iremos implantando os projetos aos poucos, integrando-os à política da empresa. Podemos começar a trabalhar nisso... hoje à noite no meu apartamento.

Dallas não podia ficar perto de Sam. Ali mesmo, só queria alisar os cabelos rebeldes e suavizar o vinco entre as sobrancelhas. No escritório, tudo iria bem, mas na intimidade do apartamento dele...

— Entendi a idéia. Uma troca condicional.

— Eu seria um tolo se deixasse minhas necessidades interferirem em algo assim grande nos negócios — Sam disse, com voz gélida. — Você sabe disso. Teremos de trabalhar nisso juntos, aparando as arestas. — Com um sorriso, continuou: — Vai ter de aceitar o fato de que me terá por perto nos próximos meses. Não quero vê-la cair e machucar esse seu lindo traseiro.

— Quem vai se machucar sou eu, não?

— Estou apoiando você, Dallas. Mas não posso entregar minha empresa em suas mãos. Temos de proceder com cuidado, conquistar a aprovação da diretoria.

— Trabalhar com você não é fácil. Prefiro o ambiente do escritório. Estou muito ocupada. Assinei contratos para novos cursos e preciso treinar uma assistente. — Dallas remexeu em seus papéis, sentindo o sangue ferver.

— Covarde! — Sam murmurou contra a nuca dela, fazendo-a erguer-se de um salto, com vontade de pôr as mãos nele, sem saber se queria estrangulá-lo ou...

— Está bem — ela concordou, respirando fundo. — Como começaremos?

— Com uma reunião com a diretoria. Eles precisam ver esses projetos pelo seu valor, não como um mero desperdício de dinheiro. Depois, iniciaremos com o programa de meio período. Quero que me mantenha informado. Nada de relatórios. Pessoalmente. Estou no comando agora, doçura. Mandar-me embora não vai adiantar. Já que não se sente bem no meu apartamento, teremos de nos contentar com o escritório e a sua casa.

Isso vai ao encontro dos meus planos de visitar Nikki e Billy. — Sam sorriu, cheio de autoconfiança. — Vê? Estou pronto a encarar isso tudo com a mente aberta. Espero que faça o mesmo.

Lutando contra um pequeno espasmo no estômago, Dallas devolveu o sorriso predatório.

CAPÍTULO X

— Fora! — Sam socou o saco de areia com força. — Ela pensa que pode me mandar embora, não? Pois vai ver. Desta vez, vai ser para valer. Chega de ser bonzinho.

No final de janeiro, os nervos tensos o obrigavam a exercitar-se bastante todos os dias. Agora, percebia que havia cometido um engano num ponto crucial. Forçara uma situação antes da hora e agora teria de passar por todos os estágios que pulara. Dallas não era do tipo que se entregava facilmente, por um prazer momentâneo.

Continuou a atingir o saco com força, sentindo a tensão chegar ao extremo. Pela primeira vez na vida, reconhecia que um passo em falso poderia custar-lhe seu futuro com ela.

Precisava dela em sua vida desesperadamente. Assim, fizera o que sabia melhor: concebera um plano estratégico para capturar e isolar o vírus Pendragon.

Para começar, mandara-lhe uma enorme caixa de bombons enfeitada com um enorme laço vermelho. Lisa tinha lhe contado que a filha mergulhava em bombons de cereja quando estava nervosa. E seu código de honra dizia-lhe que devia-se advertir o adversário antes do ataque. Assim, instruíra a *bombonnière* para continuar mandando uma caixa por dia.

Às vezes, quando Dallas acordava, encontrava o desjejum pronto, preparado por Sam. Aceitando a sugestão de Emily, ocasionalmente ele aparecia nos escritórios de Dallas com uma cesta de piquenique. Lutava contra ursos na hora de dormir e conversava enquanto Dallas tomava sua costureira xícara de chá.

Gostava do sofá de rosas. Era do tamanho exato para que pudesse pôr o braço no encosto e acariciar o rosto delicado ou massagear os músculos tensos na nuca sedosa.

Emily abriu a porta do ginásio, trazendo-o de volta à realidade.

— Nikki Pendragon na linha dois.

— O que aconteceu? — Sam virou-se na mesma hora.

— Não sei. — O sorriso da secretária aumentou. — Mas parece sério.

Logo depois Sam já estava no escritório, atendendo à ligação. Será que havia acontecido algo com Dallas? Ou Billy caíra da escada ou tinha brincado com ferramentas perigosas que deveriam estar fora do alcance dele? Forçando-se a ficar calmo, procurou falar com gentileza:

— Oi, Nikki.

Do outro lado da linha, ecoou um soluço que fez seu coração disparar. Quando o barulho se repetiu, os dedos de Sam estavam brancos de tanto apertar o fone.

— Nikki, aconteceu alguma coisa? — ele tentou falar calmamente.

— Todas as garotas Sunbird vão levar seus pais para uma reunião especial. Vamos levar cestas de lanche e representar e cantar e... oh, sr. Sam, mamãe disse para não incomodá-lo. — O desabafo rápido foi seguido por outro soluço de cortar o coração.

Sam engoliu em seco. Dallas não o queria, mas ele não pretendia ser expulso da vida dos Pendragon, apesar dos temores dela. As crianças precisavam dele e Dallas também, se parasse de lutar por alguns minutos...

— Vou adorar ir com você, Nikki. Nunca fui a um bom piquenique em toda a minha vida. Está combinado.

— Mas mamãe disse... — Nikki protestou, num tom que soava como se tivesse ganho outro presente de Natal.

— Telefonarei para ela e pedirei permissão para sair com minha garota preferida. Que tal? — Sam sentia-se pronto para uma boa briga.

Aquilo era estranho. Gostava de discutir com Dallas, quase tanto quanto gostava de conversar com ela. Ou amá-la nas noites chuvosas... Nunca fora amigo de uma mulher antes e sabia que, sem a tensão sexual entre eles, Dallas poderia ser sua primeira

amiga.

— Obrigada, sr. Sam. — Depois de contar os detalhes da festa, Nikki baixou a voz: — Baghdad não aparece em casa há muito tempo. Mamãe disse que gatos adultos, às vezes, acham outro lar. Gosto dele e Billy é somente um bebê. Às vezes, chora por causa do gato. Acha que ele volta para casa?

Gatos adultos, às vezes, acham outro lar. A boca de Sam endureceu-se enquanto reafirmava à menina que o gato voltaria, oferecendo-se para ajudar a procurá-lo.

Ele acharia o que estava procurando havia um mês: o toque macio e carinhoso de Dallas.

Discou o número de Dallas.

— O que é isso de não me incomodar? — Sam perguntou, assim que ela atendeu.

— Pare de rosnar, Sam. Não estou disposta hoje — Dallas avisou-o.

— Para o inferno com isso. Se Nikki quer me convidar para o piquenique das Sunbird, tem todo...

— Sam...

Ele começou a sorrir. Percebia que Dallas estava tentando se controlar e não lhe daria chance. Ela escondia seus sentimentos de todos, menos dele. Já vira aqueles olhos verdes brilharem com o fogo da paixão e conhecia seus medos. Pretendia obrigá-la a reconhecer que precisava dele.

— Você precisa de mim, querida. Admita. Nikki e Billy também. A propósito, vocês, vírus, são todos iguais. Perturbam um sistema que funciona perfeitamente, misturam tudo e depois seguem em frente sem olhar para trás.

— Do que está falando? — O tom rouco e baixo dela avisava-o de que estava pronta para a briga.

Sem querer perder a vantagem, Sam decidiu tentar a linha romântica:

— Estou falando de suspiros doces contra minha pele, beijos doces e tímidos, a chuva batendo nas janelas e lençóis com botões de rosas, de uma mulher exigente, sensual, com olhos de feiticeira, cabelos sedosos e brilhantes como cobre líquido e um corpo como nunca antes toquei. De pernas longas e fascinantes e lábios com sabor de morangos frescos. Estou falando de ervilhas doces crescendo no quintal nas noites enluaradas dos Apalaches, de magnólias e brioques quentinhos. De compromissos eternos, de partilhar coroas de mirto no Natal, ver Nikki e Billy crescerem e segurar os filhos deles no colo. De nos amarmos a cada dia de nossas vidas. Estou falando de nós dois cuidando um do outro, precisando e querendo, tendo tudo entre nós... E isso não tem nada a ver com T.J. McCall, Nikki, Billy ou nosso contrato. Pense nisso — ele terminou alegremente e desligou.

Então, disse para si mesmo em voz alta, enquanto dançava um tango com uma mulher imaginária entre os braços e a curvava para trás para um beijo apaixonado:

— Ela que fique pensando em tudo que falei!

Ao chegar à casa de Dallas naquela noite, Sam esfregou as orelhas de Baghdad como ele gostava. Achar o gato não fora difícil, depois que oferecera uma bicicleta a todas as crianças da vizinhança. Faria qualquer coisa para conquistar Dallas.

Quando ela abriu a porta, usando o cafetã azul-royal, Sam ficou fitando-a, fascinado.

— Estamos aqui — conseguiu dizer antes que as crianças se apoderassem do gato magro e satisfeito.

Mas Dallas cruzou os braços sobre os seios, dos quais ele se lembrava tão bem, e o recebeu com todo o calor de uma geleira.

— Não está contente por ver Baghdad? — Sam perguntou, passando por ela para tirar o sobretudo e abraçar as crianças sorridentes.

— É lógico que estou contente em ver o gato. O que pretendia ao dizer aquelas coisas hoje à tarde? — ela murmurou, entre os dentes.

— Como? — Sam perguntou, distraído, instalando-se no chão para brincar com o caminhão novo de Billy. O olhar inflamado de Dallas o fazia lembrar-se da expressão dela quando tinham feito amor.

Baghdad, agindo como se tivesse sido ensaiado, esfregou-se contra Sam feito um amigo querido de velha data. Ronronou tão alto que Dallas não poderia ignorar a felicidade dele.

— Falaremos sobre o assunto alguma outra hora — ela declarou, com voz incerta.

Sam permitiu que seu olhar deslizesse pelas pernas longas expostas pela fenda alta da saia. Segurando-a pelo tornozelo, acariciava a pele macia com o polegar.

— Vamos começar a sair juntos, doçura — ele pediu, num tom inocente. — Boliche, cinema, com ou sem as crianças. Naturalmente, acho que elas não vão gostar muito daquelas peças monótonas que você tanto aprecia, mas eu prometo que me esforçarei o máximo para entendê-las. Até vou deixá-la dirigir Bertha até o ferro-velho. Ela está precisando de uma nova maçaneta. Poderemos vasculhar as ferragens juntos, que tal?

— Parece muito divertido — Dallas retrucou, num tom sarcástico.

— Estou começando a abalá-la, não? — Sam murmurou, erguendo as sobrancelhas numa imitação de Tom Selleck.

— Sam... Não posso me envolver mais — ela sussurrou, com voz vacilante, ignorando a brincadeira.

Devagar, Sam ergueu-se e, segurando o queixo delicado, fitou-a, mergulhando nos olhos verdes, profundos e misteriosos.

— Há muito tempo, aprendi que nada é impossível. Entre nós, poderemos resolver todos os problemas. Só não feche as portas, por favor — ele disse com sinceridade, porque a amava.

Depois, beijou-a com toda a doçura que sentia. Apesar de Baghdad esfregando-se contra suas pernas e das palmas das crianças ao fundo, seus lábios se uniram com calor.

Em meados de fevereiro, Sam notou que não havia devoluções na conta da *bonbonnière*. Notou também novas curvas bem definidas no corpo esguio de Dallas. Assim, concluiu que, a despeito do sucesso de seus projetos, ela estava sob grande tensão.

— É melhor mesmo — murmurou para si mesmo, enquanto lançava diretos no saco de areia. — Planejo vencer.

Enquanto trabalhavam juntos, todos os dias, Sam percebia que ela o estudava. Embora conseguisse evitar as programadas saídas, parecia que apreciava tê-lo em sua casa. Conhecendo suas limitações e sabendo como protegia seu coração, Sam não ligava, sentindo-se feliz quando ela permitiu que lhe segurasse a mão.

Depois da festa das Sunbird, o relatório feliz de Nikki fez com que Dallas o contemplasse longamente, com olhos calorosos e promissores.

— Obrigada, Sam.

— Sou eu quem tenho de agradecer.

— Por quê? — ela perguntou, num murmúrio incerto, enquanto ele tomava-lhe as mãos.

— Por mudar minha vida, por me tornar mais humano — Sam respondeu, levando aos lábios os dedos que cheiravam a chocolate.

Mais tarde, ao relembrar a cena em câmera lenta, Sam percebeu o quanto ela estava desamparada, vulnerável e incerta. Temia um compromisso tanto quanto ele. Mas ele desejava ser cuidado, desejava cuidar dela, mesmo que Dallas não o quisesse por perto.

— Quero voltar para lá — Sam ofegou, socando o saco mais uma vez. — Diabo, eles me adotaram e não vou desistir dessa adoção sem lutar.

O mês de março começou ameno em Seattle, em contraste com os sentimentos

tempestuosos que Dallas carregava dentro de si. Sam sabia exatamente como deixá-la tensa ao extremo. Era doce demais, paciente demais, adorável demais, tudo... incluindo sexy, caloroso e divertido. Dava a todos a impressão de que, apesar de admirar sua habilidade nos negócios, considerava-a sua mulher.

Não se punha de lado facilmente um homem do tamanho e da importância de Sam. Não tinha coragem de separá-lo do sofá de rosas, dos caminhões de Billy e do olhar adorador de Nikki. Parecia precisar de verdade dela e de sua família.

Logicamente, ele sabia disso e usava todos os truques sujos, ela raciocinou, enquanto comia mais um bombom. Sabia como usar seu charme, suas covinhas e suas caixas de chocolates.

Desejava-o desesperadamente. Ele não era nem um pouco como T.J., era somente Sam. Mas não conseguia render-se. Desta vez... Esse homem merecia que refletisse muito sobre esse relacionamento que ele desejava tão obviamente.

Às vezes, sua mente divagava sem perceber, como no dia anterior, durante uma aula, na experiência com o aparelho de *biofeedback*, que começara a assobiar no seu tom mais alto por causa das lembranças de Sam cozinhando em sua casa, trajando somente a calça do pijama.

Depois, havia a maneira reverente como Sam aceitava qualquer favor, como se nunca tivesse tido alguém que se importasse com ele. Lembranças dos beijos a faziam sentir ondas quentes por todo o corpo. Os olhos escuros e nebulosos a estavam sempre seguindo, contando coisas que a faziam estremecer, como as mãos quentes e delicadas, o peito forte com seus pêlos macios e beijos doces como a magnólia. Falavam de deitarem-se juntos sob os lençóis de rosas, ouvindo a música da chuva nas janelas, do prazer definido por um gemido masculino, baixo e preguiçoso.

Ela tentava espantar essas lembranças, concentrando-se nos projetos da Brice. O programa de meio expediente fora um sucesso completo, embora Sam ainda continuasse resmungando por ver sempre caras diferentes a uma mesma mesa, apesar de admitir que eram rostos felizes. Gostava disso nele, dessa capacidade de aceitar que estava errado.

Sam sugerira acrescentar à creche um programa para recreação de crianças mais velhas, um lugar onde pudessem esperar seus pais depois da escola. Dizia que não gostava da idéia de um estudante entrando em casa sozinho. Estavam trabalhando nisso e ele afirmara que Nikki e Billy seriam os primeiros a se inscrever, pois se qualificava como família dele. Todos sabiam como gostava daquelas crianças.

Com sua mente criativa, Sam sabia como equilibrar as sugestões com o lado prático da empresa. Embora tivesse deixado claro a todos que estava aberto a sugestões, considerava os programas como seus. Dallas admitia que ele sabia como apresentar os planos, convencer os outros e ouvir com mente aberta e clara.

Era o lado escuro dele que a assustava, porque a fazia pensar em seu próprio lado escuro, que nunca explorara até aquela noite. Embora Sam fosse muito gentil, ela temia dar vazão às suas necessidades primitivas quando estavam próximos.

Comendo mais um bombom, lembrou-se do modo como ele aparecia todos os dias para jantar. Às vezes, pegava as crianças e fazia compras. Quando ela chegava mais tarde, o jantar estava pronto, a sua espera.

Só conseguia lembrar-se dos beijos dele e acordava no meio da noite, abraçada fortemente ao travesseiro.

Sabia que Sam não estava mais morando na cobertura. Instalara o trenzinho no meio da sala de reuniões, afirmando que ninguém usava aquele espaço. A loção após-barba sobre a mesa ou uma calça esquecida numa cadeira eram outras evidências que a faziam sentir-se ainda mais culpada.

Contudo, o mais terrível era o medo do fracasso. Recordando a outra vez que se entregara completamente a um homem, Dallas gemeu.

Sam a intimara a acompanhá-lo a um jantar da diretoria, quando apresentaria mais

uma parte de seus projetos, assim ele poderia responder a quaisquer dúvidas.

Naquela noite, ao chegarem ao lugar de recepção, a gravata dele estava torta e, instintivamente, Dallas a endireitou.

— Gosto disso, doçura — Sam murmurou, segurando-lhe as mãos.

— Qualquer um teria feito o mesmo. E por que só usa esse tom de voz comigo? — ela perguntou, num sussurro.

— Porque você é especial, doçura. E, um dia, vai reconhecer que o sentimento entre nós é especial também, nem que eu tenha de comprar uma fábrica de chocolates.

— Desista. Esqueça. — Dallas desviou os olhos, sentindo-se trêmula diante do olhar cheio de más intenções dele.

— Não desta vez — Sam insistiu, deslizando a mão forte pela pele macia das costas dela.

Nesse momento, Dallas descobriu o olhar atento de Lisa sobre ambos. Sam também percebeu.

— Lisa gosta de mim. As crianças também... Bertha está sentindo falta do seu estacionamento favorito. Quero voltar. Já passei por todas as provas e agora desafio-a a fazer o mesmo.

— Sam... — ela advertiu-o, afastando-se daquele corpo forte que ansiava por segurar. — Os outros estão olhando.

— Case-se comigo — ele pediu baixinho, os olhos sérios por trás dos óculos. — Tire-me dessa angústia.

— Já passei por isso, obrigada — Dallas forçou-se a responder, com a garganta apertada.

— E o que importa? Não quero pagar pelos problemas de T. J. McCall. — Sam a olhou, a raiva surgindo em seus olhos. — Resolvemos todos os detalhes da minha estada em sua casa. Há meses que estamos trabalhando juntos, sempre resolvendo algum problema. Isso mostra que formamos um bom time. Mas há mais do que isso.

— É melhor não discutirmos isso aqui.

— Então, é melhor concordar em discutir em particular, ou...

— Não gosto de ultimatos. — Ela não ia deixar que Sam mandasse em sua vida, não importava o quanto gostasse dele. — Ou vai fazer o quê?

— Vou cair de joelhos e anunciar meus sentimentos diante desse bando de burocratas aborrecidos. Depois que você me transformou, todos gostam de mim, sabe? Você causaria uma péssima impressão, que poderia afetar seu projeto na Brice. E então?

— Isto está me parecendo chantagem.

— Certo. Quando quero alguma coisa, nem sempre sou bonzinho. Estou cansado de esperar que você me dê uma chance. — Com essa última afirmação, Sam a pegou entre os braços fortes e a beijou.

Dallas correspondeu plenamente. Quando se separaram, ela ficou fitando os olhos escuros e enevoados, tentando lembrar-se do que estavam falando.

Lisa aproximou-se e a abraçou.

— Bem, acho que ele tem.

— Tem o quê?

— Tem uma qualidade especial que põe estrelas nos seus olhos. É melhor ficar atenta para não perdê-lo. Ele não é do tipo que fica mofando numa prateleira. — A mãe advertiu-a antes de se afastar ao encontro de Edward Swearingen.

Ao lado dela, Sam fungou, com aquela aparência de gato abandonado.

— Desculpe. Acho que peguei um resfriado. Talvez um vírus.

— Tome duas aspirinas e vá para a cama — Dallas recomendou, indo na direção dos outros convidados.

— O meu vírus é você. E estou precisando de uma injeção imunizadora. — Ele a segurou pelos ombros, puxando-a para trás de umas palmeiras.

— Sam! — ela protestou sem convicção, hipnotizada pelos olhos enevoados, cheios de promessas silenciosas.

— Doçura, quero tanto você...

Segurando-a imóvel nas sombras, ele a beijou. Com aquele seu sotaque arrastado, adorável, quente e sensual, Sam mordiscou-lhe a orelha gentilmente e murmurou:

— Amo você, doçura... Eu a respeito pelo que é, e penso em você como minha melhor amiga. Sei que, se eu estiver sofrendo, você estará lá, e prometo fazer o mesmo pelo resto da minha vida... Nunca disse isso a outra mulher...

CAPÍTULO XI

A Páscoa trouxe consigo a primavera e o sol. Na manhã do Domingo de Páscoa, Sam chegou cedo à casa de Dallas, pronto para ir à igreja, procurar ovos e almoçar em família. Em suas mãos, havia um enorme buquê de margaridas e ervilhas-de-cheiro; em seus olhos, uma pergunta que Dallas queria responder em particular.

Com reverência e orgulho evidentes, ele subiu os degraus da igreja ao lado da família Pendragon. Mais tarde, num momento calmo do almoço, olhou através do buquê de flores para encontrar os olhos verdes.

— Obrigado — Sam murmurou baixinho, segurando a mão de Nikki.

Dallas forçou-se a desviar o olhar, temendo ser incapaz de controlar-se e jogar-se entre os braços fortes,

— Aposto que ela não aguenta até junho — Lisa sussurrou para Edward, cutucando-o.

— Está apostado — ele murmurou de volta.

Na quinta-feira seguinte, Lisa telefonou para a filha, justamente quando esta enxugava as lágrimas com novos bombons.

— Você está se afogando nesses chocolates, Dallas. Por que não admite que Sam é perfeito para você?

— Mãe...

— Nunca pensei que fosse cruel, filha. Sam é alguém muito especial, que obviamente adora as crianças e você. Não desperdice seu tempo. Cada momento é precioso. Bem, aluguei um chalé para vocês na baía de Tabob. Quero que leve Sam lá e resolva essa situação.

— Eu amo Sam, mãe. Só que preciso achar meu próprio jeito de lhe dizer.

— Você não está andando num campo minado. Não precisa ter medo. Fale logo, querida, antes de junho, se puder. Gosto de Sam. Ele é um homem de verdade, que você pode amar sem restrições. Sabe o que quero dizer, não?

Depois de desligar, Dallas fechou os olhos e imaginou o quanto poderia amá-lo sem assustá-lo. Depois, sentindo-se como alguém que salta de pára-quedas na escuridão, pegou o telefone e discou o número da Brice.

— Loring — Sam atendeu com sua voz áspera.

— Oi — Dallas murmurou, respirando fundo.

— Aconteceu alguma coisa, Dallas? — ele perguntou, ansioso. — Precisa de mim? Sabia que as crianças estavam comendo chocolate demais... Vou já para aí.

— Sam?

— O quê?

— Quero beijos à meia-noite, mãos quentes que me segurem quando me sentir solitária, gemidos roucos e satisfeitos depois de fazer amor, brioche amanteigado e quentes no café da manhã, alguém doce e carinhoso que me abraça enquanto a chuva bater na nossa janela, alguém de quem eu possa cuidar quando ele estiver com frio e solitário, alguém que tome conta de mim, que use ferramentas elétricas no meio da noite e me toque como se eu fosse a única mulher que ele jamais amou. Estou falando sobre ficarmos juntos nos bons e nos maus tempos, sobre nossa família indo à igreja, almoços de Páscoa, lavar a roupa nas noites de sábado e fazer bolos de chocolate para um homem que gosta deles de verdade. E discussões, reconciliações, confiança e amor... Sobre deitar um bebê num berço feito a mão e ver as crianças crescerem... Como estou me saindo, Sam? — perguntou, um tanto ofegante.

— É melhor que tenha certeza do que está falando, minha senhora. — Sam falou com voz embargada, depois de um longo silêncio.

— Encontre-me amanhã na baía de Tabob. Vou lhe mandar o mapa. E

negociaremos as condições.

— É muito difícil negociar com um vírus. Ele sempre vence.

Dallas desligou com um sentimento definido de que Sam estava pronto a derrubar muros e arrombar portas para alcançar a única mulher que ele desejava. Permitiu-se um pequeno sorriso. Ser a mulher de Sam, sua companheira, era algo maravilhoso.

Bertha já estava estacionada diante do chalé quando ela chegou. Nuvens baixas e sombrias deslizavam no céu, e a neblina fina a envolveu enquanto subia a trilha até a cabana rústica e forte. Parecia-se com Sam: fria e solitária na aparência, mas quente, confortável e segura por dentro.

A porta abriu-se e a luz do lampião iluminou a silhueta forte. Com o vento despenteando-lhe os cabelos, vestido com uma malha creme e jeans, Sam a observava intensamente. Tirou a maleta de suas mãos, sem deixar de fitá-la. Endireitando-se em toda sua altura, perguntou:

— Diga que me ama.

Ao vê-la tirar o casaco e passar as mãos nervosas pela malha, pediu, ansioso:

— Está bem. Então, diga que me deseja.

— Não poderíamos passar por isso em estágios? — Dallas sugeriu, provocando-o.

— De jeito nenhum — ele afirmou secamente e pegou-a no colo, carregando-a até o quarto. — Quero tudo agora. E mais tarde. E ainda mais depois.

Quando ele a apoiou na cama, Dallas acariciou a linha profunda entre as sobrancelhas.

— Eu te amo, Sam.

Ele sentou-se devagar ao lado dela, afastando os cabelos sedosos do rosto delicado com mãos trêmulas. Depois, beijou-a ternamente, fazendo promessas que durariam para sempre.

— Não tenha nenhuma idéia de que pode cancelar este contrato — murmurou com voz rouca ao deitar-se ao lado dela.

Devagar, despiram-se quase com reverência. Puxando-a para si, Sam acariciou as costas frágeis. Dallas aninhou-se contra o corpo forte, segurando-o apertado.

— Sam... — Dallas só conseguiu murmurar enquanto se tornavam um só, unidos pelo amor e pelo futuro diante deles.

Ele movia-se contra ela com desespero, procurando os lábios doces e tomando-os. Sem temor, Dallas deixou-o sentir a necessidade que a dominava também.

Com o fogo a queimar-lhe as veias, entregou-se ao que Sam lhe oferecia, ao que ele tomaria e daria com honestidade, levando-o para a magia das noites quentes e perfumadas de magnólias e ervilhas-de-cheiro nos Apalaches do Sul.

Um gemido rouco e baixo escapou dos lábios dele, estimulando as batidas dos tambores selvagens no íntimo de Dallas. Puxando-o mais para si, ela mostrou-lhe todo seu calor e seu amor, tentando calar a necessidade de gritar.

Aceitando o presente que ela lhe fazia de si mesma, Sam levou-a às alturas, acariciando-a e beijando-a, murmurando roucamente em seu ouvido:

— Estou aqui, Dallas querida. Estarei sempre aqui... Eu te amo.

Sem poder mais controlar-se, Dallas deixou-se dominar pelo amor dele, deslizando por um mágico arco-íris.

Mais tarde, as carícias das mãos quentes e firmes trouxeram-na de volta à Terra.

— Socorro! — ele a provocou, passando a mão pelo corpo aveludado que agora lhe pertencia. — Diga de novo que me ama.

— Nada disso — ela sorriu, sabendo como Sam era determinado quando queria alguma coisa.

— Você é durona, Dallas Pendragon. Mas eu quero e vou fazê-la dizer — Sam retrucou com um sorriso igual.

— De jeito nenhum! — Dallas conseguiu murmurar antes que os lábios firmes

tomassem os seus num beijo sensual e devastador. — Bem, talvez... — acrescentou, quando o corpo forte cobriu o seu.

EPÍLOGO

— Este nenê é um tirano exigente — Sam disse num tom de pai satisfeito, deitando seu filho no berço depois da mamada da meia-noite.

— Ele vai começar a dormir melhor quando você parar de mimá-lo — Dallas brincou, quando ele se curvou para beijá-la.

Durante aquelas sete semanas desde o nascimento do bebê, Sam mantivera seus beijos sob estrito controle. Mas Dallas, depois de perder os quilos extras que ganhara com todos aqueles bombons e, depois, durante a gravidez, não queria que a tensão sexual a fizesse recair no vício dos chocolates. Determinada, fizera o bolo de chocolate preferido de Sam e pedira a Lisa que levasse Nikki e Billy para um fim de semana nas montanhas.

Enquanto Sam apagava as luzes da nova casa deles, Dallas planejava seduzi-lo. Acendeu velas no quarto, e o chão de carvalho polido refletia a luz suave que se derramava sobre a cama de colunas. Viu o marido entrar no quarto com o ar confiante de um rei andando em seus domínios.

Naquele ano e meio desde o casamento deles, Sam nunca se queixara da vida familiar. Ela o amava com toda sua alma e confiava no amor dele. Sam sabia ouvir e dar sugestões em seus negócios. Mas o que a encantava de verdade eram as coisas pessoais e maravilhosas que ele fazia por ela. Demonstrava seu amor de todas as maneiras possíveis.

Mas Sam tinha a tendência a ser um pouco exagerado em seus cuidados. Ainda mais depois que ela ficara grávida. Permanecera junto dela durante o parto de Brent e, depois, parecera ficar vacilante e desamparado ao ver o filho.

Dallas sorriu ao ver a expressão de desejo no rosto magro, suavizada pela luz das velas. Sam construía aquela casa como um presente de amor e nunca estava ocupado demais para as crianças, que o adoravam. O trenzinho e a caixa de brinquedos ocupavam um lugar de honra na sala íntima e Sam entalhara minúsculos brinquedos só para Nikki.

Parado ao lado da cama, ele a olhava com ternura.

— Qual é a ocasião especial para as velas?

Tomando-lhe a mão, Dallas começou um jogo que jogariam pelo resto da vida.

— Você vai me dizer que me ama.

Sam franziu as sobrancelhas, um músculo tenso movendo-se em seu queixo.

— Devo lhe dizer isso pelo menos duas vezes por dia. Até telefone para o seu escritório... — Aí, a expressão fechou-se ainda mais, escondendo uma leve esperança. — O médico disse que já podemos...

Dallas sorriu ao notar-lhe a ansiedade, puxando-o pela mão para os lençóis de botões de rosas. Quando Sam deslizou para o seu lado, ela enroscou o corpo nu ao dele, abraçou-o, beijando-lhe o lóbulo da orelha. Descobrira que era um lugar muito suscetível.

— Diga que me ama — ela pediu, permitindo que suas mãos acariciassem o corpo forte e musculoso.

— Vai ter de me obrigar — ele a desafiou, rindo. — Mas seja gentil — sussurrou, um pouco depois.

Mais tarde, Sam conseguiu dizer:

— Eu te amo.

